

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (CCE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Kathia Raquel Piauilino Santos

**CONFETOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICO-
PROFISSIONALIZANTE SOBRE OS AFETOS NA ESCOLA:
uma pesquisa sociopoética**

TERESINA-PI

2013

KATHIA RAQUEL PIAUILINO SANTOS

**CONFETOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICO-
PROFISSIONALIZANTE SOBRE OS AFETOS NA ESCOLA:
uma pesquisa sociopoética**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação Professor Mariano da Silva Neto, Universidade Federal do Piauí, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.

TERESINA

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S237c Santos, Kathia Raquel Piauilino.
Confetos produzidos por alunos de uma escola *
técnico-profissionalizante sobre os afetos na escola
[manuscrito] : uma pesquisa sociopoética / Kathia Raquel
Piauilino Santos. – 2013.
217 f.

Cópia de computador (*printout*).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do
Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

"Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa
Adad".

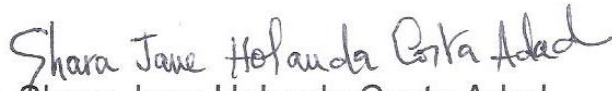
1. Afetividade - Educação. 2. Colégio Agrícola.
3. Sociopoética. I. Título.


CDD 370.152 3


KATHIA RAQUEL PIAUILINO SANTOS

**CONFETOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICO-
PROFISSIONALIZANTE SOBRE OS AFETOS NA ESCOLA:
uma pesquisa sociopoética**

Aprovada em 27 de fevereiro de 2013.


Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad
Orientadora


Profa. Dra. Sandra Haydée Petit
Examinadora Externa


Profa. Dra. Maria do Carmo Alves Bomfim
Examinadora Interna

Prof. Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior
Examinador (Suplente)

Aos meus amados pais, por terem cuidado tão bem de mim, e muito lutaram para que eu pudesse sonhar... A Ana Carolina, pedaço de mim, um presente de Deus que alegra minha vida e me fez seguir até aqui!

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como esse não se faz sozinho. Reúne-se um bando para colocar em movimento um pensamento, um conceito, um lugar. Nunca estive só. Nunca falei só. Por isso é preciso agradecer...

Em primeiro lugar agradeço a **Deus**, força maior que me concedeu a possibilidade de buscar constantemente minha evolução e de perseguir minha construção como ser humano a cada dia, a cada momento, a cada respirar.

Aos meus queridos pais, **Gil e Maria Helena**, por cuidarem tão bem de mim e por me concederem tanto amor e carinho que chega a transbordar na vida das demais pessoas.

À amada e querida filha **Ana Carolina** razão da minha vida que, desde seus primeiros anos, caminha junto comigo inspirando sonhos e me fazendo acreditar em possibilidades para sua concretização. Esse momento também é seu!

Ao **Tetuca** pelo seu exemplo de dedicação, responsabilidade e compromisso em realizar projetos de vida.

Aos meus irmãos, **Teresa, Ana e Júnior**, por fazerem parte do meu mundo dos afetos.

Às minhas sobrinhas e também filhas do coração, **Alyne e Melyssa**, obrigada pelo carinho e amor.

À querida **Shara Jane**, minha orientadora, que com seu entusiasmo, paciência, amor, profissionalismo, amizade e incentivo me ajudou a encontrar as trilhas e captura desse trabalho. Obrigada por me fazer descobrir o prazer de pesquisar, me ensinar a “pescar o peixe”.

Aos copesquisadores que me deram a oportunidade de estar escrevendo esta história, a tantas mãos..., **Emerson, Tatiane, Walquíria, Allan, Bianca, Gabby, Brenda, Andressa, Laurinda** que se despojaram de seus saberes e com alegria, coletivamente produziram os dados que tornaram possível essa dissertação.

Aos companheiros e amigos do curso de mestrado, **Elisa, Teka, Ademir, Maurício, D. Luzinete, Aliete, Lílian, Verbena, Francimeiry, Martten, Ricardo, Soraya, Nelson, Seu Martinho**, e em especial a querida **Lulu** que com sua sincera amizade soube dividir comigo dúvidas, anseios, angústias e sonhos, e a energética companheira sociopoética **Cristiane** que com sua habilidade e agilidade com as técnicas soube me dar o suporte certo nas horas incertas. A todos, meu muito obrigada pelos momentos de alegria, apreensão, e também pela divisão dos

conhecimentos na sala de aula. A marca de cada um de vocês vai ficar pra sempre gravada na minha memória afetiva.

Agradeço à minha “mãe postiça”, **Nilva**, pelo sentimento maternal traduzido pelo vínculo familiar estabelecido, pelas horas de sorriso e descontração nas horas de lazer das nossas oficinas.

Ao apoio trazido pelas mãos sensíveis e pelo ombro amigo da co-facilitadora **Pollyana Ramos**.

Ao **Maurício Ribeiro Sena**, que com seu conhecimento de informática, várias vezes salvou meu trabalho e me ajudou na sua formatação.

A todos os **professores, servidores, terceirizados, companheiros** do Colégio Agrícola de Bom Jesus, obrigada por tornar a minha casa profissional um ambiente afetivo!

À **diretora do CABJ**, Profa. Oldênia, pelo apoio dado ao curso e pela realização da minha pesquisa nos espaços da escola.

Aos **professores** do programa de Pós Graduação da UFPI que tanto contribuíram para minha formação.

À **Universidade Federal do Piauí** por ter me dado condições de ter cursado o mestrado.

A todos aqueles que direta ou indiretamente me deram guarida para os momentos em que eu mais precisei, enviando sempre muita energia para que a conclusão deste trabalho fosse uma realidade. E saibam que este trabalho tem, interconectado, várias mãos, vários olhares, várias pessoas. Sozinha não conseguira tamanha beleza sem a contribuição de todos, de todas, cada um e cada uma.

Enfim, agradeço a todos os seres que deram sentido e significado a esta pesquisa, alguns dos quais inomináveis. Ratificando a importância de termos sempre uma canção de agradecimento no coração! Como uma das possibilidades de caminho à felicidade, plenitude e paz!

RESUMO

A presença dos afetos na escola e o que pode o corpo na produção de conhecimentos representam o desafio e a tônica dessa pesquisa: um olhar para além do paradigma cartesiano instalado nas mais diversas modalidades de ensino, em específico nessa pesquisa, o ensino técnico. Dentro dessa concepção, este estudo tem como objetivo geral: analisar os “confetos” (conceito + afeto) produzidos sobre os afetos na escola pelos alunos dos cursos técnicos do Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ) e como específicos: Identificar formas de pensar os afetos na escola; Identificar as problemáticas que atravessam os alunos em torno dos afetos na escola; Perceber o que potencializa os alunos diante das problemáticas em torno dos afetos na escola. Para a discussão desta temática foram utilizados os estudos de Espinosa (2009), Merçon (2009), Gleiser (2005), Maturana (1991), Wallon (1975), dentre outros. Utilizou-se ainda Gauthier (1999), Petit (2002) e Adad (2011) no âmbito do método Sociopoético que compreende a produção de conhecimento com o corpo todo e em grupo, utilizando técnicas artísticas com grupos de resistência. A pesquisa de campo foi realizada no Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ), formando um grupo-pesquisador misto de 09(nove) alunos, meninos e meninas, dos cursos técnicos de agropecuária, enfermagem e informática. As técnicas de produção de dados foram o Trajeto dos Afetos na Escola e as Esculturas dos Afetos na escola. A pesquisa teve como resultado a produção de “confetos” (conceito + afeto) heterogêneos sobre os afetos na escola sistematizados em duas linhas presentes no pensamento do grupo sobre o tema questão. A primeira linha: Problemas e potencialidades do convívio com os afetos na escola estão presentes nos seguintes confetos: afeto união, afetos pregos, corpo barco solidariedade e afeto panela solidariedade. A segunda linha: Problemáticas sobre os afetos que atravessam os alunos na escola apresentam os seguintes confetos: afeto obstáculo compromisso, afeto tristeza na escola, afeto responsabilidade e afeto obstáculo compromisso preocupação. A pesquisa, portanto, permitiu uma aproximação com o pensamento do grupo por meio dos confetos produzidos e das respectivas problemáticas e potencialidades vivenciadas por estes jovens alunos na escola, encarando-os como sujeitos históricos e de direitos, produtores de saberes. Neste caso, o resultado deste trabalho poderá possibilitar aos discentes, educadores, entre outros profissionais que estejam envolvidos no processo ensino aprendizagem a

superação de paradigmas e práticas pedagógicas que negam a existência dos afetos na escola e anulam o corpo no processo de construção de conhecimento.

Palavras-Chave: Afetos na escola. Jovens. Colégio Agrícola. Sociopoética.

ABSTRACT

The presence of the affections in the school and what can the body in the production of knowledge represent the challenge and the tonic of that research: a glance for a lot besides the Cartesian paradigm installed in the most several teaching modalities, in specific in that research, the technical teaching. Inside of that conception, this study has as general objective: To analyze the "confetos" (concept + I affect) presents in the students' of the technical courses of Colegio Agrícola de Bom Jesus (CABJ) on affections in the school and as specific: To identify other forms of thinking affections in the school; To identify the problems that cross the students around the affections in the school; To notice what potentiates the students before the problems around the affections in the school. For this discussion Espinosa's studies were used (2009), Merçon (2009), Gleiser (2005), Maturana (1991), Wallon (1975) concerning the concept of affections, among others. It was still used Gauthier (1999), Petit (2002) and Adad (2011) in the extent of Sociopoética that understands the knowledge production with the whole body and in group, using artistic techniques with resistance groups. The field research was accomplished at Good Jesus' Agricultural School (CABJ), forming a mixed group-researcher of 09(night) students, boys and girls, of the technical courses of farming, nursing and computer science. The method sociopoético was used with the techniques of production of data entitled the Itinerary of the Affections and the Sculptures of the Affections. After the production of data, it was made the analysis where was evidenced the lines of the thought of the group. The first line: Problems and potentialities of the conviviality with the affections in the present school in the following confeto: I affect union, affections nails, body boat solidarity, I affect pot solidarity. The second line: Problems on the affections that cross the students in the present school in the following confetos: I affect obstacle commitment, I affect sadness in the school, I affect responsibility, I affect obstacle commitment concern. The research, therefore, it allowed an approach with the ideas and those young students' confetos, facing them as historical subjects and of rights, producing of know. In that case, the result of this work can make possible to the students, educators, among other professionals that are involved in the process teach learning the overcoming of paradigms and pedagogic practices

that you/they deny the existence of the affections in the school and they annul the body in the process of knowledge construction.

Keywords: Affections in the school. Young. School Agrícola. Sociopoética.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Sala dos Professores	37
FIGURA 2: Bloco de Sala de Aulas	37
FIGURA 3: Ginásio Poliesportivo	38
FIGURA 4: Setor Administrativo	38
FIGURA 5: Pracinha do CABJ	38
FIGURA 6: Momento do Recreio dos Alunos	38
FIGURA 7: Produção das Máscaras	42
FIGURA 8: Produção das máscaras	42
FIGURA 9: Máscara Gabby	42
FIGURA 10: Máscara Bianca	43
FIGURA 11: Máscara Walkíria	43
FIGURA 12: Máscara Emerson	44
FIGURA 13: Máscara Laurinda	44
FIGURA 14: Máscara Andressa	45
FIGURA 15: Máscara Allan	45
FIGURA 16: Grupo Pesquisador	46
FIGURA 17: Grupo Pesquisador	50
FIGURA 18: Brincadeira das Bolas	51
FIGURA 19: Brincadeira das Bolas	51
FIGURA 20: Relaxamento	51
FIGURA 21: Relaxamento	51
FIGURA 22: Produção dos Dados	53
FIGURA 23: Produção dos Dados	53
FIGURA 24: Avaliação	64
FIGURA 25: Avaliação	65
FIGURA 26: Avaliação	65
FIGURA 27: Avaliação	65
FIGURA 28: Avaliação	65
FIGURA 29: Avaliação	66
FIGURA 30: Avaliação	66
FIGURA 31: Avaliação	66
FIGURA 32: Avaliação	67

FIGURA 33: Ciranda.....	67
FIGURA 34: Ciranda.....	67
FIGURA 35: Almoço.....	68
FIGURA 36: Almoço.....	68
FIGURA 37: Descanso.....	68
FIGURA 38: Descanso.....	68
FIGURA 39: Painel das Fotos.....	69
FIGURA 40: Brincadeira das Bolas.....	97
FIGURA 41: Brincadeira das Bolas.....	97
FIGURA 42: Balé das Mãos.....	98
FIGURA 43: Balé das Mãos.....	98
FIGURA 44: Roda de Embalo.....	107
FIGURA 45: Finalização.....	107
FIGURA 46: Análise dos Dados.....	108
FIGURA 47: Análise dos Dados.....	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
1. A Relação entre os Afetos na Escola e A História do Ensino Técnico	15
1.2 Entre Corpos, Afetos e Conhecimento: Uma Possibilidade de Encontros	27
CAPÍTULO II	
2. FOI DADA A PARTIDA: O ENCONTRO COM A SOCIOPOÉTICA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
2.1 Viajando por Novos Caminhos: Aportes teóricos da Sociopoética	32
2.2 Viajando por Mares Conhecidos: Negociando o Território da Pesquisa	37
2.3 A Escolha dos Novos Tripulantes.....	39
2.3.1 Primeira Oficina: Negociação da Pesquisa com os jovens e a Formação do Grupo Pesquisador	40
CAPÍTULO III	
3. O TRAJETO DOS AFETOS NA ESCOLA	47
3.1. Segunda oficina: Produção dos Dados	47
3.1.1. I Momento da Técnica do Trajeto dos Afetos na Escola	51
3.1.2. II Momento da Técnica do Trajeto dos Afetos na Escola	52
3.2. Análise dos dados pelos copesquisadores da Técnica do Trajeto do Afeto na Escola	69
3.3. Análises dos dados da técnica do trajeto dos afetos feita pela facilitadora.....	72
3.3.1. Análise plástica das Imagens dos corpos-barcos dos afetos.....	72
3.3.2. Resultado da Contra Análise do Rap do Trajeto dos Afetos na Escola	75
3.3.3. Análise Classificatória dos Relatos Orais	78
3.4. Estudos Transversais	79
3.5. Resultado da Contra Análise.....	84
CAPÍTULO IV	
4. AS ESCULTURAS DOS AFETOS NA ESCOLA	96
4.1. Terceira oficina: Produção dos Dados	96
4.2. Análise dos dados pelos copesquisadores da Técnica da Escultura dos Afetos na Escola	107
4.3. Análise dos dados pela Facilitadora	110
4.3.1 Análise Classificatória dos Dados Orais.....	110
4.4 Estudos Transversais.....	110
4.5 Resultado da Contra Análise.....	116
CAPÍTULO V	
5. MOMENTO FILOSÓFICO: A PRODUÇÃO DOS ACHADOS PERMITIDOS PELOS ENCONTROS	122
6. ENTRELAÇANDO ACHADOS: UMA CONCLUSÃO PROVISÓRIA	128
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE A	134
APÊNDICE B	176
APÊNDICE C	193

INTRODUÇÃO

As emoções norteiam minha vida. São elas que impulsionam, permeiam, qualificam, e enchem de significado minhas ações. Em cada ato, forma de dizer, agir ou pensar perpassam muitas emoções. E sem nos darmos conta, elas emergem, subvertem, tumultuam, contagiam nosso viver. Afloram e adentram os mais diversos lugares de convivência social. Irrompem espaços trazendo alegria, felicidade, pigmentos necessários para fazer do nosso mundo um ambiente leve, colorido e carregado de afetos.

Desse modo, o meu tema de pesquisa nasceu de um desejo, o desejo de conhecer os caminhos dos afetos na escola e seguir suas trilhas, me envolver. Justifico isso utilizando as palavras de Adad (2004), que diz que o interesse por um tema surge da curiosidade ou de outros aspectos da própria vida.

Creio que nenhum trabalho surge do acaso, mas sim da própria vida, de alguma das suas circunstâncias. A escolha do tema é sempre um processo que surge de nossas experiências, preocupações e paixões e que nos leva à busca, nos põe em movimento. [...] Ou seja, a pesquisa não é um ato apartado da vida pessoal, afetiva e emocional do pesquisador. (ADAD, 2004, p. 16.).

Ao escolher falar sobre afetos na escola, quero dizer que esta opção tem relação direta com meu viver, meu caminhar, pois acredito que são os laços afetivos que abrilhantam e reforçam nossos atos enquanto pessoa que convive, partilha e se doa. Sempre fui uma pessoa emotiva, que acredita no poder dos sentimentos, por isso entendo que no universo do nosso convívio existem relacionamentos que unem e separam, mas que acima de tudo, um ser humano só se constitui plenamente quando estabelece vínculos estando em convivência com outras pessoas.

[...] Construimos o mundo a partir dos laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadora de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. (BOFF, 2007, p.99).

Não lembro ao certo quando fui invadida pelo desejo de querer mergulhar no universo dos laços existentes entre afetos e suas relações com a escola. Recordando alguns momentos de minha trajetória de vida, seja pessoal ou

profissional, encontrei elementos que justificam este interesse e que me enchem de alegria. Também posso afirmar que a escolha do tema se deu por acreditar que são as ligações afetivas que impulsionam minhas atividades enquanto educadora, e que por meio deles podemos reconstruir o mundo e o conhecimento.

A memória afetiva faz recordar de forma agradável a fase da minha infância, a lembrança gravada que tenho são de bons momentos vividos, por isso posso afirmar que esta foi rodeada de carinho, atenção e estímulos. Também lembro que nos primeiros anos de escola sempre encontrei professores que demonstravam afetividade. Não recorro de nenhum que tenha deixado cicatrizes durante o percurso na educação. As recordações que tenho são de salas de aulas alegres, positivas, onde o clima de amizade e os gestos afetuosos foram facilitadores do processo ensino aprendizagem. Para mim, a escola sempre se configurou como espaço de motivação e alegria.

Hoje, exercendo a profissão docente no Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ), uma instituição educacional com modalidade de ensino técnico, posso dizer que essa trajetória acima descrita deixou em mim marcas significativas que me levou a um processo de buscas e desafios em relação aos afetos necessários no ambiente escolar, de modo que influenciou também a minha percepção de educadora que concebe a sala de aula como um espaço pedagógico complexo, contraditório, mas ao mesmo tempo um espaço privilegiado, carregado de sentimentos e emoções.

O Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ), meu território profissional, é uma escola profissionalizante em nível de segundo grau vinculada a Universidade Federal do Piauí (UFPI). Minha atuação docente nessa instituição corresponde a um exercício de seis anos como professora substituta e sete anos como efetiva. Vivenciando por algum tempo essa modalidade educacional, justifico que a motivação em estudar sobre os afetos nesse espaço surgiu após ministrar aulas semestralmente em um dos cursos técnicos oferecidos por esta Unidade de Ensino, onde por meio das vozes dos alunos, senti certa insatisfação, e que, para alguns discentes, o ensino técnico se configurava como algo despotencializador, triste, para outros, a postura emocional de alguns docentes apresentava-se de maneira fria, distante das suas realidades.

Por sua vez, entre nós os professores, em conversas informais, havia queixas recorrentes da desmotivação dos alunos para com os conteúdos de suas disciplinas, mostrando-se preocupados por não saberem o que fazer para motivá-los. Observo,

entretanto, que esta realidade aponta para desníveis de entendimento nas relações em sala de aula, indicando à importância de se discutir, estudar de modo aprofundado a temática dos afetos na escola.

Assim sendo, falar sobre os afetos na escola e suas relações com a produção de conhecimento é também falar da essência da vida humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do ser humano com os outros, num contexto de inter-relações. E tendo em vista que o ser humano é um ser desejante e que da relação com o outro emerge a sua incompletude, seus defeitos e imperfeições, senti então, a necessidade de mergulhar nesse universo de tantas contradições.

A afetividade é o território das emoções, das paixões e sentimentos, a aprendizagem, território do conhecimento, da descoberta, e embora estejam cartografados em mapas diferentes, eles inter-relacionam-se. Não há como separá-los. Desta forma, entendo que é preciso superar essa dicotomia e reconhecer que educar é um fenômeno holístico com implicações que repercutem em todas as dimensões do humano. Para Maturana (1999), aprender implica em transformar-se em coerência com o emocionar. Resulta de uma história de interações recorrentes onde dois ou mais sistemas vivos interagem, transformando-se mutuamente. Para esse autor, a tarefa educativa sólida somente pode realizar-se através dos sentimentos, quando priorizamos a formação do SER, tendo como foco de atenção principal o seu FAZER, já que o SER e o FAZER também estão imbricados. Potencializando o FAZER, estaremos, simultaneamente, potencializando o SER.

Dentro dessa complexa relação, onde educar significa emocionar, resolvi observar a dinâmica estabelecida por estes dois aspectos no contexto acadêmico, mais precisamente em uma instituição de ensino que se coloca a disposição da formação profissional, o meu território profissional. Esses aspectos me fizeram refletir, preparar meu caminho e reforçar o desejo de construir conceitos sobre o que pensa o aluno do curso profissionalizante sobre os afetos na escola.

Diante do exposto, resolvi fazer algumas reflexões que me auxiliaram a problematizar o tema pesquisado, senão vejamos: Quais os confetos dos jovens alunos do CABJ sobre os afetos na escola? Quais os problemas que mobilizam esses jovens alunos em torno desse tema? Que outras formas de pensar ou problematizar os afetos na escola? O que pode o corpo ou os jovens alunos diante dessa problemática?

E acerca dos meus questionamentos, percebo que mais do que oferecer respostas prontas o mais importante foi ouvir dos próprios alunos o que dizem e sugerem sobre este assunto. Desta forma, a proposta desta investigação parte do desejo de não apenas estudar os discursos especializados sobre afetos na escola, mas tem como objetivo privilegiar o aluno da escola técnica e pública dentro de sua lógica. Acredito, portanto, que posso entendê-los como instância de formulação de ações propositivas, criativas e como interlocutora que constrói códigos próprios de referência de mundo com lógicas diversas.

Tendo como base tais questionamentos construí o objetivo geral da minha pesquisa, que é: Analisar os “confetos” (conceito + afeto) presentes no pensamento dos alunos dos cursos técnicos do Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ) sobre afetos na escola . E com a cabeça permeada de afetos, e cheia de indagações que, em sintonia com o objetivo geral, construí os objetivos específicos da pesquisa: Identificar outras formas de pensar afetos na escola; Identificar as problemáticas que atravessam os alunos em torno dos afetos na escola; Perceber o que potencializa os alunos diante das problemáticas em torno dos afetos na escola..

Para a captura dos resultados acerca dos confetos produzidos sobre afetos na escola, realizei minha pesquisa á luz da Sociopoética, método filosófico de pesquisa, onde se produz conhecimento com o corpo todo, com as emoções, de forma democrática e participativa. Com a Sociopoética, existe a possibilidade de tentar trazer o corpo inteiro para o pesquisar, para o conhecer (ADAD, 2004, p.84). E foi assim, que mergulhada no mundo dos afetos que percebi com essa nova abordagem de pesquisa uma parceria perfeita para realizar o meu trabalho de pesquisa.

É preciso, porém, desconstruir os conceitos acerca de afeto já instituídos pela nossa sociedade. Justifico isso, partindo da ideia de Deleuze que nos coloca que “O primeiro princípio da filosofia é que os universais não explicam nada, eles próprios é que devem ser explicados” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 15). Assim, entendo que quando se trata de assuntos relacionados à educação, principalmente no campo das emoções, há certo impedimento no que se refere ao surgimento de novos conceitos, a formulação de um pensamento que não esteja previamente determinado em métodos anteriormente formulados. Para Deleuze uma produção filosófica tem sentido quando se (re) desenha novos mapas conceituais. Segundo o autor, a produção filosófica é uma sequencia de encontros; encontros de ideias, de escolas

filosóficas, de filósofos, de acontecimentos, pois ninguém produz do nada, a produção depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo.(DELEUZE, 1992

Dentro dessa abordagem, este trabalho encontra-se dividido em seis capítulos. No **Capítulo Um- A Relação entre os Afetos na Escola e A História do Ensino Técnico** - apresento uma maior aproximação com o tema dos afetos na escola, sua importância e relevância na aquisição e produção de conhecimento, uma breve retrospectiva da história do surgimento da educação profissional, como foi pensada, como surgiu e chegou até o sul do Estado do Piauí, a fundamentação teórica do trabalho através do pensamento de vários autores.

No **Capítulo Dois- Foi Dada a Partida: O Encontro com a Sociopoética e os Procedimentos Metodológicos** - apresento o processo metodológico e como se deu o meu encontro com a Sociopoética. Explano sobre o método utilizado para realização da pesquisa, suas trilhas, o como é pesquisar com o corpo todo, construindo conhecimento coletivo através de um pesquisar democrático. Explico, também, como foi a negociação do território da pesquisa e a formação do grupo pesquisador

No **Capítulo Três- O Trajeto dos Corpos-barcos dos Afetos na escola** - Descrevo detalhadamente a realização da 1ª técnica que foi utilizada para a produção de conceitos sobre afetos na escola, momento em que por meio de uma viagem imaginária em corpos-barcos se construiu uma cartografia dos afetos na escola expressas nos relatos orais. Neste capítulo, apresento, ainda, as produções e as análises dos dados pelos copesquisadores, além do resultado da análise realizada pela pesquisadora, evidenciando os confetos (conceitos+afetos) e seus respectivos problemas nos estudos transversais e na contra análise.

No **Capítulo Quatro- As Esculturas dos Afetos na Escola** - Neste momento falo da realização da 2ª Oficina Sociopoética e como se produz dados para um trabalho de pesquisa através da criação de esculturas de argila. É interessante conhecer como essas esculturas ganham vida, voz e identidade, e se transformam nas esculturas dos afetos, para através delas os copesquisadores dizerem o que pensam sobre os afetos na escola, através da produção de conceitos. Neste capítulo, apresento, ainda, as produções e as análises dos dados pelos copesquisadores, além do resultado da análise realizada pela pesquisadora,

evidenciando os confetos (conceitos + afetos) e seus respectivos problemas nos estudos transversais e na contra análise.

No **Capítulo Cinco – Momento Filosófico– Resultado dos Encontros-**apresento a análise filosófica – momento em que coloco meu olhar filósofo sobre os achados da pesquisa. Procuo me emaranhar no pensamento do grupo para que embebida pelo momento possa confrontar as ideias e os confetos produzidos pelos copesquisadores com os estudiosos da temática.

No **Capítulo Seis – Considerações Finais –** mostro os meus achados. Amplio meu olhar a respeito de ideias cristalizadas sobre os afetos na escola, pois desfaço as certezas do início da pesquisa que cedem lugar a outros olhares. Deixo-me transbordar em busca de um novo caminho, uma nova caminhada. Espero então que com este trabalho, realçar a importância da aprendizagem permeada pelos afetos que se constitui num dos maiores prazeres emocionais que o mundo humano conhece. É relevante, portanto, falar de afetos nesse complexo sistema, pois nesse processo é a interação humana de troca contínua que possibilita ou o fracasso ou o sucesso, tanto do professor quanto do seu educando.

E como *quem não tem medo do canto das sereias e se arrisca a navegar nos mares trovoadosos e nevoeirosos do pesquisar* (Gauthier, 1999, p.85) propus-me fortemente a mergulhar no maravilhoso mundo dos afetos.

1. Relação entre os Afetos na Escola e A História do Ensino Técnico

"[...] o afeto propõe fortes e miúdas reminiscências". Por essa mesma proximidade, tanto e muito me escapa; fino, estranho, inacabado, é sempre o destino da gente."
Guimarães Rosa

A sociedade contemporânea está marcada pelo estilo de vida voltada para a técnica, para o individualismo, para o resultado, para o sucesso a qualquer preço. Assim, tenta abafar ou relegar a segundo plano as emoções, as diferenças, as relações humanas, a importância do outro, a afetividade.

A escola, inserida nesse sistema macro, sofre influências deste contexto, entretanto não deixa de ser reconhecida como um espaço de multiplicidades, onde diferentes valores, experiências, concepções, culturas e relações sociais se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Diante dessa rica heterogeneidade que lhe permeia, percebo que a escola se deixa influenciar por esse mundo onde os aspectos subjetivos e afetivos do ser humano parecem ser desconsiderados. O aprender a conhecer, pensar, fazer, ser e viver com o outro se alterna e confronta com o cumprimento de estratégias e intervenções afinadas à razão, caracterizadas pelo julgamento objetivo e racional em relação à vida, tudo me levando a crer que a escola continua priorizando o conhecimento racional em detrimento das relações afetivas, conforme Maturana que diz

Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional (2002, p.15).

E é esse emocionar que nos impulsiona para a busca de um olhar que contemple a escola como espaço de desejos, encontros e afetos.

Nas relações sociais, em todos os lugares, acredito que são os vínculos sentimentais que engrandecem e reforçam nossos atos enquanto pessoa, são eles que nos impulsionam a agir, a ir ao encontro do outro e a perceber que a emoção é algo pertinente a todo ser humano. A respeito disso Boff diz que,

[...] se evidencia que o dado originário não é o logos, a razão e as estruturas de compreensão, mas o pathos, o sentimento, a capacidade de simpatia e empatia, a dedicação, o cuidado e a

comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. (2007, p.02).

Viver em sociedade é algo complexo. Conviver, interagir e aprender com outras pessoas ainda é muito mais. A relação afetiva construída nessas situações desperta em nós o desejo de voar rumo a novos horizontes, a ir à busca de encontros alegres que façam a nossa vida virtuosa e feliz. E como afirma Le Breton (2009, p. 111) “O homem está afetivamente presente no mundo”.

A todo o momento estamos sentindo, agindo e pensando o mundo, fazendo coisas, travando relações e ações que confirmam que a afetividade permeia toda a vida do ser humano seja em casa, na escola, ambiente de trabalho, dentre outros espaços. Em toda a vida, ela é desígnio fundamental para construção do ser humano em plenitude.

A afetividade desvela-se como atributo de uma prática interdisciplinar que se manifesta por meio do diálogo intersubjetivo e intencional vivenciados pelos sujeitos no quadro desenhado pelo movimento das cores que revestem as relações e as interações destes no ato educativo. Ela é o pigmento que resulta das interações entre os sujeitos, propiciando o brilho, a intensidade e a aproximação nas relações que se estabelece. (RANGHETTI, 1994, p.84)

Comungo da ideia de que as relações afetivas afloram e adentram nos mais diversos ambientes, dentre eles o ambiente escolar, pois sendo um espaço permeado de emoções, rico em vivências que nos convidam a viver as relações afetivas, nos convida aos bons encontros! Encontros com colegas, professores, experiências. Encontros que nos possibilitem encantamentos, alegrias, embora, muitas vezes, devido a sua organização institucional somos levados a pensar a escola como lugar da falta, do descaso e da negação. Como seria possível descartar sentimentos nesse espaço que carece tanto de troca, envolvimento, encontros? Assim,

Viver o encontro é descobrir-se a si mesmo para descobrir o outro, é comunicar-se. É estabelecer uma parceria com a vida, é estar em sintonia, é envolver-se e deixar-se ser envolvido. É viver a própria afetividade sendo presença, acolhendo o outro para um renascer com – junto – em meio à diversidade das singularidades. Nesse sentido, vive-se uma experiência pedagógica capaz de manter em sua gênese a rigorosidade requerida pela ciência, porém temperada com a subjetividade dos atores e autores que fazem parte do movimento (conhecimento) que os colocou em relação. (RANGHETTI, 1999, p. 15).

Com esse pensamento, ratifico a ideia de que a afetividade tem papel fundamental no processo de desenvolvimento do ser humano como um todo, não podendo ser divorciada do processo ensino aprendizagem. A prática individualista da construção do conhecimento, que sobrevaloriza a aprendizagem cognitiva em detrimento das emoções e afetos deve ser superada. Dessa forma, entendo que é preciso pensar o sujeito para muito além da fragmentação entre pensar, sentir e agir.

Por conceber que o ato educativo pressupõe emocionar e o aprender encontra-se ligado a nossa capacidade de afetar e ser afetado resolvi desenvolver essa pesquisa tendo como cenário o meu território profissional, que tem como contexto a educação técnico profissionalizante, mais especificamente um de seus segmentos, o ensino técnico do Colégio Agrícola de Bom Jesus(CABJ).Como professora desta modalidade de ensino, percebi que historicamente, essa tendência caracterizada pelo seu perfil técnico não foi pensada na sua relação com os afetos.

O CABJ é uma unidade de ensino técnico profissionalizante vinculado a Universidade Federal do Piauí (UFPI), situada no município de Bom Jesus, localizado no sul do estado, a 643 km da capital do estado, Teresina. Foi criado no ano de 1982 através de uma Resolução do Conselho Universitário (CONSUN) nº 02/81, com o objetivo de atender aos anseios da comunidade local, bem como qualificar profissionalmente jovens que não dispunham de condições de deslocar-se para outros centros para dar prosseguimento aos estudos. Para compreender a história de instalação do CABJ, enquanto agente formador de profissionais para o mercado de trabalho é necessário que se compreenda também o processo histórico de implantação e valorização desse tipo de unidade educacional no Brasil e, em especial, no Piauí, a partir da década de 1950. E embora esse processo tenha ocorrido a partir da década de 1960, ele é um reflexo das reformas educacionais praticadas por Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde Pública do governo de Getúlio Vargas, na década de 1940 (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p.99).

No Brasil, este nível de ensino foi introduzido a partir do século XIX, mais precisamente em 1809, quando D. João VI criou o Colégio das Fábricas (FONSECA, 1961). Na ânsia de desenvolver as potencialidades do Brasil, todos os setores da vida nacional, incluindo-se o educacional, passaram a desenvolver uma política regionalizada e diferenciada. Ou seja, o planejamento das ações estatais e a implementação destas, bem como a alocação de recursos, incluindo-se aqueles

destinados à educação, notadamente a profissionalizante, deveriam atender às demandas específicas da dinâmica regional nacional, que seriam guiadas pelas demandas específicas do mercado de trabalho de cada região brasileira.

Orientando-se por tal perspectiva, nas áreas em que predominassem atividades agropecuárias como base da economia, a educação deveria preparar as pessoas para atuar como profissionais especializados nas funções daquelas atividades agropastoris. Quando se tratasse de uma região onde houvesse a concentração de indústrias e/ou do setor de comércio e serviços, a rede escolar deveria tornar os seus educandos aptos a desenvolver as atividades profissionais requeridas por esse mercado de trabalho.

Desta forma, desde a sua concepção, o ensino profissionalizante tem suas raízes históricas ligadas ao caráter assistencialista e direcionadas especificamente a formação de mão de obra, como destaca Gomes

Tradicionalmente, a escola sempre formou o homem que dirige separado do homem que produz, distanciando aqueles que se destinavam ao conhecimento da natureza e da produção, daqueles a quem eram entregues às tarefas de execução (2006, p.26).

A adoção dessa postura política educacional foi, portanto, a responsável pela implantação, na região Nordeste do Brasil, e em especial no Piauí, de unidades educacionais voltadas para o ensino agrícola. Nesse período foi criada, em 1954, a primeira Escola Agrotécnica do Piauí, na cidade de Teresina, embora sua instalação tenha se efetivado apenas 10 anos depois. Os argumentos para tal escolha residiam no fato de que a capital piauiense necessitava qualificar a mão-de-obra para atender às necessidades da economia agropecuarista desenvolvida na região, proporcionando o crescimento econômico da capital e do estado (CASTELO BRANCO, 2010, p.120).

Dentro dessa ótica, podemos também justificar o surgimento do CABJ no cenário educacional no município de Bom Jesus, visto que para a região, pautada pelo desenvolvimento agrícola e pecuário, a oferta de um curso técnico em agropecuária representaria avanços para o desenvolvimento econômico e social do referido município.

A partir da década de 1990, o Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ) passou a integrar a rede federal de ensino, onde após a assinatura de um termo, a Universidade Federal do Piauí (UFPI) o incorporou, tornando-o uma unidade

administrativa subordinada a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), e também vinculada ao Ministério de Educação e Cultura (MEC).

Por 25 anos, o CABJ ofereceu apenas o Curso Técnico em Agropecuária, mas para atender ao projeto de expansão da educação profissional do MEC/UFPI, o PROEP, aliado ao desenvolvimento populacional do município de Bom Jesus, bem como atender às exigências do mercado de trabalho da região, diversificou a sua oferta de cursos, assim em 2008 passou a oferecer o Curso Técnico em Informática e em 2010 o Curso Técnico em Enfermagem.

Atualmente, com seus quase 300 alunos, o CABJ oferece de forma concomitante o ensino médio e técnico nos cursos de Técnico em Enfermagem, Agropecuária e Informática, e o Técnico em Agropecuária e Informática na modalidade subsequente. De acordo com seu Regimento Interno, tem por finalidade, “a formação de técnicos á nível de ensino médio e observando os preceitos legais vigentes” (Regimento Interno, s/d, Art. 3º).

Dentre as características básicas do CABJ expressas no Art. 4º do seu Regimento Interno encontramos:

- a) Oferecer ao educando condições para o exercício de uma profissão a nível técnico; b) Integrar os técnicos no processo de desenvolvimento das regiões, fazendo-os perceber a importância de seu trabalho; c) Ministrando e desenvolver o ensino de atividades voltadas para um melhor aproveitamento dos recursos naturais, proporcionando ao educando uma formação profissional através da vivência das potencialidades e problemas reais de sua região; d) Integrar o CABJ nas comunidades, proporcionando um clima de cooperação permanente.

Compreendo, então, que além da tendência tecnicista, inicialmente como foi idealizado, o ensino técnico profissionalizante voltava-se apenas a serviço do mundo produtivo do mercado de trabalho, o qual definia as diretrizes e encaminhamentos a serem adotados e cumpridos, pautando a qualificação humana voltada para o ensino instrumental, relegando a formação dos sujeitos no plano dos afetos a segundo plano.

Hoje, o ensino técnico-profissionalizante representa dois lados de uma moeda de difícil interpretação. Se, por um lado, representa a possibilidade de um acesso mais rápido no mercado de trabalho, por outro lado, ele expõe o jovem estudante a uma educação compartimentalizada, onde necessariamente deve apenas não absorver instruções para o exercício de uma profissão, mas também adquirir

conhecimentos que levem esse jovem a apropriação de conteúdos básicos para a vivência em sociedade, como aponta a política educacional do Ministério da Educação e Cultura – MEC, a saber:

Aprender a aprender e a pensar, a relacionar o conhecimento com dados da experiência cotidiana, a dar significado ao aprendido e a captar o significado do mundo, a fazer a ponte entre teoria e prática, a fundamentar a crítica, a argumentar com base em fatos, a lidar com o sentimento que a aprendizagem desperta. (BRASIL, 1998, p. 38).

Neste caso, entendo que a aprendizagem nesta modalidade de ensino é um processo constante e contínuo entre a técnica, o mundo trabalho e o contexto de formação dos sujeitos envolvidos de modo mais global. Assim, a educação

Deve estar à disposição da ação e sua utilização pelo sujeito na intervenção de sua realidade posta. O aprendizado de uma determinada técnica simplesmente por acúmulo de informação sem a relação estreita com a prática contextual, perde a razão de ser. (BAUMAN, 2004, p. 111).

Diante do exposto interrogo: Como trabalhar uma educação que devolva aos sujeitos envolvidos nesse processo, a amorosidade, o sentimento de coletividade, de pertencimento, de solidariedade, de comprometimento com o outro? Pergunto isso apoiada no pensamento de Maturana (1991, p.22) que afirma que todas as ações humanas se fundam no emocional, independentemente do espaço operacional em que surgem. Para esse autor, “não há nenhuma ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato”.

Apesar dos avanços, essa temática continua por vezes sendo ignorada, e tradicionalmente ainda há a crença de que é possível trabalhar separadamente a habilidade técnica do aspecto politizador da educação, nos levando a crer que processo educativo concebe o ser humano desintegrado, o destituindo da sua potencialidade enquanto indivíduo ligado aos afetos, ser humano que vê no outro a possibilidade de construção, de encontros passíveis de entrelaçamentos e afetações. Desta forma, acredito ser necessário uma (re) significação do conceito de escola e seus espaços, em especial a escola técnica, pois hoje ela não pode ser vista apenas como espaço que abriga corpos, que compartimentaliza conteúdos, mas um local que acolhe, que proporciona encontros, prazer e encantamento, sendo muitas vezes o local de tempo integral desses sujeitos.

Entretanto, transformar o cotidiano escolar, onde a afetividade se faça presente e seja o elo facilitador no processo de absorção de conhecimentos intelectuais não é tarefa fácil, em especial para nós educadores:

[...] Nosso papel de professores e professoras, que ora contribuem para a promoção de corpos saudáveis e totais, ora contribuem para corpos divididos, estereotipados, cindidos e tristes. Professores e professoras que optam por uma pedagogia da cópia, da carência, da falta, ou por uma pedagogia da potência, da diversidade, das diferenças. (TRINDADE, 2002, p.72).

Assim, educar, no seu sentido mais amplo, é fazer emergir de dentro de nós desejos, paixões, sonhos mais complexos. É um apontar de possibilidades na construção de sujeitos que desenvolvam habilidades não apenas para entender o campo científico técnico e racional, mas priorizar o seu lado afetivo e emocional. Não é à toa que Rubem Alves (2001, p. 01-03) coloca que nossas escolas são construídas segundo uma linha de montagem e que conhecimentos e habilidades são definidos por agências governamentais a que se conferiu autoridade para isso. Os modelos estabelecidos por tais agências são obrigatórios, e tem a força de leis. O autor ainda nos diz que dentro dessa linha de montagem, as escolas se organizam em coordenadas espaciais e temporais. As coordenadas espaciais seriam as “salas de aula” e as temporais seriam as “séries” ou “anos”. Ainda dentro dessas coordenadas os professores realizam o processo técnico-científico de acrescentar sobre os alunos os saberes-habilidades que, juntos, irão compor o produto final, o conhecimento.

Assim, a escola e em especial a sala de aula, antes reconhecidas como lugares apenas de transmissão de conhecimentos fragmentados e disciplinares, distantes da realidade, dá vazão a uma série de discussões teóricas e metodológicas tendo em vista a escola e a sala de aula enquanto espaços “vivos”, onde os conhecimentos são construídos através da ação e encontro entre corpos, problematizando estes lugares com o objetivo de produzir novas e outras condições que favoreçam o aumento da potência de sentir, de pensar e de agir dos sujeitos envolvidos nestes espaços por meio de uma pedagogia dos afetos.

E o que seria afeto? O que pensar sobre essa força que nos move e que nos motiva? Ao procurarmos definição para o termo “afeto” encontramos que é originário do latim “afectivo”, que sob definição do dicionário Aurélio (2000) apresenta o seguinte conceito: “Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a

forma de emoções, sentimentos e posições, acompanhadas sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Dentro da perspectiva da psicologia educacional, encontramos teóricos que trabalharam a afetividade como fator primordial para a construção do indivíduo e sua aprendizagem. Segundo Piaget (1976, p.16), o afeto é papel fundamental no funcionamento da inteligência do homem, pois a vida afetiva e cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Wallon (1975), por sua vez, acredita que os aspectos intelectuais não podem ser separados do afetivo. Este autor defende uma evolução progressiva da afetividade, que inicialmente é determinada pelo fator orgânico e com o passar do tempo é fortemente influenciada pela ação do meio social. Podemos citar ainda Vygotsky (1991), que apesar da questão da afetividade não receber aprofundamento na sua teoria, este autor evidencia a necessidade das conexões entre as extensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano, submetendo uma abordagem concomitante das referidas extensões.

Na culminância desses conceitos, deixo-me transversalizar pelas concepções de Espinosa por que elas atendem melhor aos objetivos desta pesquisa ao entender os afetos como potência de ação. Neste caso, Espinosa (2009, p.98) define afeto como sendo “as afecções do corpo pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções”. Portanto, um afeto é uma afecção que faz aumentar ou diminuir a potência de agir. Quando esse afeto é potencializador ele aumenta a potência de ação do indivíduo, ou seja, favorece a realização dos seus desejos e ações. Ao passo que os afetos que diminuem a potência de ação dos sujeitos são considerados despotencializadores, gerando uma potência de padecimento que bloqueia a realização das ações e desejos do homem. Entendo desse modo, que são os afetos em cada ambiente e situação que levam as pessoas a agir, o que Espinosa chama potência de ação. (GLEISER, 2005).

Assim, de forma prática, as afecções nos fazem variar a potência de agir. Variação positiva na alegria; negativa, na tristeza. Espinosa (2009, p.134) define como bom, aquilo que compõe com nossos corpos e ideias, aquilo e aqueles que convêm a nossa potência de vida. Na filosofia espinosista, é no encontro, é na

relação dos corpos que o afeto se faz presente, e é isso que determina a maneira como esse corpo pode ser afetado. Para o filósofo, existe o chamado “bom encontro” que é quando os afetos produzidos foram de alegria, e também o “mau encontro” que nos diz que os afetos produzidos foram de tristeza e a potência de agir desse corpo foi diminuída. E dentro dessa ótica espinosana dos bons encontros, nos deparamos com a definição de aprendizado afetivo, compreendido como arte e voltado para afetos alegres. A respeito Merçon nos coloca o pensar,

Compreendido ainda como arte, o aprender voltado aos nossos afetos alegres expressa-se por pensamentos, gestos, cuidados e atenções[...] quando pensado como uma arte do encontro, constitui-se, portanto, como um processo do qual participam o desejo de construir configurações potentes [...]. Nosso pensar prepara-nos, assim, para o que pode potencializá-lo. (2009, p.80).

É preciso então reconhecer o papel potencializador que a educação desempenha na nossa vida, promovendo encontros, despertando nos sujeitos suas potências de pensar e agir, e que acima de tudo ofereça caminhos práticos para a transição de nossa passividade e impotência à atividade que alcançamos pelo exercício de nosso pensar e também pelo “[...] aprendizado afetivo que corresponda a um devir ativo [...], como um esforço para não sermos apenas dominadas pelas ilusões, que em muitos casos, são opressivas ou diminuem nossa potência de agir”. (MERÇON, 2009, p.69). Esta autora, diz ainda que

A potência da mente vê-se aumentada quando encontramos um corpo externo com o qual o nosso corpo convém. Isso ocorre porque um novo nível de integração é configurado [...] A Paixão alegre corresponde esse aumento em nossa potência de agir e entender. Por meio dessa expansão de nossas potências, experienciada com as paixões alegres, somos então induzidas a formar a ideia daquilo que é comum entre o nosso corpo e o corpo com o qual nos compomos [...] (MERÇON, 2009, p. 73).

Entre afetos, relações e cuidados, encontramos também Michel Foucault (1985) como intercessor de encontros ao tratar do cuidado de si, conceito que tomo enquanto afeto que permite também a potência de agir. O autor busca em Sócrates o termo grego epiméleia heautoû (em latim “curasui”) – o cuidado de si para referir-se à possibilidade dos homens realizarem sozinhos, ou com ajuda dos outros, operações sobre seus corpos e sobre suas almas, pensamentos, condutas, modos de ser para transformarem-se e, assim, atingir estado de felicidade. Para Foucault (1985, p. 57), a prática do cuidado de si não constitui “um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social”, pois quem cuida de si torna-se mais preparado

pra compreender e se relacionar com o outro. Desta forma, entendo que as práticas relativas ao cuidado de si representam possibilidades de discutir as relações pedagógicas que levam em consideração não apenas a produção de conhecimentos isoladas e perpassada de instrumentalidade, mas aquela realizada no contato com os outros, através de bons encontros e permeada de significativa carga afetiva.

Deste modo, para que os afetos encadeados e as redes estabelecidas nos cuidados de si e do outro sejam fatores motivadores para a produção e aquisição de conhecimentos, é necessário que a prática pedagógica realizada nesse espaço não aconteça isolada dos sujeitos envolvidos, pois sempre haverá uma relação com algum outro que será peça importante nesta interação, trazendo assim a relevância de pensar sobre esse outro e de como nos relacionamos com ele.

Nesse sentido, devemos nas relações que acontecem na escola, evidenciar o cuidado de si distante da conotação narcisista. O cuidado de si tratado aqui tem a ver com dimensões pouco valorizadas no mundo narcísico em que vivemos onde a agilidade de resultados e o aumento da produtividade são cobrados pelo mercado de trabalho, fazendo com que cada vez menos pensemos em nós mesmos em relação aos outros de modo a pensar sobre nossas vidas e suas implicações na formação das pessoas e nos afetos proporcionados pelos encontros entre elas.

Diante disso, percebo pelas vias afetivas a subjetividade da educação. Penso justificar isso pelo fato de que o ser humano só tem interesse por aquilo que sente, algo que propicie prazer, felicidade, algo que lhe emocione, e que os conhecimentos ofertados e apreendidos contribuam para a realização de seus desejos. E nisto consiste o maior desafio do educador da atualidade, provocar nos seus alunos “fome” para que eles se tornem seres incansáveis na busca de seus objetos de desejo. Assim, compreendo que nesse processo o educador emociona e é emocionado, afeta e é afetado, muda e é modificado, e nessas possíveis trocas cresce e provoca crescimento. A respeito Merçon (2009) nos diz que o aprendizado afetivo pode ser concebido ainda como o processo de ativação dos nossos desejos.

Partilhando dessa ideia, Rubem Alves (2004, p. 53) nos diz que “o pensamento é a ponte que o corpo constrói a fim de chegar ao objeto de desejo”, ratificando que o conhecimento é a extensão do corpo para a realização do desejo. Esses aspectos nos levam a crer que na relação “corpo x mente” há produção de conhecimento, propiciada pela paixão de aprender e a paixão de ensinar onde, nesse processo de troca, há um proliferar de manifestações e reações positivas ou

não, pressupondo-se que toda experiência de produção (aquisição) de conhecimento encontra-se ligada ao prazer. E quando o prazer não se faz presente, a aprendizagem passa a ser um processo meramente instrutivo, e o conhecimento vazio de emoções.

Assim, considero importante discutir novas possibilidades para pensarmos o cotidiano escolar, e principalmente reconhecer que a produção de conhecimentos se dá através da reunião entre, sensível e inteligível, ordem e desordem, experiência e informação, arte e ciência, sentido e técnica, entre mente e corpo.

Considerar o corpo nos processos de aprendizagem permite superar os dualismos instaurados e reafirmados pela Modernidade. Porque,

O corpo humano é o corpo que sente, percebe, fala, chama a atenção para o corpo que somo e vivemos. O corpo é presença concreta no mundo, porque veicula gestos, expressões e comportamentos das ações individuais e coletivas de um grupo, comunidade ou sociedade. (Trindade, 2002, p.66)

Desta maneira é interessante abordar a importância do corpo na aquisição do conhecimento já que vivemos e pensamos com o nosso corpo. Expressivo e significativo, o corpo não pode mais ser visto apenas como uma simples coleção de órgãos, mas acima de tudo, um ser intencional que se move em direção a um objeto. Segundo o pensamento de Deleuze acerca do ponto de vista de Espinosa sobre o corpo, encontramos a seguinte reflexão:

Como Espinosa define um corpo? Um corpo qualquer apenas o define de duas maneiras simultâneas de um lado um corpo, por menor que seja sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado quem também define um corpo na sua individualidade. (DELEUZE, 2002, p. 128).

O modo de conceber o corpo por Espinosa foi considerado uma resposta ao pensamento dualista de Descartes, autor da célebre frase “penso, logo existo”, que sugere enfaticamente a supremacia do pensamento sobre outras instâncias do ser humano. Para Espinosa não há separação entre corpo e mente, mas uma conexão entre ambos. O corpo para Espinosa é um indivíduo complexo formado de inúmeras pequenas partes. Nas palavras de Gilles Deleuze:

Cada leitor de Espinosa sabe que os corpos e as almas não são para ele nem substâncias nem sujeitos, mas modos (...). Todavia, se a gente se contentar em pensá-lo teoricamente, não será suficiente... Definiremos um animal, ou um homem, não por sua forma ou por

seus órgãos e suas funções. E tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos de que ele é capaz.” (DELEUZE, 2002,P1.29)

Para Espinosa, o autor da “Ética” (2009), mente e corpo são um só. Segundo ele a realidade humana é vista sob as abordagens física e mental, e quando vivemos, estamos no pleno equilíbrio entre essas duas partes, superando as tradicionais dicotomias existentes.

1.2 Entre Corpos, Afetos e Conhecimento: Uma Possibilidade de Encontros

A compreensão do espaço escolar como lugar privilegiado de afetos, relações e encontros entre corpos, remeteu-me a discussão sobre a importância do corpo como produtor de conhecimento, já que no meu entendimento a vivência do ato educativo é uma experiência que se dá através do corpo e sua relação com sujeitos da educação, não podendo negar que um aprendizado constitui-se através da arte do encontro entre corpos.

Falar do que pode um corpo diante do processo ensino aprendizagem significa ir além dos muros e barreiras que o processo estabelece e cria, pois nos modelos acadêmicos, nas práticas de ensino o que ainda vemos é a separação do corpo e da mente no processo de aquisição do conhecimento, é a negação de que o corpo possua papel fundamental na aprendizagem, ao contrário do que pensa Maturana (2009), pois para o autor “o corpo não nos limita, mas, ao contrário, ele nos possibilita” (2009, p. 53).

Dentro dessa perspectiva nosso corpo deve ser reconhecido como uma forma viva que se move e se manifesta de um modo sensível. Nossas práticas, nossas técnicas implicam gestos, posturas e movimentos nas interações que estabelecemos com outros corpos, objetos e pessoas. Daí, a necessidade de apreendê-lo de forma minuciosa, a partir dos mais diversos saberes próprios ao humano.

Para Espinosa, corpo e mente são duas modificações finitas. A mente é caracterizada como ideia do corpo. É, pois, por ser ideia do corpo que a mente experimenta o que passa através dele como afeto. Pela percepção de que a mente humana está unida ao corpo, reconhece que o conhecimento da mente é inferido pelo conhecimento do corpo, pois, não há como conceber a mente sem o corpo, e, tampouco, o corpo sem a mente (ESPINOSA, 2009, p.70).

Assim, entendo que sendo a escola reconhecida como espaço para compreensão e apreensão do conhecimento, deve configurar-se como local que ultrapassa a (re) produção da cientificidade. Deve ser repensada diferentemente da ideia como foi concebida, como um lugar antiemocional (CASASSUS, 2009, p.200), mas acima de tudo deve ser compreendida como uma organização de um sistema de relações que estruturam em torno da aprendizagem e a aprendizagem é função das emoções.

E a escola técnica que parece endossar a ideia da dicotomia entre afeto, emoção e aprendizagem precisa redimensionar seus propósitos visto que quando se trata da educação de seres humanos a modalidade não importa, o objetivo fim e maior deve ser a educação integral das pessoas, e não apenas a preocupação com o mundo das técnicas e a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Nesse sentido Freire (1996, p.37) nos diz que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

Nesse espaço educativo, onde o que vemos cotidianamente é a institucionalização de normas a seguir, observo certo controle diante do que os alunos devem pensar, do que devem ou não fazer, como devem sentir. Controla-se o tempo, o corpo, a mente, portanto, controlam-se as emoções. Para Foucault (2004), a escola é um lugar, assim como nos quartéis ou prisões: presença de disciplina forte. Na análise desse autor a escola é tida como o lugar onde o indivíduo tem seu corpo apropriado por técnicas que determinam o espaço e o tempo de seus movimentos, as regras que modelam suas atitudes, comportamentos e falas.

A escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino. (...) O treinamento de escolares deve ser feito da mesma maneira; poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais -sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, ou ainda aquele pequeno aparelho de madeira que os Irmãos das Escolas Cristãs usavam; era chamado por excelência o "sinal" e devia significar em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência. (. ..) O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles. (FOUCAULT, 1993, p 149-150)

Com uma vigilância hierárquica, observa-se que as técnicas, que permitem ver, supõem um controle e o registro do conhecimento minucioso das operações do

corpo, no movimento que ao mesmo tempo exerce poder e produz saber (registro do conhecimento sobre o corpo).

Desse modo, a escola que aí está não conseguiu ainda construir uma pedagogia, um saber, dispositivos práticos que se arriscasse a construir o novo, o inusitado, o diferente, invadindo e desinstalando o saber burocrático, intolerante, arrogante. Desse modo é antagônico e contraditório falar num processo aprendizagem onde corpo-mente pensamento-ação, afetos e emoção se façam presentes. E segundo MERÇON, o aprendizado ético-afetivo que tanto almejo jamais equivale a esse sistema normativo de regras, não encontra espaço numa educação organizada através de poderes morais, pois, é no âmbito da educação através de nossos corpos que nossas potências de pensar e agir devem ser favorecidos (MERÇON, 2009, p.123).

Desta forma, enquanto educadores que somos, devemos procurar meios e maneiras de expandir as forças de pensar e agir de nossos educandos, apesar de não termos garantias de que o que ensinamos se converta em um pensar ativo ou emancipador por parte daqueles que aprendem. Um ensinar ético, vigoroso e potente envolve, portanto, uma extensa e laboriosa preparação para aquilo que não pode ser antecipado ou controlado: o pensar. (MERÇON, 2009, p.154).

Assim, mergulhada intensamente no mundo dos afetos e sua relações com a escola, e inspirada no pensamento do filósofo Espinosa que nos coloca que o bem mais precioso que a humanidade dispõe é o seu pensar ativo, corroboro com suas ideias quando nos coloca que esse é um pensar carregado de afeto, um pensar que pode ser partilhado com e entre outros, um pensar que não se equipara a um modelo estático, alcançado através de um processo prefixado, mas um pensar que extravase barreiras e que seja a expressão de nossas potências que constantemente podem se modificar com nosso entendimento e desejo. E ainda, quando esse pensar atua em consonância com a aquisição de conhecimento, e envolve nosso corpo, a aprendizagem se caracteriza como criadora de infinitas possibilidades e o ambiente pedagógico instituído passa a ser um local de fascinação e inventividade.

2. FOI DADA A PARTIDA: O ENCONTRO COM A SOCIOPOÉTICA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Ensinar é pesquisar; e pesquisar sociopoeticamente é ensinar”. (Gauthier)

Na realização deste estudo optei por desenvolver uma metodologia que priorizasse um processo “de construção”, e não apenas “de descrição”. Parti desta concepção por entender a realidade como um processo em construção. Desejo ainda, com essa metodologia, inverter a posição dos sujeitos da pesquisa tirando-os da condição de fornecedores de dados, e possibilitando a atuação dos mesmos como participantes ativos da pesquisa, participando de todo o processo de produção do conhecimento. (SILVEIRA, 2004).

Compactuando com o nosso desejo de respeitar as singularidades encontrei a Sociopoética como método de pesquisa. Portanto, para começar esse capítulo se faz necessário relatar como se deu meu encontro com a Sociopoética. Assim, falar na metodologia escolhida para desenvolver uma pesquisa significa também construir e constituir o percurso do pesquisador.

E foi o que fiz. Meu contato com a Sociopoética iniciou-se através da seleção do Mestrado em Educação no final de 2010, onde tive a “sorte” e a felicidade de ter sido levada ao encontro da Prof.^a Dra. Shara Jane Adad, não apenas a futura orientadora, mas aquela pessoa que faria toda a diferença no doloroso caminhar de uma pesquisa.

Vale ressaltar que a Sociopoética, uma forma prazerosa de se pesquisar, caracteriza-se essencialmente pelo uso de métodos “poiéticos”, ligados a arte, que além de possibilitar a produção coletiva de novos conhecimentos pelo corpo, pode originar um conceito de cientificidade mais humano. Isso porque permite ao pesquisador a realização de uma pesquisa democrática e sensível:

A Pesquisa Sociopoética é um novo método de construção coletiva do conhecimento que tem como pressupostos básicos que todos os saberes são iguais em direito e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento poiético (grego poiesis=criação). (PETIT, 2002, p.34).

Depois desse contato breve e inicial entre orientador e orientanda, chamou-me atenção esse novo caminho metodológico que para mim despontava e que nem sabia existir. Confesso que esse início não foi muito tranquilo, pois percebi que dentro das mais diversas formas de pesquisar ainda há certa resistência ao novo, a

métodos de pesquisa que valorizem recursos lúdicos, que explorem o imaginário, a memória, a diferença. Inebriada por desejos e traída pela realidade acadêmica, creio que meu interesse em estudar a afetividade me fez perceber a importância dessa abordagem, e que poderia sim pesquisar não apenas valorizando o potencial pensante do homem. Assim, comungo da ideia de que as emoções podem e devem permear o caminho de uma pesquisa.

O sentimento do medo me invadiu e estive por muito tempo entranhado em meu frágil corpo, que ainda engatinhava procurando absorver as etapas do pesquisar. Apenas em março de 2011 fui invadida pelo sentimento de libertação, e meu corpo ainda que tímido, aceitou participar de um Curso de Formação em Sociopoética oferecido pela Prof.^a Shara. Cheia de indagações e curiosidade, meu corpo aos poucos foi se abrindo para esse novo caminho, e logo pude perceber que os princípios desse método eram compatíveis com os aspectos que eu desejava dar a minha pesquisa. O curso dado em apenas cinco dias foi capaz de transformações significativas em meu corpo enquanto pesquisadora. Posso afirmar que foi nesse percurso que embarquei numa viagem de descobertas e pude desvendar as reais diferenças entre a Sociopoética e as demais formas de pesquisar.

Todo processo de investigação requer do pesquisador uma abertura. Abertura para ver, escutar, deixar mobilizar-se por processos pessoais que possam emergir nessas circunstâncias e que estão, assumidamente, relacionados aos movimentos esboçados no esforço da investigação. O desafio é deixar-se levar, atentamente, pelo rumo dos acontecimentos e, nesse fluxo, construir territórios de sentidos. O pesquisador é um eterno viajante que está sempre conectado e conectando vários mundos culturais. Ao sair de casa e adentrar outras esferas da vida social, ele investe energia e a recebe na mesma proporção. Ele se modifica e modifica o mundo. (DIÓGENES, 1998, p.18).

Após vivenciar a experiência da Sociopoética neste curso, me constituí sociopoeta. E então, convicta e decidida de que tinha escolhido o rumo certo parti para a tão sonhada produção de “confetos” (conceito + afeto) que iriam dar brilho e vida ao meu trabalho, pois nessa abordagem metodológica,

Os conceitos não esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados, ou antes, criados e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.10).

Assim, pesquisar com a Sociopoética seria como dar língua para afetos que pedem passagem, caminhos que estejam mergulhados nas intensidades de seu

tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (RONILK, 1989, p.16).

2.1 Viajando por novos caminhos: aportes teóricos da sociopoética.

A Sociopoética foi a abordagem de pesquisa escolhida por mim devido a possibilidade democrática de pesquisar, além é claro da motivação vinda da Prof.^a Shara, também pesquisadora desse método. Posso assim dizer que fui seduzida, pois a alegria e o entusiasmo com que ela realiza seu trabalho são contagiantes, impossível não se apaixonar.

Jacques Gauthier, filósofo e pedagogo francês, foi o criador da Sociopoética, tendo como base sua experiência com os Kanak, povo indígena de Nova Caledônia no Pacífico, e no Brasil, particularmente na Bahia onde teve contato com as culturas indígena e africana respectivamente. A professora Doutora em Enfermagem Iraci dos Santos também contribuiu na criação da Sociopoética, na ocasião Jacques Gauthier era seu orientador no Doutorado, entretanto sua orientanda foi enfática ao dizer que não queria sofrer durante seu processo de pesquisa. Então, juntos buscaram uma abordagem de pesquisa que propiciasse, sobretudo o prazer. Iraci dos Santos foi a primeira pessoa a colocar em prática as reflexões filosóficas de Jacques Gauthier

Todas estas influências, interligadas com filosofias racionalistas ocidentais, levaram o filósofo Gauthier a construir a Sociopoética, essa prática filosófica que ela leva o pesquisador ao não sofrimento, ou seja, é o caminho do prazer na pesquisa, na medida em que nós pesquisadores não estamos sozinhos quando da realização da pesquisa, pois como já disse anteriormente, trata-se de um método democrático de construção coletiva do conhecimento, que valoriza o prazer e a criatividade. (PETIT, 2002, p.34).

Essa abordagem de pesquisa ou aprendizagem destaca simultaneamente os seguintes princípios:

A importância do corpo como fonte de conhecimento; a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; o papel dos sujeitos pesquisados como corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos, copesquisadores; papel da criatividade de tipo artístico no aprender e no pesquisar; a importância do sentido espiritual, humano, das formas e de conteúdo no processo de construção dos saberes (GAUTHIER, 1999, p.11).

Vale dizer que ao dar importância ao corpo, à espiritualidade, a produção de dados, ao papel da criatividade, a Sociopoética declara também que numa pesquisa não podemos separar a razão e os outros modos de pensar, a intuição, emoção e sensação (GAUTHIER, 1999, p.26). E ainda:

O corpo de cada um de nós é uma forma de vida, que por ter uma história (pessoal e também coletiva, pois a nossa sensibilidade e sem dúvida a nossa própria razão foram formadas desde a infância por toques, olhares, cheiros, palavras ditas, histórias, gostos) e raízes ancestrais ainda atuantes, vivas irradiantes, sabe muitas coisas- algumas claras, outras escuras e outras clara-escuras. (GAUTHIER, 1999, p.23).

Nesse aspecto, a Sociopoética busca a superação de obstáculos, caminhando na construção de algo que transgrida o pensar, o escrever, e que rompa com todas as práticas limitadoras. Em termos teóricos metodológicos, a Sociopoética possui raízes em sua fundamentação de algumas correntes de pensamento como: a Análise Institucional, a Esquiza-análise, a escuta mitopoética de René Barbier; o Teatro do Oprimido de Augusto Boal e ainda na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. De cada uma dessas teorias, a Sociopoética se utiliza de elementos para compreender a elaboração coletiva do conhecimento.

Da teoria de Paulo Freire, uma de suas principais inspirações, a Sociopoética resgata a importância do pesquisar juntos e institui o grupo pesquisador, grupo em que todos são os

[...] participantes da pesquisa tanto [sic] os intelectuais confirmados pela academia, como as pessoas do povo, cidadãos no pesquisar, copesquisadores, membros iguais em direitos e deveres do grupo pesquisador (GAUTHIER, 1999, p.12).

Na Sociopoética não existem os pesquisados e sim os copesquisadores que estabelecem uma relação de parceria com o pesquisador oficial, tornando-se pesquisadores corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos.

E qual o papel do pesquisador oficial? Nesta abordagem metodológica o pesquisador oficial é denominado de facilitador e seu papel não está em falar a verdade, mas em utilizar dispositivos que façam emergir a polifonia de sentidos na investigação. Ainda com respeito ao papel do facilitador, cabe dizer que ele é referenciado pela escuta sensível de René Barbier, onde, “O pesquisador deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação em cada ser, pois estes ritmos pertencem integralmente ao processo de produção do conhecimento” (GAUTHIER, 1999, p.14). Gauthier ainda complementa

Assim, na Pesquisa Sociopoética os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público alvo a se tornar copesquisadores de um tema gerador, a partir de uma negociação conjunta. Os que aceitarem o convite passam a investigar com o pesquisador-facilitador e a participar, com poder de decisão compartilhado, de todo o processo de pesquisa, inclusive da análise dos dados e da socialização da investigação. (PETIT, 2002, p.35).

Deste modo, toda pesquisa Sociopoética começa com a criação do grupo-pesquisador, formado pelo facilitador, o pesquisador oficial e os copesquisadores. No nosso estudo, eu me tornei a facilitadora e os nove jovens alunos do CABJ, tornaram-se copesquisadores. Vale ressaltar que essas pessoas são tão pesquisadoras quanto o pesquisador oficial. O segundo momento é a escolha do tema gerador, que pode ser formulado pelo pesquisador oficial ou proposto pelo grupo, nessa pesquisa o tema negociado foi afetos na escola. A pesquisa acontece através da realização de oficinas, tendo como ponto de partida o tema gerador, e com o uso de técnicas artísticas que propiciam a produção dos dados, assim,

É importante ressaltar que na concepção da Sociopoética, os dados que surgem nessa experiência não são “coletados”, como se estivessem nos esperando numa cesta, e sim *produzidos* pelas condições de realização da pesquisa, nas quais a interferência do pesquisador e de suas técnicas é uma implicação inegável. Daí qualificamos essas oficinas como sendo de produção e análise dos dados. (PETIT, 2002, p.42-43).

Depois de realizada a negociação, tem início o ciclo de oficinas. Segundo Petit (2002), para esta fase da pesquisa se faz necessária a realização de um ciclo de 6 a 9 oficinas de 3 horas de duração cada uma, com um momento de avaliação do processo em cada oficina, através de um diário itinerante, que conterà registros de todos os participantes, inclusive do pesquisador-facilitador, tais como: reflexões, desenhos, poesias, críticas, sentimentos, com a finalidade de proporcionar um momento de análises coletivas das demandas, que também serão levadas em consideração como parte integral dos dados e que podem conduzir a pesquisa a uma nova direção. No que diz respeito quanto à escolha da técnica a ser utilizada nas oficinas Petit nos esclarece que:

O que orienta a escolha da técnica pelo facilitador é principalmente: que este se sinta à vontade com a mesma, geralmente por já ter familiaridade com sua utilização; a busca de diferentes linguagens, não necessariamente discursivas, lembrando que temos cinco sentidos; a utilização de no mínimo duas técnicas porque cada uma tem influência significativa na produção de dados, trazendo novos ângulos de análise e, eventualmente, elementos divergentes; que a técnica seja de fato um dispositivo, isto é, potencialmente gerador de

dados não previsíveis, que permitam tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento. (PETIT, 2002, p. 43).

Outro aspecto que deve ser observado numa pesquisa Sociopoética refere-se ao número de copesquisadores que participarão das oficinas, que deve ser no mínimo de 06 e no máximo 20 pessoas. A quantidade limitada de participantes busca a garantia da escuta sensível e uma produção de dados onde a participação de todos nas etapas da pesquisa seja garantida. Esse aspecto favorece ao pesquisador aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação, em cada ser (GAUTHIER, 1999, p.14).

Todas as oficinas, previamente planejadas, têm início com um relaxamento, onde os copesquisadores são convidados pelo facilitador a se desprenderem das coisas do cotidiano e se entregar a uma viagem pelo imaginário, para em seguida fazer livres associações com o tema proposto (tema gerador). Desta forma, o relaxamento tem a intenção de conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual (GAUTHIER, 1999, p.53).

Após o relaxamento, os membros do grupo-pesquisador são incentivados a realizarem a produção dos dados, criando confetos referentes ao tema gerador, através de uma linguagem simbólica e criativa que favoreça uma dimensão menos consciente, fazendo aflorar a intuição em uma expressão simbólica menos racional.

Para a produção dos dados são elaboradas técnicas que possivelmente causam estranhamento nos copesquisadores de modo que possibilitam a criação de conceitos filosóficos para o tema gerador. O estranhamento é necessário, pois ajuda a descobrir nuances não aparentes da realidade investigada. Nesse sentido Petit (2002) nos diz que a experiência comprova que a utilização de técnicas que causam maior estranhamento nas pessoas, são mais férteis em dados polifônicos e a-finitos, isto é, heterogêneos, ambíguos e não acabados, o que suscita mais questionamentos e interrogações.

Depois dos dados produzidos nas oficinas, a Sociopoética recomenda que o conjunto da produção seja analisado de forma coletiva. Nessa fase, temos os seguintes momentos: análise classificatória, transversal, filosófica, surreal e podem assim ser entendidos:

A análise classificatória diz respeito às oposições (por exemplo, as dicotomias), alternativas e escolhas; a transversal é considerada por Jacques Gauthier uma não análise porque destaca as ligações, as

ambiguidades e as convergências e a análise filosófica faz referência às teorias escolhidas pelo facilitador, segundo suas inclinações, pois na Sociopoética temos a liberdade de escolher nossas próprias abordagens. Isto é, desde que não se sobreponha aos conceitos e confetos criados pelos copesquisadores. E quanto à análise surreal? Esta análise consiste em brincar, em festejar, em subverter a estrutura do pensamento do grupo, criando uma outra lógica. Ela é, portanto, nada convencional. (ADAD, 2004, p.155)

Enfim, a última fase de uma Pesquisa Sociopoética é o momento de compartilhar com o grupo pesquisador os achados da pesquisa, ou seja, socializar a investigação, tornando-a pública. (PETIT, 2002, p. 47). A forma como isso acontecerá, é decidido pelo grupo e depende das condições e criatividade deste.

2.2 Viajando por mares conhecidos – negociando o território da pesquisa.

Para iniciar o percurso de uma viagem, antes de tudo é preciso conhecer o território, delimitá-lo, percebê-lo, senti-lo. Esta etapa para mim não foi tarefa das mais difíceis, pois escolhi como território de pesquisa o local onde trabalho, onde vivo e exerço minha função de docente, o Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ), uma escola profissionalizante em nível de ensino médio pertencente à rede federal de ensino vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI). A escolha deste local pareceu-me apropriada, pois todas as condições se mostravam favoráveis: a familiaridade com o espaço, com os funcionários e companheiros de profissão, o acolhimento, o bom relacionamento com os alunos, sua organização, enfim, tudo convergia para que minha constituição enquanto pesquisadora acontecesse neste lugar.

As negociações para a pesquisa, portanto, aconteceram de maneira fácil e harmoniosa. A diretora do Colégio Agrícola de Bom Jesus, Oldênia Fonseca Guerra, ao longo do curso de mestrado, foi informada por mim sobre os objetivos da pesquisa, inclusive apoiando a realização da mesma, assim, tive apenas que formalizar a permissão e reservar a sala de multimídia para as oficinas sociopoéticas, escolhi essa sala por ser ampla, estar disponível e por ser localizada em um local, no qual haveria menor possibilidade de interrupções por parte de desconhecedores da pesquisa.



Fig. 01: Sala de Professores



Fig. 02: Bloco de Salas de Aula



Fig. 03: Ginásio Poliesportivo



Fig. 04: Setor Administrativo



Fig. 05: Pracinha do CABJ



Fig. 06: Momento do Recreio dos Alunos

Território definido, era o momento de passar para a arrumação das outras etapas da viagem. O próximo passo seria conhecer melhor e fechar o grupo de

tripulantes que iria fazer parte desta viagem ao mundo desconhecido dos afetos, onde movida pela vontade de conhecer esse novo mundo iniciei com a Sociopoética, a realização da primeira oficina que tinha como objetivo a negociação com o grupo para participar da pesquisa. Confusa, cheia de incertezas, insegura, mas com muita vontade de dar asas à minha pesquisa registrei no meu diário de campo,

Muita coisa me perturba esta noite, o medo do incerto, de algo fugir do meu controle fez da minha noite uma sequência de turbulências. Navegar por mares desconhecidos nos torna vulneráveis e fracos, mas o ímpeto da vontade de adentrar por esse novo mundo é maior, e eu sei que vou conseguir. ' (DIÁRIO DE CAMPO, dia 20 de maio de 2012).

Diante de tantas incertezas a Sociopoética veio para solidificar a minha vontade de pesquisar, trazer a possibilidade de bons encontros, pois como disse o poeta, “Não é possível ser feliz sozinho”. Assim, entendo que o trabalho na escola, é um trabalho coletivo, partilhado, tendo em vista que ninguém está só no mundo. Segundo Freire (2001, p.54), “cada um de nós é um ser no mundo e com o mundo”. Ou seja, o ser humano é fruto das relações que estabelece com as outras pessoas, pois seu modo de pensar, agir e sentir é histórico e socialmente construído.

2.3 A escolha dos novos tripulantes.

Na escolha dos participantes na sociopoética cada sujeito deve ser respeitado em suas singularidades para que assim seja possível a construção de conhecimento com todo o corpo. Além do que cada sujeito envolvido na pesquisa deve ser convidado oficialmente a tornar-se copesquisador.

Para que a pesquisa se efetivasse adotei como critério de inclusão dos novos tripulantes o fato de serem alunos regularmente matriculados no CABJ e estarem cursando o módulo III dos cursos técnicos de enfermagem, agropecuária e informática. Inicialmente passei uma lista nas respectivas salas dos técnicos e algo me deixou aflita quanto à participação dos alunos do curso técnico em informática, pois nenhum deles assinou a lista. E agora o que fazer? Parti para a conversa individual e coloquei que podiam confiar na pesquisadora que nada de mal ia acontecer a nenhum deles, com muito zelo e ênfase expliquei o propósito da minha pesquisa. Depois da amigável conversa, três alunos se dispuseram a me ajudar. Quanto aos outros cursos não tive problemas, a ajuda por parte deles aconteceu de forma espontânea e solícita.

Selecionados os nove alunos, partimos para nossa primeira oficina, a oficina de negociação, marcada para o dia 21 de maio de 2012, no período da tarde na sala de multimídia, um espaço bem amplo e com todo o aparato necessário para a realização da oficina planejada.

2.3.1 Primeira Oficina - A negociação da pesquisa e formação do grupo-pesquisador.

No dia 21 de maio de 2012 às 16h, reuni-me com os alunos selecionados para expor o projeto e discutir com todos sobre a sua realização. Aqui verdadeiramente se delineava também o meu encontro com a Sociopoética, método usado na pesquisa.

Cheguei à escola por volta das duas horas. O calor que esquentava o ambiente servia para aquecer meu corpo ainda frio e tímido diante desses novos acontecimentos. O sol que irradiava a alta temperatura serviria também para espalhar os novos saberes que ali seriam produzidos. Por alguns momentos me peguei absorta em volta de meus vagos pensamentos. Será que conseguiria realizar aquela oficina? Nunca tinha feito nada parecido, estava emocionada e muito ansiosa. No entanto, cada minuto esperado me fez mais calma e maravilhada por possibilitar esse encontro de vidas e saberes que seriam compartilhados.

Com a sala de multimídia preparada recebi os jovens alunos. Arrumei em círculos os colchonetes e calorosamente recebi um a um dando as boas vindas ao espaço e ao novo método de pesquisar. Todos estavam animados e curiosos para saber como seria esse encontro.

Infelizmente dos nove alunos convidados, duas alunas faltaram alegando motivo de doença. Esse fato me angustiou um pouco, pois pensava no prejuízo que isso traria para o desenvolvimento da pesquisa, seria então um obstáculo? Não foi! Posteriormente, as jovens me procuraram e manifestaram interesse em participar da minha pesquisa, e então se reintegraram ao grupo.

Iniciei a oficina agradecendo a presença e a colaboração de todos para a realização da pesquisa sociopoética, explicitiei o tema da pesquisa: Afetos na Escola, os objetivos e sua importância, falei sobre o método Sociopoético e como se realizam as oficinas, ressaltai que daquele momento em diante seriam também

pesquisadores, com igual importância, não interessando o nível de conhecimento de cada um, pois seriam os conceitos produzidos por eles durante a realização das oficinas que fundamentariam minha pesquisa, juntamente com os referenciais teóricos por mim utilizados.

Além disso, expliquei a minha posição de facilitadora da pesquisa. A esse respeito Gauthier diz:

Os facilitadores da pesquisa não pretendem dizer “a verdade” ou dar “o sentido real” das práticas e dos sonhos dos participantes. Não: eles são apenas uma voz entre as outras, na polifonia do canto da vida coletiva. [...] Eles não dispõem de uma palavra- mestre não conhece o sentido último da vida dos outros. [...] E os facilitadores da pesquisa aprendem dos outros membros do grupo-pesquisador: eles aprendem a perceber outras dimensões da realidade, a “sonhar com o outro”, eles aprendem a ver suas próprias costas, a tomar consciência da sua singularidade e dos seus limites, isto é, das suas implicações no tema da pesquisa. (GAUTHIER, 1999, p.13).

No que diz respeito ao registro da produção de dados, todos concordaram com a utilização de recursos áudios-visuais tais como filmadora, e máquina fotográfica.

Explicações terminadas fiz um relaxamento, e ao som de “Um dia, um sonho” de Nonato Luiz fizemos uma roda de embalo, que além do relaxar, propiciou uma espécie de acolhimento ao grupo pesquisador que ora se afirmava.

Com os copesquisadores em círculo, os braços entrelaçados uns aos outros, pés um pouco afastados, de olhos fechados e ao som da música, (Um dia um sonho), de autoria de Nonato Luiz, o grupo começa um suave embalo coletivo. Cuidando do outro que está a seu lado, respeitando o ritmo do embalo. Devagar sem pressa.



O relaxamento é considerado parte integral da investigação enquanto dispositivo, pois possibilita diminuição do grau de ansiedade, fazendo com que copesquisadores se sintam mais à vontade e participem mais intensamente do momento, livres das amarras que os impedem de ir ao encontro da criatividade.

Além disso, o relaxamento “permite que se expresse a força que proporciona a criação de imagens, a imaginação.” (GAUTHIER, 1999, p.53).

Passado o momento de relaxamento, propus ao grupo a confecção de máscaras para que pudéssemos conhecer o grupo. Assim, distribui papel cartão, revistas, pinceis, e cola para a confecção das máscaras de representação.



Fig. 07: Produção das máscaras



Fig.08: Produção das máscaras

Enfatizei o envolvimento e a concentração para que, sem conversar com o companheiro do lado, produzissem as máscaras. Pedi que cada um nomeasse sua máscara com um nome que lembrasse afeto na escola e preenchessem uma ficha com identificação pessoal de cada um, bem como qualidades e defeitos além de uma palavra que lembrasse afeto; o que o afeta na sala de aula e o que impede o afeto na sala.

Confeccionadas as máscaras, iniciamos as apresentações, todos preferiram se identificar com os próprios nomes. Organizados em círculo, orientei-os que se apresentassem com a máscara. No começo, ainda tímidos, tripulantes dessa viagem mostravam ansiedade pelo que estava por vir, aos poucos e soltando as amarras conseguimos firmar o grupo de pesquisadores com muita alegria e descontração. Segue abaixo suas respectivas máscaras e apresentações de si:
Apresentação da copesquisadora Gabby e sua máscara:

Fig 09: Máscara/ Gabby

Gabby tem 17 anos e faz o curso técnico em agropecuária. Percebo nas imagens da máscara da Gabby o afeto amor presente nas figuras coladas de mães com filhos. Por sua vez, ela se apresenta dizendo que é uma pessoa nervosa e muito zangada, mas que quando gosta das pessoas, abraça, dá muito carinho e amor. Para ela a ignorância a afeta muito na sala de aula e que a falta de união, amor e amizade impedem o afeto nesse espaço.

Apresentação da copesquisadora Bianca e sua máscara:

Fig. 10: Máscara/ Bianca

Bianca tem 17 anos e é aluna do técnico em agropecuária. Sua máscara representa alguém festivo e alegre, onde as cores misturadas dão uma sensação de leveza e felicidade. Apresenta-se como alguém impaciente e sincero. Segundo ela a amizade representa os afetos na sala de aula, e a falta de afinidade e a falta de comunicação são os obstáculos.

Apresentação da copesquisadora Walkíria e sua máscara:

Fig. 11: Máscara/Walkíria

Walkíria tem 17 anos e é aluna do curso técnico em enfermagem. Sua máscara nos remete a um clima de paz e serenidade, características pertinentes a sua personalidade. Evangélica, Walkíria é tímida, organizada e carinhosa. Para ela o cuidar lembra o afeto na sala de aula. É a proximidade com as pessoas que a faz sentir afetada. Já o sono, as pessoas ao redor impedem os afetos.

Apresentação da copesquisador Emerson e sua máscara:**Fig. 12: máscara / Emerson**

Emerson é um aluno do técnico em informática e tem 17 anos. Sua máscara, através da figura, revela uma pessoa calorosa que irradia muitas energias. Apresenta-se como alguém nervoso, estressado, mas também muito risonho. É verdadeiro e sincero com os amigos. Para ele o afeto é representado pelas suas amizades e seus amigos o afetam bastante. Para ele as discussões impedem os afetos na sala de aula.

Apresentação da copesquisadora Laurinda e sua máscara:**Fig. 13: Máscara/Laurinda**

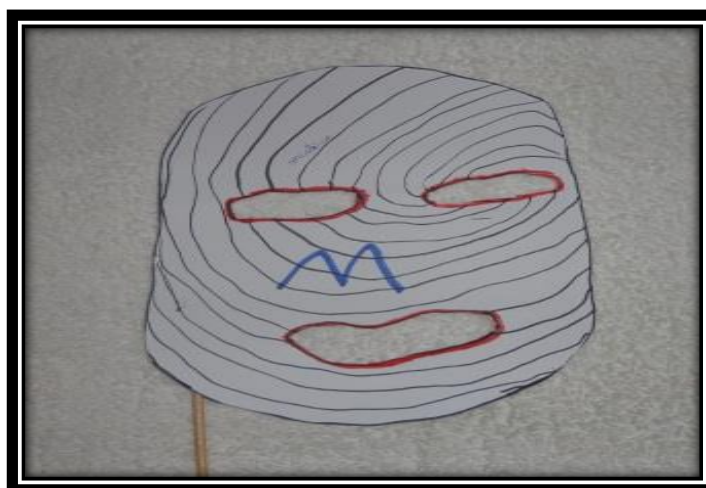
Laurinda é aluna do técnico em agropecuária e tem 16 anos. Sua máscara representa símbolo da juventude que usa a rede social do Facebook. Muito ansiosa, é amiga e está sempre disposta ajudar seus amigos. Para ela o professor é uma pessoa que a afeta muito na sala de aula, e as inimizades atrapalham o encontro dos afetos.

Apresentação da copesquisadora Andressa e sua máscara:**Fig. 14: Máscara/Andressa**

Andressa tem 18 anos e faz o curso técnico em enfermagem. Na sua máscara há um contraste de cores entre o vermelho e o branco. O vermelho evidencia alegria, característica da maioria dos jovens, e o branco sintetiza a paz que todos devemos ter. Para Andressa, que fala demais, o amor representa os afetos na escola, a falta de compromisso é algo que a afeta e a falta de carinho segundo ela, impede o encontro dos afetos nos espaço escolares.

Apresentação da copesquisador Allan e sua máscara:

Fig. 15: Máscara/ Allan



Allan tem 16 anos e é aluno do técnico em informática. Sua máscara retrata alguém detalhista, cheio de traços e também representa um personagem do Facebook. Segundo sua apresentação, é uma contraditória, pois ao tempo em que se define como pessoa quase perfeita, logo depois diz que não é perfeito. Para ele o mistério representa os afetos na escola e a mentira e a falta de diálogo impedem os afetos na sala de aula.

Para encerrar esse dia, nos abraçamos, selando a formação do grupo e o compromisso para o novo encontro.



Fig. 16: Grupo Pesquisador

3. O TRAJETO DOS AFETOS NA ESCOLA

3.1 Segunda Oficina: Produção dos Dados

No sábado, dia 12/05/2012, realizei a primeira oficina de produção de dados utilizando a técnica o trajeto do afeto com os alunos. Nesse dia a ansiedade e nervosismo tomavam conta de mim, afinal seria nesse dia que os primeiros elementos da minha pesquisa seriam produzidos. A insônia me atormentou por toda a noite, e os sonhos se misturavam aos pesadelos. Tudo por conta da espera de Pollyana Ramos (Polly), uma espécie de alicerce, um ombro amigo, que veio de Teresina apenas com o propósito de ajudar com as oficinas, dado a sua sensibilidade e experiência com a sociopoética.

Durante toda a noite sonhava com atraso do ônibus que trazia a Polly, sonhava com a mala da Shara (acessório indispensável da professora), sonhava que nada dava certo... O medo da aventura por um caminho nunca antes percorrido toma conta de mim... A ansiedade fez a noite curta para enfrentar novos desafios do amanhã, e ao mesmo tempo longa para esperar o novo amanhã chegar e realizar as novas tarefas. (Diário de campo, 20 de maio de 2012, 23 h)

Não esperei o dia amanhecer direito, saí da cama certa de que um lindo dia me esperava. Nem mesmo a noite mal dormida seria capaz de tirar o brilho do momento mais esperado por mim, pois nesse encontro teríamos a produção dos confetos, onde facilitadores e copesquisadores juntos produziram os primeiros dados acerca do tema gerador que nortearia minha pesquisa: afeto na escola.

Às 6:00h da manhã consigo contato com a amiga Pollyana que já se encontrava na cidade vizinha, Cristino Castro, em pouco mais de meia hora ela pisava em solo bonjesuense. Conforme combinado, assim que ela chegou já me encontrava no Terminal Rodoviário Municipal de Bom Jesus a sua espera.

No breve encontro antes de nos dirigirmos ao Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ) pude relatar a minha ansiedade e a carga de dúvidas que incendiavam minha cabeça. Com muita serenidade Polly conseguiu me fazer relaxar um pouco e me fez entender que com a sociopoética é possível à liberação de nossos medos, angústias e curiosidades.

Às 07h30min estávamos na escola e tudo parecia fluir conforme o planejado. Sala arrumada, alunos à espera, material de apoio preparado. Mas eis que surge o primeiro problema: tinha planejado para a oficina inicial a Técnica das Esculturas que trabalha com argila. No dia anterior, saí da escola deixando tudo previamente preparado, inclusive separado as três bolas de argila necessárias para a técnica. Seguindo alguns conselhos, resolvo deixar a argila embebida em um recipiente com água, pois para algumas pessoas, se não seguisse o procedimento a argila amanheceria seca, portanto, inútil para o uso prescrito. Para meu espanto, quando abro a sala o chão estava em lama pura, as bolas de argila tinha se desmanchado em barro. Desterritorializei-me por completo. Minha cara de constrangimento era incontestável. Olhei para Polly e senti uma vontade enorme de chorar. O que fazer diante desse acontecimento? Como proceder se tudo estava preparado para realização da técnica da escultura? Desenhava-se o primeiro obstáculo da minha pesquisa.

Mais uma vez fui socorrida, e minha tensão só diminuiu quando Polly, com a sua vivência sociopoética me sugeriu trocar a posição das técnicas e começar a realização das oficinas pelo Trajeto dos Afetos. Ideia aceita e acatada. Respirei fundo. Encontrei-me novamente e depois de tanta apreensão entramos na sala de multimídia às 08h45min para juntos darmos os primeiros passos que delineariam o percurso da pesquisa.

Como esta técnica foi idealizada? É relevante dizer que a técnica do Trajeto do Afeto foi inventada por mim e minha orientadora a partir do conhecimento da experiência da artista Paloma Parentoni no Facebook. Segundo Parentoni, belo-horizontina de 33 anos que realizou o projeto do Trajeto:

Com o intuito de responder as seguintes indagações: Afeto tem trajeto? Qual? Como sabê-lo? É possível controlar esse trajeto? Com o apoio da Funarte e do Ministério da Cultura, por meio da 8ª Edição do Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais, O Trajeto do Afeto, durante seis meses do ano de 2012, navegou e fez com que seus barquinhos de amor fossem vistos/sentidos/manuseados por anônimos de cinco cidades brasileiras e internacionais: Belo Horizonte, São Paulo, Campinas, Fortaleza e Rio de Janeiro. (PARENTONI, 2012).

Assim, depois de analisarmos o projeto, a Professora Shara e eu decidimos usá-lo na minha produção de dados, visto que se casava com a minha temática, ao se tratar de uma experiência poética, intensa e corporal. Segundo a autora do projeto: “Dentro do trajeto, muitas coisas vão aparecer, e o destino do barco, ele é

quem faz. Eu sou somente um tripulante remando para que o barco siga seu caminho”. (PARENTONI, 2012).

Antes, porém de oficializar o uso da técnica na pesquisa, orientadora e eu chegamos a um consenso de que, sendo uma vivência nova, seria prudente experimentá-la com um grupo de alunos do mestrado que estavam cursando a disciplina Sociopoética, também ministrada pela Prof^a. Shara. O convite foi feito a seis alunos que prontamente aceitaram o desafio de participar dessa experiência com o intuito de avaliarmos a potencialidade da técnica aventura, tendo como tema-gerador afetos na escola. Aquela oficina foi chamada de experimental, sendo a Shara e eu as facilitadoras. Eis que a viagem se iniciou. Foi um momento único que desencadeou emoções profundas e indescritíveis em todos os participantes, algo que também marcou o percurso da minha pesquisa. Depois da oficina, reservamos o momento para as discussões e avaliação da técnica, de modo que fizemos alguns ajustes, tais como: a inserção de afetos-obstáculos, a localização dos afetos no trajeto, indicando os afetos com barquinhos. Além disso, o fato de uma copesquisadora ter levantado e mostrado seu percurso caminhando por cima do seu trajeto marcado com a lã, determinou como os jovens da minha pesquisa deveriam contar o seu relato. Tudo isto fez diferença no percurso da pesquisa, pois me senti mais segura para realizar sozinha a oficina com esta técnica, bem como prosseguir em busca dos afetos e enfrentar os percalços que porventura pudessem surgir no meu caminhar. Interessante observar que essa experimentação é necessária quando o facilitador não conhece ou quando está idealizando uma técnica, pois o que orienta a escolha da técnica pelo facilitador é principalmente,

Que este se sinta à vontade com a mesma, geralmente por já ter familiaridade com sua utilização; a busca de diferentes linguagens, não necessariamente discursivas, lembrando que temos cinco sentidos; a utilização de no mínimo duas técnicas porque cada uma tem influência significativa na produção de dados, trazendo novos ângulos de análise e, eventualmente, elementos divergentes; que a técnica seja de fato um dispositivo, isto é, potencialmente gerador de dados não previsíveis, que permitam tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento. (PETIT, 2002, p.43).



Fig. 17: Grupo Pesquisador

Grupo pesquisador da oficina experimental da técnica do Trajeto dos Afetos, realizada na sala de dança, do CCE/UFPI, no dia 16 de maio de 2012.

Explicações à parte sobre a idealização da técnica é chegado o momento de realizá-la com o grupo pesquisador da minha pesquisa. Enfim, superando o estresse do momento, iniciamos as atividades planejadas com um alongamento do corpo. Para esse momento contamos com a ajuda de Gustavo Pires, ex-aluno do CABJ que trabalha com expressão corporal em grupos de dança no município de Bom Jesus. O alongamento do corpo nesse momento se fez necessário devido o horário da oficina ser pela manhã, no sábado e alguns copesquisadores tem o hábito de dormir até mais tarde neste dia. Para esse momento Gustavo colocou músicas de movimento para que o grupo acordasse o corpo até então adormecido.

Logo depois da dança, fizemos a brincadeira das bolas que promovia percepção e agilidade desenvolvida da seguinte forma: em círculo, cada participante marca seu território com um pedacinho de fita gomada, sendo que um dos participantes fica no meio. Os que estão na roda, irão combinar a troca de lugar só no olhar, sem que a pessoa que está no meio, perceba. Em seguida, pedi para que caminhassem pelo espaço, com o foco na bola. Primeiro ato – o foco está na bola, o grupo vai à mesma direção em que a bola está. Depois, pedi para que caminhassem aleatoriamente, em fluxo constante, sem se deixar esbarrar. Nessa hora, me senti muito bem por estar participando junto com os copesquisadores de um momento tão descontraído e alegre para todos. Foi um momento de pura descontração e alegria.



Fig. 18: Brincadeira das bolas



Fig. 19: Brincadeira das bolas

Logo depois desse momento de liberação de tensões, solicitei ao grupo que todos deitassem sobre os colchonetes espalhados pela sala, para que de maneira confortável pudéssemos dar início à primeira etapa do método da sociopoética, o relaxamento, momento em que, de olhos fechados e respirando profundamente, os copesquisadores fariam uma viagem imaginária.



Fig. 20: Relaxamento



Fig. 21: Relaxamento

3.1.1 | Momento da técnica do Trajeto dos Afetos na Escola.

Assim, todos devidamente preparados, pedi que a partir do relaxamento todos os copesquisadores pudessem esquecer, momentaneamente, dos problemas do cotidiano, de modo que se entregarem à criatividade possibilitando a emergência de ideias instituintes. Pedi confiança, respeito ao colega, e que de forma alguma nada de mal iria acontecer a eles. E ao som da música relaxante do grupo Uakti (Japura River), demos início ao trajeto do afeto na escola.

TRAJETO DOS AFETOS NA ESCOLA

Nesse momento vamos nos preparar para fazer uma viagem pelo nosso imaginário... Deitados no chão com as pernas um pouco afastadas, os braços estendidos na lateral do corpo vamos procurar fechar os olhos e respirar 3 vezes. Respire. Respire profundamente, solte o ar devagarzinho. Prepare seu corpo para fazer uma viagem ao afeto na escola. Para tanto, você visualiza a distância barcos coloridos. Aproxime-se deles. Pegue um barco. De repente você se transforma num barco. Você é um barco afeto. Como se chama o seu corpo-barco afeto? Agora, com seu barco-corpo, você imagina como vai fazer o trajeto do afeto na escola. Por onde você vai começar? Com o barco, seu corpo começa a se movimentar pelo espaço. O barco potencializa seu corpo e te leva ao afeto na escola. Seu corpo-barco se move. Sinta o seu corpo-barco se movendo pelo o afeto na escola. Naquele momento, o chão da escola se agita, há uma turbulência. A turbulência te impede de movimentar seu corpo-barco, de seguir o afeto na escola. O que você sente? O que são estes afetos-obstáculos que te impedem de chegar ao afeto na escola? Os afetos-obstáculos te incomodam. Eles são problemas de afeto na escola? Como o afeto-obstáculo te incomoda? Você respira e pensa: O que pode meu corpo diante destes obstáculos? Como pensar de outro modo o afeto na escola e continuar a viagem? Eis que chegam os afetos-aliados que potencializam seu corpo diante destes afetos-obstáculos. O que é este afeto-aliado? Agora, você respira e pode continuar sua viagem. O que é afeto na escola? O que você encontra nesse trajeto do afeto na escola? Como você foi afetado neste trajeto? Agora comece a mexer com seus pés ... suas pernas... suas mãos ... braços ... abraçando as pernas ... movimento o corpo de um lado para o outro ... respirando profundamente ... abra os olhos!

(ROTEIRO PROJETADO PELA Shara, em 14 de maio de 2012, inspirado no projeto Trajeto do afeto conforme o link: <http://www.facebook.com/groups/otrajetoafeto/>).

Pude perceber que durante o relaxamento dois copesquisadores não conseguiram se concentrar. Um começou a sorrir e só depois de algum tempo conseguiu se entregar, o outro de olhos semiabertos procurava saber o que de fato estava acontecendo ao grupo. Os demais se entregaram aos comandos, o que me propiciou certa tranquilidade, já que ventilei a possibilidade de não conseguir fazê-los vivenciar o relaxamento.

3.1.2 II Momento da técnica do Trajeto dos Afetos na Escola.

Após o relaxamento, iniciou-se o segundo momento da oficina, onde de posse de um barquinho confeccionado pela facilitadora, cada um fez seu trajeto individual, dançando pelo espaço, tendo um novelo de lã como guia, criando-se a cartografia dos afetos – cada copesquisador ao realizar a dança dos corpos-barco pelos afetos na escola, no embalo da música, se movimentou, dançou, aproveitou bem o espaço da sala, e ao desnovelar a lã deixavam os rastros do trajeto no afeto na escola. Suas marcas com os movimentos das linhas permitiu que, cada copesquisador relatasse

sua experiência, identificando no emaranhado das linhas com seus barcos do afeto e respectiva cor quais foram seus afetos obstáculos, afetos aliados e o afeto na escola.



Fig. 22: Produção dos dados

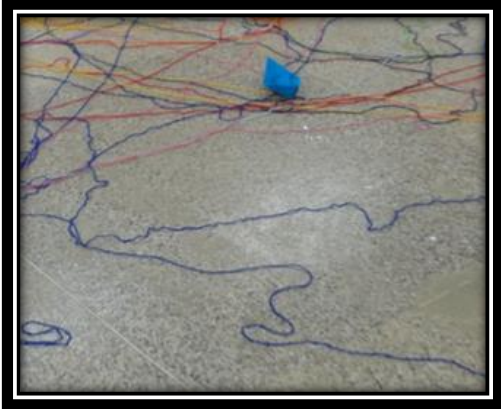


Fig. 23: Produção dos dados

Após o momento de produção de dados, sentamos em círculo, e foi muito interessante perceber o olhar curioso que cada pesquisador dirigia ao outro. Pedi então que fosse relatado o que vivenciaram no trajeto dos afetos na escola. E dando asas a imaginação criaram algo novo representando a ideia do que o grupo pensava a respeito dos afetos na escola.

No início da conversa, copesquisadores se mostravam silenciosos, mas, aos poucos, foram se soltando e a imaginação e a emoção deram lugar ao clima de ansiedade e curiosidade que ali se instalava. Cabe ressaltar que esse momento foi facilitado por meio de perguntas-chaves: Qual nome do seu Corpobarco afeto na escola? O que é o afeto na escola? Como ele te afeta? Qual nome você deu ao afeto obstáculo e ao afeto aliado na escola? Como o afeto aliado te potencializa diante dos afetos obstáculos? Como foi o encontro do Corpobarco na escola? O que te afetou?

A seguir seguem as imagens dos corpos-barco produzidos pelos copesquisadores e os respectivos relatos orais:

COPESQUISADOR/ IMAGEM	RELATO ORAL
<p data-bbox="284 331 719 360">“CORPOBARCO APARECIDO”</p>  <p data-bbox="352 842 651 871">Copesquisador: Alan</p>	<p data-bbox="815 331 1359 1877">APARECIDO? Porque muitas vezes com a falta de tempo, porque você estudando pela manhã e a tarde e a noite, agora você sente dificuldades de visitar seus amigos, familiares, você acaba perdendo o papo bom com seus amigos, daí APARECIDO. Afeto na escola são os AMIGOS, PORQUE SÃO COISAS MUITO IMPORTANTES E QUE VOCE PRECISA. O que me impediu de encontrar os afetos na escola foram os PREGOS(o afeto PREGO), os pregos da vida, não os pregos literalmente falando, mas pregos são aquelas pessoa que te machucam, que tentam te atrapalhar de seguir teu caminho. Meus IRMÃOS me ajudaram a superar esses PREGOS, porque quando você tá dentro de uma religião, tem os irmãos que sempre lhe apoiam, tentam lhe dizer qual o caminho correto. O que me afetou nessa viagem foi o SONO, afeto sono, isso me atrapalhou muito, porque muitas vezes, por exemplo, você estuda em outra cidade e por essa rotina que você tem, tão puxada, você poderia estar com seus amigos, familiares, mais vezes por mais tempo, só que uma coisa que pesa é o seu corpo e ele necessita de um tempo só pra ele,então o afeto sono prejudica esse meu encontro com os outros. O amigo é muito importante de todas as formas, na hora em que to passando por dificuldades, tem vários tipos de dificuldades, ai o amigo verdadeiro é aquele que tá sempre te apoiando, tentando te incentivar, quando você se acha incapaz, o amigo vai lá e diz moço tenta, o amigo é amigo de todas as horas. E diante do afeto PREGO, durante o dia a dia tanto na escola como em casa tem pessoas que querem te ver sofrendo, tentam lhe atrapalhar, essas são as pessoas pregos. Afeto na escola é o AMOR porque é algo que você precisa e é muito bom.</p>

“CORPO BARCO AMIZADE”



Copesquisadora: Andressa

Esse ano tá sendo um ano muito complicado, e um dos pilares que eu tenho pra continuar seguindo em frente são as minhas amizades, que tem me ajudado bastante. Realmente, percebi que tava precisando dessa viagem e mexeu bastante comigo porque eu pude lembrar dos momentos que tive com meus verdadeiros amigos. O nome do afeto na escola é o AMOR, porque eu pude sentir que durante esses três anos e nessa escola eu conquistei verdadeiras amizades e é o que eu sinto por elas. O afeto obstáculo foi o COMPROMISSO, foi assim à medida que eu tinha, que eu tenho [é o] compromisso com os estudos ele acaba se tornando um obstáculo, porque não to conseguindo conciliar o meu tempo estudando e tendo uma vida normal, e isso tá mexendo muito comigo. Tô muito triste esse ano porque ainda não consegui ainda lidar com esse [afeto] obstáculo. Meu afeto aliado é a DETERMINAÇÃO, porque sou muito determinada e acho assim, eu quero e se eu quero, eu sou capaz e eu vou conseguir. Meu último barquinho é a [afeto]DESCONFIANÇA, porque assim, tem muitas pessoas que se mostram ser amigas e que a gente tem que prestar bastante atenção, porque assim, à medida que ela vai se mostrando ser amiga sua, ela pode muito bem tá tentando fazer com que você não siga em frente e assim a [afeto] confiança é uma das coisas principais que a gente deve ter e eu costumo muito confiar nas pessoas, só que assim, tem muitas pessoas que a gente confia, que ao mesmo tempo a gente acha que tá confiando na gente, só que não, elas tão tendo determinada desconfiança e isso me afeta bastante. eu procuro fazer de tudo para que as pessoas não tenham motivo de desconfiança com relação a mim, com relação aos meus amigos, porque eu sou muito amiga, adoro ser amiga das pessoas e a amizade é uma das coisas mais importantes, principalmente na escola, porque quando a gente tá passando por determinadas dificuldades, as pessoas que mais lhe ajudam são os amigos e

	<p>quando você percebe que aquela pessoa não confia em você, você fica bastante abalada. Afeto na escola é o amor, a amizade, o carinho que você conquista das pessoas, respeito.</p>
<p>“CORPO BARCO CONFIANÇA”</p>  <p>Copesquisadora: Gabby</p>	<p>Afeto-UNIÃO na escola porque sem união acho que todo mundo precisa de alguém pra fazer um trabalho, fazer alguma coisa, acho que todo mundo precisa de alguém pra tá junto com ela e superar tudo, os obstáculos. A DESUNIÃO me afeta, me prejudica muito e na minha sala tem muito isso, o povo não é muito unido, tem muito grupinhos. O afeto aliado é a AMIZADE, eu tenho poucos amigos, muitos colegas, mas amigos mesmo são poucos, mas que me consideram e ajudam a superar tudo, acho que é isso, amizade é tudo, e vale até mais que o amor. O que atrapalhou bastante foram as CRÍTICAS, pois com a amizade você consegue superar tudo, por isso coloquei o nome de meu corpo barco confiança, porque com confiança você supera as críticas, com confiança você vai saber o que realmente quer. Pra superar a desunião, acho que fazer novas amizades, porque com união, com confiança acho que da pra construir algo pra acabar com a desunião, porque todo mundo precisa um do outro. Afeto na escola é acima de tudo confiar em si mesmo, confiar nos amigos e primeiro acreditar em si mesmo.</p>

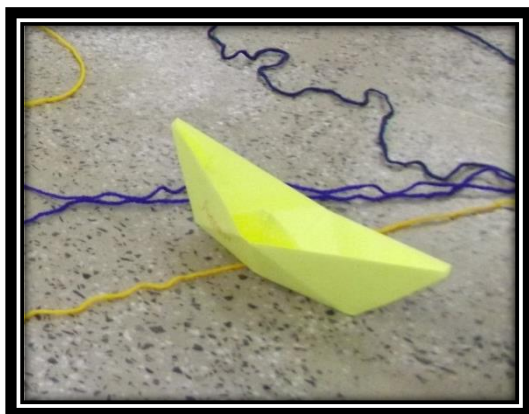
“Corpo-barco Esperança”



Copesquisadora: Brenda


Foi uma viagem muito boa. Me fez pensar, refletir. Meu afeto na escola foi a AMIZADE, porque sem a amizade eu creio que a gente não vai a lugar nenhum [e] tudo o que fiz até hoje, as conquistas, tudo o que conquistei foi por causa das amizades. E o que me impedia de prosseguir, continuar foi justamente a [o afeto] INSEGURANÇA, A insegurança de pensar que não sou capaz, mas teve algo que me ajudou a prosseguir que foi a [o afeto] FÊ, pois acredito que com [o afeto] Fé a gente pode fazer muita coisa, mesmo que aos nossos olhos seja impossível e com [o afeto] fé a gente tem esperança, esperança de um dia ser melhor, de um dia a gente [de] conseguir tudo que almeja. Durante o percurso senti muitas coisas, sempre interligados, mas ao mesmo tempo [interligadas e] diferentes: foi muito assim, ao mesmo tempo era amizade e inimizade, era insegurança e segurança, a fé, às vezes [e] medo, muitos sentimentos em conflito.

“Corpo-barco Segurança”



Copesquisadora: Walquíria

Minha viagem foi tranquila e meu corpo barco é a segurança, porque acho que pra mim para terminar a minha viagem precisei de segurança, nos momentos de turbulência, difíceis tive que ter segurança pra me fazer pensar, porque onde eu estava eu precisei de muita segurança. Afeto na escola é o AMOR, porque a gente passa a maior parte do tempo aqui e a gente convive com um maior numero de pessoas, então o relacionamento de amizades, amor, você com os professores, com os alunos, com os amigos é uma coisa que te afeta, porque às vezes você chega triste e quando chega na sala de aula você muda ou então você piora de alguma maneira, da forma com que você recebe o carinho, o amor, então é uma coisa que afeta você e me afeta muito. Na sala de aula tem companheirismo, amizade, amor dos amigos e daqueles que estão ao teu redor e de todas as pessoas que nos rodeiam no ambiente da escola. O que atrapalhou um pouco foi a DESCONFIANÇA, quando estava viajando com as pessoas senti


	<p>insegurança, desconfiança, o medo de tá se aproximando, se envolvendo com outras pessoas, buscando novas amizades, ficou meio receoso, eu tive muita desconfiança com tudo, mas as amizades me ajudaram a superar, as verdadeiras amizades que estavam ao meu redor quando mais precisei e que chegava na escola e me fizeram realmente mudar, o que tive em casa e entrava pra sala totalmente diferente do que a gente via, então as amizades me ajudaram bastante. O que me afetou nessa viagem foi o MEDO, o medo do novo, tanto o medo de você fazer novas amizades, quanto medo do final, do que pode vir, do que pode não acontecer, do que pode acontecer, medo do inesperado do desconhecido. Pra superar meu afeto obstáculo, a DESCONFIANÇA, acho que devo me relacionar mais com as pessoas, porque quando você começa a conhecer, então eu percebi que esse ano eu precisava de mais relacionamentos com muitas pessoas, porque você vai perdendo essa barreira de que todo mundo é de um jeito, você vai conhecendo, então você vai se aproximando das pessoas, você vai deixando a desconfiança mais de lado, então esse ano precisei me relacionar com outras pessoas me abrir mais.</p>
<p>“CORPO BARCO PENSAMENTO PROFUNDO”</p>  <p>Copesquisadora: Tatiane</p>	<p>A viagem foi muito boa [porque], me fez refletir nos pontos que mais me deixei abalar em alguns momentos, e o que me segurava quando eu estava triste, insegura, como a Brenda falou, o meu sustentáculo foram as [os afetos] AMIZADES, porque aqui [na escola] conheci amigos de verdade, pessoas que vou levar pro resto da vida, então sempre que alguém me dizia que eu não ia conseguir [ou] quando eu chego triste na escola, eu lembro de meus amigos, então foi [o] meu sustentáculo aqui, o meu afeto na escola foram as amizades que vou levar pra sempre. Uma coisa que me atrapalhou bastante foi a [o afeto] TRISTEZA [me atrapalhou], porque às vezes eu tinha vontade de fazer muita coisa, de suprir minhas necessidades, de estudar, mas eu tinha</p>

	<p>pouco tempo como eu to passando agora, então a pessoa se sente triste em não poder dar o máximo de si por falta de tempo, porque o nosso corpo também requer descanso e tudo isso a gente fica triste porque queria mais, porque você sabe que é capaz de mais e por isso eu ficava triste. Uma coisa que [o aliado fé] me motivou a chegar onde estou sem desistir, sem ter buscado outro caminho mais fácil foi a minha FÉ, a minha [pois tenho] fé de que tudo vai dar certo porque Deus tem um propósito para cada um de nós, pra gente ser feliz, então a minha fé me sustentou até aqui junto com minhas amizades, creio eu que o maior motivo de hoje eu estar aqui sem ter desistido, sem ter buscado outro caminho mais fácil foi a minha fé. E como eu falei, uma das coisas que me atribulou na escola foram as minhas [afetos] PREOCUPAÇÕES na escola são as atribuições com meus [os] estudos, porque sempre fui uma pessoa que sempre gostou de estudar e disponibilizei o meu tempo mais para o estudo, e com a diminuição do tempo eu me tornei uma pessoa um pouco triste, eu achava que não podia, outras eu [que ia desistir] desistia por conta de meu corpo [cansado] que eu também preciso descansar, então foram esses pontos que me preocupei na escola e os quais me afetaram mas graças a Deus, a amizade e a fé me colocaram de pé agora. O nome de meu corpo barco foi [AFETO] PENSAMENTO PROFUNDO porque eu viajei muito longe e pude [pode] perceber quais as minhas necessidades, pude perceber onde estão centradas as minhas preocupações e assim puder ter uma orientação de como andar agora em diante, me fez refletir o tempo que a gente passa sem pensar no que realmente afeta a gente, e isso ajuda a gente a começar a procurar saídas e começar a enxergar que você também é capaz de seguir por mais que apareçam atribuições. Afeto na escola está [é aquele afeto] centrado nas minhas amizades, elas têm sido meu sustentáculo [na escola] aqui, porque quando a gente chega com problemas aqui, problemas de casa, e</p>
--	---

	<p>preocupações, numa época atribulada, são as amizades que enxergam tuas lágrimas, então aqui eu encontrei pessoas que te colocam de pé, que te dão forças para prosseguir.</p>
<p>“CORPO BARCO AMIZADE”</p>  <p>Copesquisadora: Bianca</p>	<p>Coloquei esse nome porque pra mim amizade é tudo, é confiança, é comunicação. Pra seguir em frente eu preciso de educação, porque a falta de educação não leva a nada, pra mim o afeto EDUCAÇÃO é a comunicação, que você consegue amizade, carinho, tanto na escola quanto em casa, na família, entre amigos, colegas, têm que ter educação. E o que impede é a FALTA DE EDUCAÇÃO, porque sem educação você se sente desvalorizado, e pra mim a desvalorização é a falta de educação. Então, se a educação me leva a algum lugar, a falta de educação não me leva a nada, porque dentro da educação tem a comunicação, e sem comunicação, sem afinidade, não leva a lugar algum. O que meu corpo pode diante disso é que eu tenho que perder o medo, confiar em mim e ter a certeza de que sou capaz, que eu posso fazer o que quiser, e ninguém vai me impedir, e que eu posso ter minha própria educação, pois ninguém vive de opiniões colocadas na minha cabeça, me interromper de chegar ao meu objetivo, eu acho que é isso. E o que me ajuda muito é a CONFIANÇA, eu tenho que confiar em mim, acreditar em mim e que sou capaz, ninguém impedir o meu sonho, também confiança nas amizades né? o que me impede muito, o que me sinto muito afetada é a INVEJA, inveja é o maior obstáculo, é o que me impede de fazer o que eu quero, de mostrar meu pensamento, pra mim a inveja é muito ruim, às vezes você tá ali com um amigo, você pensa que é daquela forma, mas seu amigo é o seu pior inimigo. Afeto na escola é dar OPORTUNIDADE para as pessoas, é comunicação.</p>

“CORPO BARCO CARINHO”**Copesquisador: Emerson**

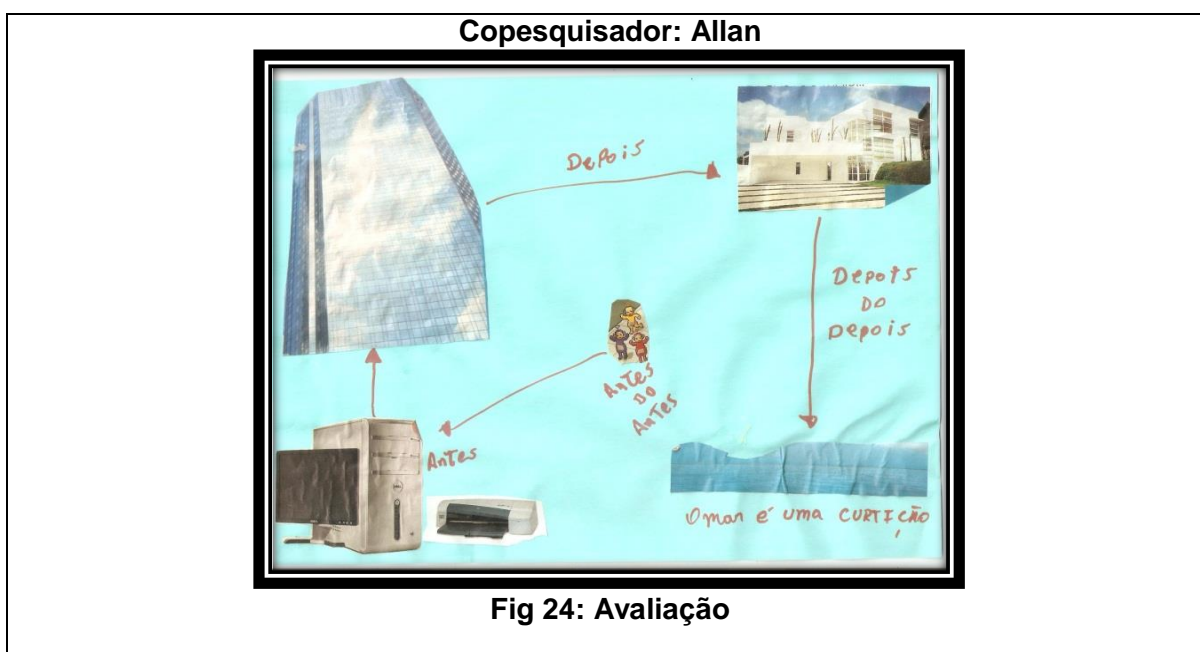
A viagem foi muito boa, e como vocês podem ver eu fui um dos que mais andei por aqui e fiquei distante. Acredito que pra você seguir o seu caminho, você às vezes tem que se afastar um pouco, parar, refletir, pensar sobre o que você tá sentindo e muitas vezes você com uma pessoa do seu lado você não consegue entrar no seu interior e sentir o que você tá sentindo realmente, você tem algum sentimento, mas não consegue expressar por medo de machucar, magoar alguém de falar o que não devia. Como todos me conhecem, eu sou uma pessoa que gosta muito de ri, só ando rindo, mas eu tenho meus momentos, eu gosto de parar assim, em casa fico pensando sozinho, o que eu fiz todo dia, na escola, o que aconteceu, eu vejo quais foram os pontos corretos, o que eu fiz de errado, e isso é bom até pra minha vida, pra mim seguir em frente. Eu chamei meu corpo barco de CARINHO, porque sem o carinho das pessoas, sem os amigos, sem sua família não vamos a lugar nenhum, o carinho é fundamental. Meu afeto aliado é amizade COMPANHEIRISMO, porque amizade é uma das coisas mais lindas que se tem, você ter uma pessoa ali que você pode confiar nos momentos de tristeza, nos momentos de alegria, principalmente na tristeza para lhe fortalecer e apoiar. Meu afeto obstáculo foram os MAUS OLHARES porque isso é uma coisa que me deixa muito pra baixo, você saber quem não gosta de você, quem fica falando de você, fala mal de você, isso é muito ruim, isso afeta muito. O que me ajudou foram os amigos, eu tenho muitos amigos de verdade mesmo, muitos colegas e muitas pessoas que você conhece no dia a dia, que você convive, que nem tem muita intimidade, mas que também você gosta de estar com essas pessoas. Então os amigos é fundamental pra você seguir em frente, lhe ajudar no seu percurso, não só na escola, mas fora da escola, pro resto da vida, quando você sair daqui, se casar, você se formar, vai ter sempre aquela pessoa. O que me afeta muito é minha FAMÍLIA, moro com meu pai, minha mãe se separou logo

	<p>que eu nasci, mas mesmo com essa dificuldade em família, minha família me apoia muito e mesmo não ficando muito com ela sempre tão ligando, pergunta como é que tá, então assim o mais importante e que eu amo de verdade é a minha família. O que eu faço diante do MAU OLHAR é que a gente tem que levantar a cabeça, não ligar pra que os outros falam, o que importa é o que realmente você pensa, o que realmente você quer pra você, não importa o que os outros querem, eu acho que você tem de olhar pra dentro de você e se o que você tá fazendo for certo tem que continuar, se for errado, você reflita, pare, pense e se for o caso não faça mais. Mau olhar é uma coisa que você tem que esquecer, afastar de si, seguir em frente. Diante de tudo isso o que mais me afetou forma meus amigos verdadeiros e minha família pra dar motivação, seguir em frente. Afeto na escola são meus amigos, seus colegas que tão ali todo dia com você com sua família que cobra de você, faz você seguir, faz você continuar seus estudos e não desistir.</p>
<p>“Corpo barco escadir”</p>  <p>Copesquisadora: Laurinda</p>	<p>Essa viagem serviu pra mim pensar nos obstáculos que todo mundo aqui do terceiro ano tá passando, a falta de tempo, pensar nas coisas que realmente a gente quer, o que se vai fazer, o desestímulo, o que leva a gente a continuar a viagem, deu pra pensar muito sobre isso. O nome do meu corpo barco é ESCADIR porque eu sou diferente, todo mundo escolheu um sentimento, porque veio na cabeça. Eu sou assim, se tô triste mostro que tô alegre, às vezes tô alegre e quero ficar mais quieta, eu nunca tenho um pensamento, um sentimento fixo sabe, eu sempre mudo assim constantemente. O afeto na escola são os aliados e amigos, acho que todo mundo precisa de amizade, principalmente na escola, já que a gente acaba perdendo um pouco o convívio familiar, e os amigos acabam se tornando uma base pra gente poder conversar, pensar, expor nossos sentimentos para alguém, às vezes quando a gente tá com raiva, quando a</p>

gente tá alegre, a gente acaba recorrendo aos nossos amigos. Meu afeto na escola são os ALIADOS, e acho que aliados são todas as pessoas, professores, às vezes os professores dão muito conselho pra gente, conversam e os amigos é quem a gente convive diariamente, não só dentro, mas fora da escola e que também nos ajudam bastante, porque tem uma visão diferente, os conselhos se formam um pouco diferente, então acho que é isso. Eu coloquei dois barquinhos perto porque o afeto na escola é uma coisa que também afeta a escola, tipo assim falando da FALTA DE COMUNICAÇÃO, às vezes eu me sinto muito próxima de algumas pessoas e de outras distante, assim, quando eu entrei no Agrícola eu me comunicava bastante com muitas pessoas, mas com o tempo foi perdendo essa comunicação pela distância, por escolher coisas diferentes, acho que foi por isso que coloquei esses dois barcos juntos, perto, pois os dois andam juntos. Aí o afeto aliado são meus COLEGAS que todo mundo tem, às vezes tem pessoas que te desestimulam, acabam te botando muito pra baixo, aí é uma questão de você querer continuar, tá envolvido, tá precisando de uma pessoa para tá te estimulando que você esquece que você mesmo pode se estimular, que é uma coisa que a gente tem que é a própria força de vontade e às vezes a gente fica tão inseguro de si que a gente quer sempre ter aquele amigo próximo, te apoiando e que às vezes a gente tem que ver que nossos próprios amigos também tem problemas e que também precisam de apoio e acaba entrando em conflito, então a gente mesmo se estimular é uma coisa boa. No encontro dos corpos o que me afetou foi SORRIR, porque as pessoas que sorriem também me encantam, porque eu fazer sorrir e a pessoa me fazer sorrir faz o encontro dos corpos. E pra superar essa falta de comunicação que faz a gente se prender a esses sentimentos ruins, porque tá todo mundo numa fase de sentimentos ruins, de cansaço, de falta de tempo, então até nisso aqui tá sendo bom pra aproximar mais a gente, pra gente se comunicar mais, conhecer mais as

	<p>peças, então eu acho que meu corpo, nessa situação tá me ajudando a se comunicar mais. Afeto na escola primeiro é amizade, acho que tudo pra gente agora tá se envolvendo em torno da amizade, saber escolher bem, preparar as nossas amizades, acho que agora é o momento mais importante.</p>
--	--

Após os relatos dos copesquisadores sobre a vivência, passei para o momento de avaliação da oficina. Entreguei a eles papéis colorido, giz de cera, cola, tesoura, revistas para desenharem e/ou escreverem o que acharam da oficina, o que os teria afetado. Para este momento os jovens copesquisadores preferiram não escrever e sob forma de desenho avaliaram a oficina. Segue abaixo as avaliações:



Copesquisador: Emerson

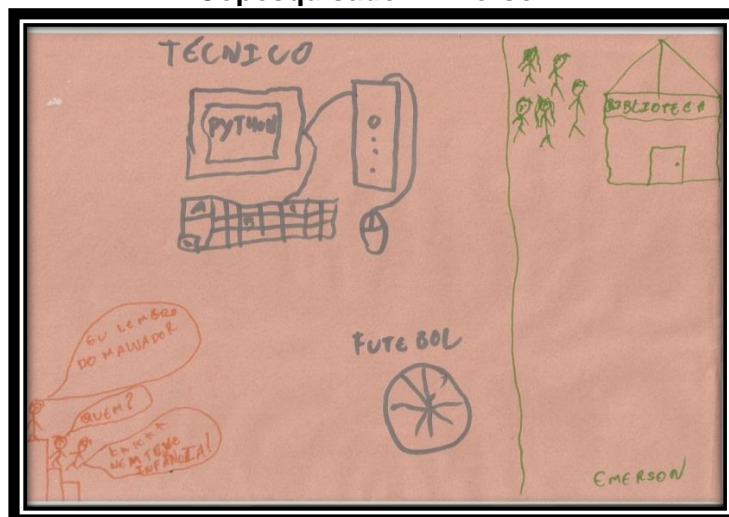


Fig 26: Avaliação

Copesquisadora: Walkiria



Fig 27: avaliação

Copesquisadora: Tatiane



Fig 28 : Avaliação

Copesquisadora: Gabby

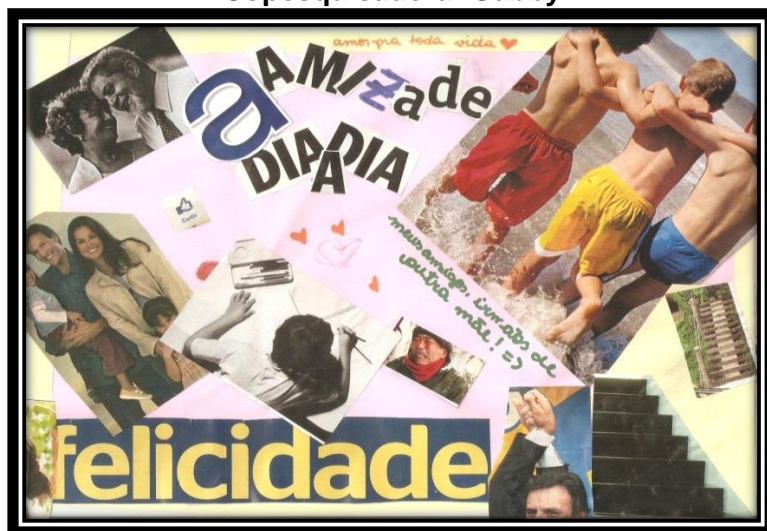


Fig. 29: avaliação

Copesquisadora: Andressa

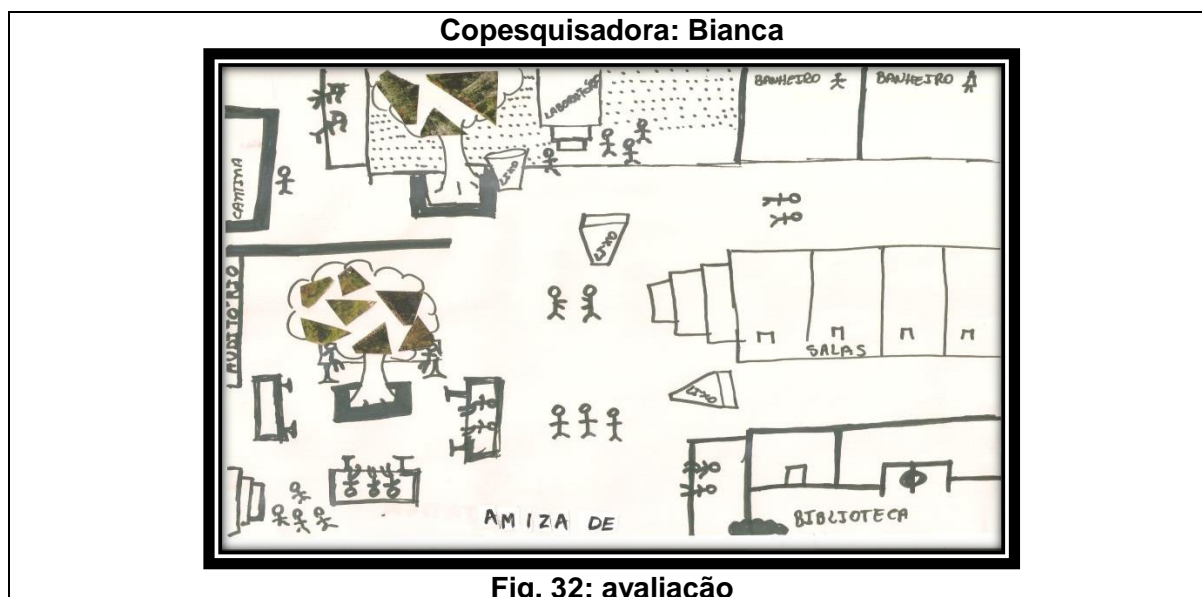


Fig. 30: avaliação

Copesquisadora: Laurinda



Fig. 31: avaliação



Terminado esse primeiro momento me senti aliviada e com o corpo envolvido por uma sensação de prazer... O medo do novo deu lugar a um gama de sentimentos, mas principalmente de ter propiciado um momento único, carregado de inventividade, produção de sentidos e desejos.

Já perto de meio dia, encerrada a minha primeira produção de dados, finalizo a manhã com uma ciranda bem envolvente para que o grupo se sentisse seduzido a voltar para a próxima etapa.



Fig. 33: Ciranda



Fig. 34: Ciranda

Logo em seguida, convido o grupo para socializarmos o almoço, feito por uma funcionária amiga, a qual agradeço bastante a recepção e a delícia de comida feita por ela, "Nilva Lemos você foi essencial nesse momento". Para a hora dessa refeição nos reunimos na cantina da escola onde fizemos uma grande festa para celebrarmos o momento maravilhoso que tivemos.



Fig. 35: Almoço



Fig. 36: Almoço

Conforme o combinado, depois do almoço, voltamos para a sala de multimídia para o merecido descanso do corpo. Alguns vieram munidos e trouxeram lençóis e travesseiros para um melhor acomodamento sobre os colchonetes. Quase todos os copesquisadores conseguiram dormir a soneca pós-refeição, dois preferiram passear pelos espaços da escola e outro ficou na sala mexendo no computador. Foi um momento de muita paz, menos para a pesquisadora oficial, que refletia toda a inquietação e ansiedade do momento. Estipulamos o prazo, e esperamos o grupo (re) acordar para retornarmos as atividades às duas horas da tarde.



Fig. 37: Descanso



Fig. 38: Descanso

Para a parte da tarde combinamos o segundo momento da produção dos dados com a técnica esculturas dos afetos na escola, que será apresentado no próximo capítulo.

3.2 Análises dos dados pelos copesquisadores da técnica do trajeto dos afetos na Escola.

Na Sociopoética, após a produção dos dados, há um momento reservado a análise dos dados pelos copesquisadores, tendo em vista, que entendendo a pesquisa de modo coparticipativa, os jovens alunos também são pesquisadores, produtores de conhecimento, tendo autonomia para ratificar ou acrescentar o que desejarem sobre o tema gerador.

Assim, na tarde do dia 20 de junho de 2012, às quatro horas da tarde, voltei a me reunir com os copesquisadores para mais uma oficina, desta vez, o objetivo era o de analisar os dados por eles produzidos. Esclareço que os dados analisados aqui são da técnica: O Trajeto dos Afetos na Escola.

Para este momento, organizei o conjunto de dados produzidos, qual seja: as imagens e os relatos orais. As imagens plásticas dos corpos-barco de cada copesquisador foram dispostas em cima de uma cartolina formando um grande painel. Coloquei este painel no chão da sala de multimídia e posteriormente pedi aos alunos que realizassem as referidas análises do material.

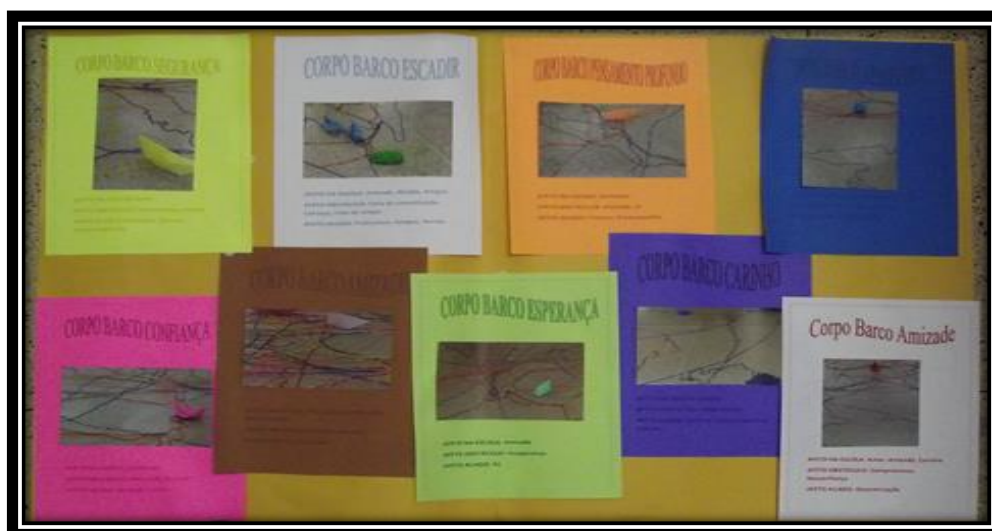


Fig. 39: painel de fotos

Também imprimi os relatos orais dos alunos para que pudessem analisar os relatos da vivência e os distribui para o grupo. Em seguida pedi que com um olhar sobre o material que produziram lessem e analisassem. Para este momento fiz dois

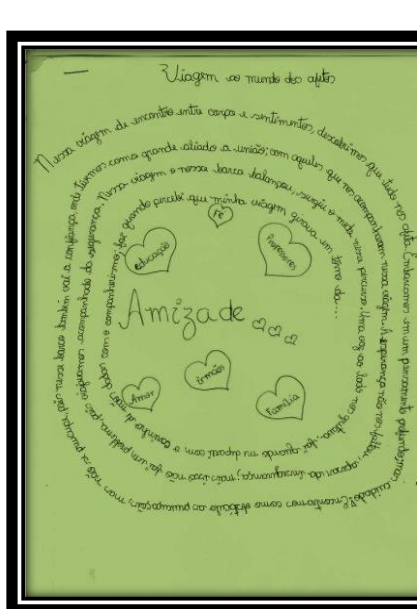
pequenos grupos. Detalhei o que iriam fazer e deixei claro a importância daquele momento.

Iniciei ritualisticamente com o relaxamento. Pedi que deitassem sobre os colchonetes, e de olhos fechados, prestassem atenção à respiração conforme as minhas instruções. Em seguida, de frente ao painel de fotos olhassem atentamente para os mesmos. Expliquei o que seria uma análise de dados – um olhar sobre o material produzido enfatizando a produção sobre o que seria para eles afeto na escola. Em seguida dividi os copesquisadores em 02 grupos de três pessoas, já que dos nove integrantes da oficina anterior apenas seis apareceram. A ausência para mim pareceu problema. Não foi. Depois pude entender que na pesquisa Sociopoética mesmo estando parcial, este grupo tem a autonomia necessária para contrapor-se às análises, se for o caso. (ADAD, 2009).

Para a Sociopoética é fundamental que a produção e as análises dos copesquisadores sejam apresentadas conjuntamente com a do facilitador para que as reflexões sobre o tema investigado sejam consideradas na mesma medida. Desse modo, não faz sentido deslocar a produção dos copesquisadores para os apêndices, pois isso contraria a proposta deste método (ADAD, 2004, p. 155).

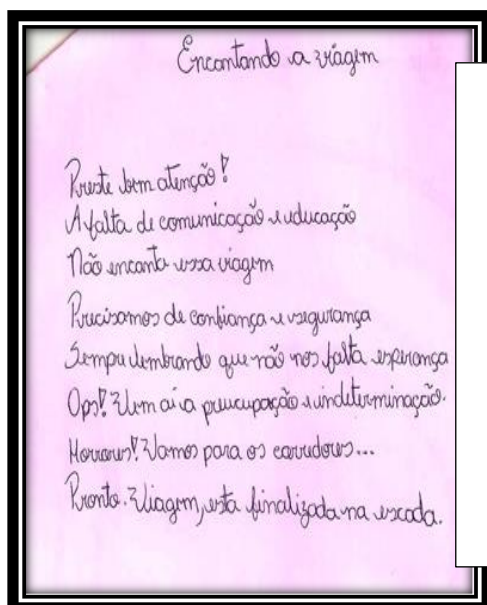
Assim, com toda dedicação e reflexão dos copesquisadores segue abaixo, na íntegra, a análise da produção dos relatos e das imagens pelos copesquisadores:

Grupo-01: Análise do grupo sobre as imagens componentes: Walquíria, Andressa e Gabby.



Viagem ao mundo afeto
Nessa viagem de encontro entre corpo e sentimento, descobrimos que tudo nos afeta. Embarcamos em um pensamento profundo, mas cuidado! Encontramos como obstáculo as preocupações, mas não se preocupe, pois nesse barco também vai a confiança, onde tivemos como grande aliado a união daqueles que nos acompanhavam nessa viagem. A esperança não nos faltou, apesar da insegurança, mas isso não foi um problema, pois viajamos acompanhado da segurança. Nessa viagem o nosso barco balançou, surgiu o medo nesse percurso. Uma voz ao lado nos gritava, foi quando me deparei com o carinho de mãos dadas com o

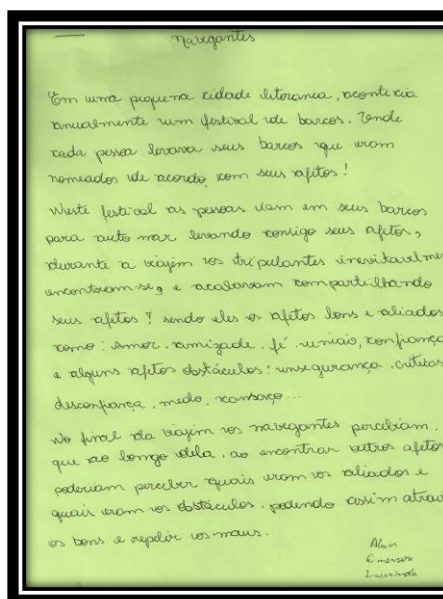
Grupo-01: Análise do grupo sobre os relatos orais componentes: Walkíria, Andressa e Gabby



Encantando a viagem

Preste bem atenção!
 A falta de comunicação e educação
 Não encanta essa viagem
 Precisamos de confiança e segurança
 Sempre lembrando que não nos falta experiência.
 Ops! Vem aí a preocupação e indeterminação.
 Horrores! Vamos para os corredores...
 Pronto. Viagem está finalizada na escada.

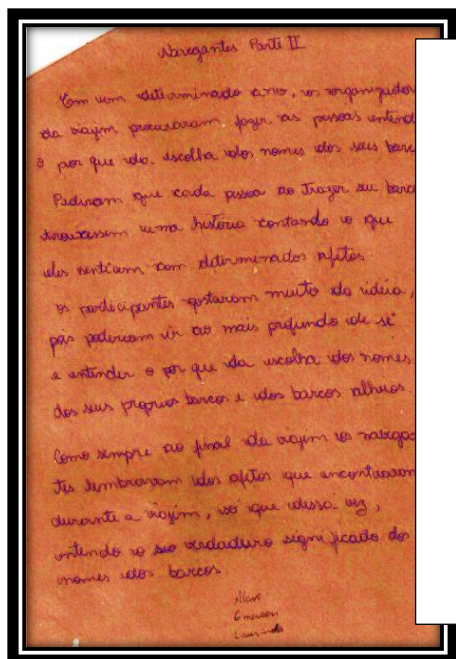
Grupo-02. Análise do grupo sobre as imagens componentes: Alan, Emerson e Laurinda



Navegantes

Em uma pequena cidade litorânea, acontecia anualmente um festival de barcos que eram nomeados de acordo com seus afetos! Neste festival as pessoas iam em seus barcos para o alto mar levando consigo seus afetos, durante a viagem os tripulantes inevitavelmente encontram-se, e acabavam compartilhando seus afetos! Sendo eles os afetos bons e aliados como: amor, amizade, fé, união, confiança e alguns afetos obstáculos: insegurança, críticas, desconfiança, medo, cansaço. No final da viagem os navegantes percebiam que ao longo dela, ao encontrar outros afetos, poderiam perceber quais eram aliados e quais eram obstáculos, podendo assim atrair os bons e repelir os maus.

Grupo-02. Análise do grupo sobre os relatos orais componentes: Alan, Emerson e Laurinda



Navegantes: Parte II

Em um determinado ano, os organizadores da viagem procuraram fazer as pessoas entenderem o porquê da escolha do nome de seus barcos. Pediram que cada pessoa ao trazer seu barco trouxesse uma história contando o que eles sentiam com determinados afetos. Os participantes gostaram muito da ideia, pois puderam ir ao mais profundo de si e entender o porquê da escolha dos nomes dos seus próprios barcos e dos barcos alheios. Como sempre ao final da viagem os navegantes lembravam dos afetos que encontraram durante a viagem, só que dessa vez entendendo o verdadeiro significado dos nomes dos barcos.

3.3 Análises dos dados da técnica do trajeto dos afetos feita pela facilitadora.

A análise da facilitadora foi desenvolvida em duas etapas: análise da produção plástica e análise da produção escrita. Segundo Silveira (2004), é importante que a análise destes materiais ocorra separadamente, pois são tipos de expressão bastante diferenciados. Desta maneira, desenvolvi, primeiramente, a análise das produções plásticas do grupo, buscando encontrar outros olhares acerca de toda a manifestação expressa nos relatos e materiais confeccionados pelo grupo pesquisador.

3.3.1 Análise plástica das imagens dos corpos-barcos dos afetos.

Iniciei a análise dos dados pelas imagens colocando todos os painéis no chão e fiquei a mirá-los de forma panorâmica procurando sentir cada um em sua composição e como estas tocavam em mim, buscando sentir e experimentá-las como se eu as tivesse produzido. Em seguida transformei as imagens no rap a seguir.

O RAP DO AFETO NA ESCOLA

Diga lá, meu irmão,
O que os barquinhos do afeto na escola
Criaram nesta invenção?

Na escola o trajeto do afeto
Antes era desconhecido
E mal vivido
Tinha cores, Linhas e papeis
Gente reunida
Que não conseguia
Cruzar afetos
O que pensar de uma escola assim?
O que o corpo pode fazer numa escola assim?

Diga lá, meu irmão,
O que os barquinhos do afeto na escola
Criaram nesta invenção?

Barquinhos coloridos
Foram falando de afetos na escola
Afetos de toda cor
Amarelos, vermelhos,
Azuis, laranjas, brancos,
Marrons, verdes e roxos
Que viajam ora perto
Ora longe uns dos outros.

De repente criando sentidos
Para o afeto na escola
Barquinhos navegam com
Tripulantes variados
Cheios de emoção
Circulando vão
Enlinhando-se
Viajando pela emoção!

Olhares enlinhados
Olham o afeto vermelho
Que vive isolado
distante
Que dificuldades
Este afeto vive na escola?

Ele é isolado
Distante das pessoas
Ou são as pessoas
Que o isolam
Não aceitam sua cor
O que pensar meu irmão
De afeto assim, assim, na escola?

Afetos se misturam
 Barcos isolados e tristes
 Se transfiguram e ajudam
 outros afetos na escola
 Transmudados e experimentados
 Servem ao espaço
 Sem calor humano
 Antes vivenciado
 Como transformar afetos tristes na escola?

E foi assim
 Que os espaços antes vazios
 Com afetos tristes
 São agora movimentados
 Barcos de todas as cores
 Em dança
 Vão navegando
 Pelas águas da escola
 Dando tom
 Som
 E energia
 Tornando tudo cheio de
 Afeto alegria
 O que pensar sobre afetos alegres na escola?

Diga lá, meu irmão,
 O que os barquinhos do afeto na escola
 Criaram nesta invenção?

Afetando de muitos modos
 Corpos e pensamentos
 Os barquinhos coloridos ao navegar
 Pelos lugares da escola fazem pensar:
 Que espaços da escola potencializam e afetam os
 Corpos?
 Que espaços da escola separam as pessoas das outras?
 Que espaços são pontes e ligam as pessoas?

Afetos que são fronteiras
 Pois separam
 Mas podem juntar
 Nestes espaços fronteiras
 Chegam barcos para
 Novas alianças formar.
 Barcos azuis coladinhos
 Juntos viajam
 Pelo novo caminho
 E assim afetos alegres na escola
 Vão despontando sorrindo.

Diga lá, meu irmão,
 O que são afetos alegres na escola
 Criados nesta invenção?

3.3.2 Resultado da Contra-Análise do Rap do Trajeto dos Afetos na Escola.

A contra análise é o momento da pesquisa em que a pesquisadora facilitadora leva suas análises para o grupo pesquisador. É nesta etapa que avaliamos e refletimos acerca dos confetos produzidos, fazemos perguntas de esclarecimento acerca de alguns elementos que sejam necessários podendo até aparecer novos conceitos-confetos.

Este momento também é:

Fundamental para que o/a pesquisador (a) oficial retifique, reexamine e torne mais precisas suas reflexões. (...) Nesta fase pode ser interessante ele/a trazer seus estudos, geralmente muito extensos, de forma mais sintética e comunicativa. (...) podem surgir desencontros, divergências. Não há obrigação nenhuma dos/as copesquisadores/as aceitarem as conclusões dos/as facilitadores/as, nem vice-versa. (GAUTHIER e PETIT, 2001, p.23)

Para realizar este momento tive dificuldade de reunir todas as pessoas do grupo pesquisador. O principal motivo do número reduzido de jovens na contra análise foi a greve que aconteceu nas Universidades Federais e que perdurou por aproximadamente 120 dias, fato que levou muitos jovens alunos a pedirem transferência do CABJ.

Apesar das dificuldades, o grupo foi bastante receptivo e atencioso ao participar de todas as atividades propostas. Estavam curiosos e ansiosos para saber o que iria acontecer, pois tinham boas lembranças do momento das oficinas de produção realizadas anteriormente.

No dia, de junho de 2012, retornei ao CABJ para realizar a oficina de contra análise. De volta à sala de multimídia, o espaço determinado para essas oficinas começa a arrumação. Retirei as carteiras, espalhei os colchonetes, coloquei uma música suave para recepcionar os jovens alunos. Quando o grupo chega peço para fazermos um círculo. Explico o objetivo do dia e logo os conduzo a um breve relaxamento. Logo após distribuo a cópia do texto e juntos começo a leitura em voz alta do “Rap do Trajeto do Afeto” com os jovens alunos. Combinei com os copesquisadores que durante a leitura do texto e, conforme o interesse do grupo, assim que pedissem ou necessitassem, a leitura seria interrompida, abrindo espaço para possíveis discussões

Na leitura do Rap, por um longo tempo copesquisadores se mantiveram em silêncio. Pareciam não entender a proposta, de forma que observei que alguns deles movimentavam a cabeça tentando imitar o ritmo da música “balançante”. Meu coração já saltitava de preocupação, e a pergunta que não queria calar: Meu Deus será que vou conseguir alguma coisa nesse momento tão precioso para minha pesquisa?

Assim, ia prosseguindo com a leitura aguardando avidamente pelo manifestar dos alunos, até que na seguinte estrofe houve uma manifestação:

Olhares enlilhados
 Olham o afeto vermelho
 Que vive isolado
 distante
Que dificuldades
Este afeto vive na escola?

Nesse sentido, eles comentaram:

- O afeto vermelho que vive isolado na escola tem muita dificuldade, o tempo que nós passamos aqui, cada um tem suas amizades e acho que isso impede o afeto.
- Também acho que temos dificuldade na relação com alguns professores, uns são chatos, sei lá...

Prosegui com a leitura, o silêncio insistia em fazer parte daquele momento, olhares curiosos se entrecruzavam e cabisbaixos preferiam não emitir nenhum som. O ensurdecimento do momento me inquietava por demais. Vozes pareciam não querer falar. Mas eis que alguém resolve falar algo quando o foco do texto é:

Ele é isolado
 Distante das pessoas
 Ou são as pessoas
 Que o isolam
 Não aceitam sua cor
O que pensar meu irmão
De afeto assim, assim, na escola?

Dentro dessa abordagem eles fizeram as seguintes considerações:

- Ah, graças a Deus que a gente não tem muito essa de isolamento não. Nós aqui procuramos ser muito unidos, mesmo que a gente não seja unido com todo mundo chega uma hora um que um vai se ajudar ao outro.
- Somos amigos sim, mesmo com muita gente diferente convivendo, nós procuramos ser amigos de todos, claro que uns mais próximos de outro, mas sempre um procurando ajudar o outro.
- Entendo que sozinho não vamos a lugar nenhum, então se isolar para que? Temos que procurar conviver com todo mundo sim.

A respeito disso ainda comentaram:

- Com nossa juventude, com nossa alegria.
- Nossa amizade também, ela não nos deixa triste.
- Acho que também a força que damos uns pros outros, isso também nos fortalece e nos dá alegria.

Leio mais umas duas estrofes e aí os espaços da escola são colocados em discussão no texto;

Afetando de muitos modos
 Corpos e pensamentos
 Os barquinhos coloridos ao navegar
 Pelos lugares da escola fazem pensar:
Que espaços da escola potencializam e afetam os Corpos?
Que espaços da escola separam as pessoas das outras?
Que espaços são pontes e ligam as pessoas?

E então os jovens alunos abordam:

- Tem lugar da escola que vai ficar marcado pra nós, a escada, por exemplo, é nosso “point”, bateu a campinha todo mundo corre pra lá.
- A escada vai fazer história no CABJ, é onde colocamos tudo pra fora, onde falamos de professor, de aula chata, enfim, sai tanta coisa, kkkkkk.
- Tem separação na sala, porque cada um de nós tem seu grupinho, agora quando chegamos nos corredores, na escada, aí todo mundo é um grupo só.

Termo a leitura do Rap do Afeto com a certeza de que estou no rumo certo e que a viagem ao mundo dos afetos na escola deixará marcas profundas no ancoradouro da minha vida pessoal e profissional.

3.3.3 Análise classificatória dos relatos orais da técnica do trajeto dos afetos.

Dando continuidade ao processo de análise, era o momento de um olhar analítico sobre os relatos orais. Confesso que esse foi um momento de muita dedicação, pois os jovens foram profundos ao levantarem questões reflexivas e

ponderadas sobre o tema gerador, os afetos na escola. Afirmando também que se não fosse o acompanhamento e a dedicação da Prof^a Shara esta etapa teria se tornado ainda mais complexa. Nesse momento, destacamos as ligações, ambiguidades, divergência e as convergências entre as idéias de cada categoria.

Na Sociopoética, normalmente, estas análises do facilitador devem aparecer no corpo do trabalho, entretanto faço a opção de colocá-las em apêndice por considerar que não haverá prejuízo no entendimento do processo, e por se tratar de um momento do facilitador consideramos que não irá de encontro à proposta deste método qual seja priorizar a produção dos co-pesquisadores. No entanto, optei por colocar as análises classificatórias da Técnica do Trajeto do Afeto nos apêndices, por entender que dessa forma o texto fica mais direto e de melhor entendimento dos resultados aos quais cheguei. No entanto, se o leitor quiser conferir o processo das análises, ele pode visualizar no Apêndice A.

Assim, para uma melhor compreensão deixo descrito no texto, os estudos transversais das idéias e a contra-análise, porque avalio como impreterível para o entendimento do momento filosófico, ou seja, perceber como chegamos às linhas ou as dimensões do pensamento do grupo sobre o tema gerador. A seguir elenco as categorias selecionadas na análise classificatória:

1. Ideias e sentimentos sobre a viagem
2. Motivos da escolha do afeto na escola
3. Os obstáculos do afeto na escola
4. Os aliados do afeto na escola/ou o que pode e sente o corpo com o afeto na escola
5. Conceitos de afeto na escola
6. A avaliação da oficina e/ou os efeitos da oficina
7. Lugar do afeto na escola
8. Problemáticas vivenciadas nos cursos da escola.

Neste momento analisei o pensamento do grupo através dos cruzamentos das ideias com o intuito de compreender o que os copesquisadores nos comunicam transversalmente pelas convergências, divergências, oposições e ambiguidades

selecionadas na análise classificatória. Desse modo, nosso objetivo nesse momento foi ligar as ideias dos jovens realçando as possíveis problemáticas do grupo.

Muito curiosa e apreensiva procurei me dedicar ao máximo a esse momento, assim deixei meu corpo ser invadido pelas novas sensações que afloravam à medida que caminhava em busca de novos conceitos produzidos pelo grupo pesquisador. Foi um momento único pois precisei desligar-me de verdades instituídas e deixar-me ser invadida pelos novos saberes produzidos pelos jovens e classificados por mim. Tudo isso veio me confirmar que nosso pensamento é heterogêneo e que não existem verdades prontas e acabadas.

3.4 Estudos Transversais

Neste momento busquei os vários sentidos das categorias encontradas, com o desejo de perceber o que o pensamento do grupo comunica através das convergências, divergências, oposições e ambiguidades de suas ideias selecionadas na análise classificatória. É nesta fase da pesquisa que transversalizamos o sentido das categorias analisadas durante a análise classificatória com o objetivo de ligar as ideias dos alunos e realçar o pensamento do grupo sobre o tema gerador e problemáticas anunciadas na análise.

Depois deste momento da pesquisa sociopoética o pesquisador oficial leva suas análises para os copesquisadores conhecerem, esclarecerem, debaterem alguns elementos que considerem necessários. Inclusive com a possibilidade de ampliação e aparecimento de novos conceitos, mostrando que um conceito não é acabado, pelo contrário está sempre apto a novas configurações. Ou seja, os copesquisadores nesta fase podem realimentar os conceitos numa encruzilhada de problemas que se proliferam na contra-análise, num processo de heterogênese e de afinição de conceitos que atrai e cria outros significados, mostrando que a produção de conhecimento é infinita, inacabada e aberta, pois nunca acaba de atrair significados heterogêneos para uma palavra ou expressão dada (GAUTHIER, 2005, p. 261).

Assim, o resultado desta fase foi levado para a contra-análise em forma de conto, no qual encaixamos as categorias da primeira técnica- O Trajeto dos Afetos na Escola.

Segue o conto produzido para a contra-análise.

O trajeto dos afetos na escola

Um grupo de jovens do ensino técnico recebeu o convite de uma capitã de barcos para fazer uma viagem a lugares da escola e pensar os afetos que neles existem. Mesmo sem definir inteiramente os trajetos, nem o que iriam enfrentar, todos aceitaram. No dia combinado, tripulantes e capitã compareceram a sala de aula, o local da partida. Todos embarcaram no mesmo dia e na mesma hora, deitando no chão, respirando profundamente, pois por meio de uma viagem imaginária, a capitã pediu que preparassem seus corpos para uma transformação. Aos poucos, cada um dos tripulantes transmudou-se em coloridos **corpos-barco afeto**. E o chão da sala ficou repleto de corpos-barco afeto de cores azul celeste, azul escuro, rosa, vermelho, verde, amarelo, marrom, laranja e roxo. Assim, os corpos-barco afetos se movimentaram por vários lugares soltando fios de lã coloridos, ajudando-os a traçar no chão o seu trajeto pelos afetos vividos na escola.

Após a experiência, emaranhados aos fios, os corpos-barco afeto, um a um, foram convidados a filosofar e contar o que viveram a respeito dos afetos na escola, quais suas dificuldades e aliados frente às situações de afeto na viagem imaginária pela escola. Para iniciar, os corpos-barco afeto foram nomeados indicando os motivos de sua escolha. Tivemos então: **Corpo-barco Esperança, Corpo-barco Pensamento Profundo, Corpo-barco Amizade, Corpo-barco Amizade, Corpo-barco Escadir, Corpo-barco Confiança, Corpo-barco Carinho, Corpo-barco Segurança** e o **Corpo-barco Aparecido**.

E foi assim que vários tripulantes ao se transformarem, perceberam que haviam ideias em comum, por isto geraram o **corpo barco amizade carinho na escola** que são afetos importantes que precisamos porque sem o carinho das pessoas, sem os amigos e sem a família não vamos a lugar nenhum e o que conquistamos foi por causa disto. Em ideia completar, outros tripulantes juntaram-se e criaram o **corpo-barco amizade-segurança** e disseram que esse ano, diante dos momentos de turbulência, precisamos, além da amizade, de segurança para poder pensar e continuar a viagem. Por isso que este corpo é tudo, é confiança e comunicação.

Não é à toa que criaram os **afetos amizade-amor** que são as sustentáculos porque estão presentes nos lugares onde os jovens conhecem amigos de verdade pro resto da vida e durante os anos na escola conquistamos verdadeiras amizades e sentimos amor por elas. **Afeto amizade na escola** é uma coisa boa porque é aquele centrado nas amizades sustentáculo na escola que são os amigos que estão ali todos os dias com você, são sua família, que cobra e faz você seguir, continuar e não desistir de seus estudos, que te colocam de pé, enxergam tuas lágrimas e te dão forças para prosseguir quando você chega com problemas de casa e com preocupação. Com os amigos da escola a gente convive mais a ponto deles de estarem se tornando parte de nossa família.

Há ainda aquele tripulante que não sabe muito definir o que é o corpo afeto na escola, por que o corpo que ele cria o **corpo-barco Escadir** é diferente, ao mesmo tempo quando está triste mostra-se alegre, às vezes está alegre e quer ficar quieta. É um corpo que não tem um único pensamento, um sentimento fixo, muda constantemente. Diante disso, a capitã quer saber: **O que pode um corpo diferente na escola? Que problemas eles mobilizam?**

De repente, a capitã avisa: cuidado, turbulência na escola! Em meio a este momento, os tripulantes pensaram ideias em ação e na hora da criação pensaram de modo diferente o convívio entre as pessoas em relação ao tempo integral que se passa na escola. Por exemplo, ao escolher o **corpo-barco segurança** o jovem fala do afeto amor na escola que acontece porque a gente passa a maior parte do tempo aqui e convive com um maior número de pessoas, então o relacionamento de

amizades, amor acontece entre você e os professores, os alunos e os amigos.

Portanto, os aliados dos jovens frente as dificuldades são os afetos na escola amigos que são os amigos da escola porque eu não convivo com a minha família, meu convívio hoje é com a escola, minha família durante o ano inteiro são meus amigos, só convivo com meus pais nas férias, e agradeço muito a todos amigos porque a gente precisa muito das pessoas pra nos fortalecer, nos ajudar a seguir em frente. Assim, todo mundo precisa dos afetos na escola amigos principalmente na escola porque que a gente acaba perdendo o convívio familiar, e os amigos acabam se tornando uma base pra gente poder conversar, pensar, expor nossos sentimentos para alguém quando a gente tá com raiva, tá alegre, acaba recorrendo aos nossos amigos.

Por isso, os jovens criam ainda o conceito **amizade sustentáculo na escola** que são os amigos que estão ali todos os dias com você, são sua família, que cobra e faz você seguir, continuar e não desistir de seus estudos, que te colocam de pé, enxergam tuas lágrimas e te dão forças para prosseguir quando você chega com problemas de casa e com preocupação. Com os amigos da escola a gente convive mais a ponto deles de estarem se tornando parte de nossa família.

Sobre isto, outro tripulante pensa e traz o conceito de **Corpo barco Aparecido** para problematizar o convívio centrado apenas dentro da escola o que torna difícil a visita aos amigos e aos familiares fora da escola porque você estudando pela manhã, a tarde e a noite sente dificuldades de visitá-los, acaba perdendo o papo bom com seus amigos, daí aparecido. Falem um pouco mais sobre este conceito. **O que é um Corpo barco Aparecido? O que significa Aparecido?**

Concluem que o **afeto aliado amizade companheiro** é uma das coisas mais lindas que se tem. É ter uma pessoa que você pode confiar nos momentos de tristeza, nos momentos de alegria, principalmente na tristeza para lhe fortalecer e apoiar. O amigo é importante de todas as formas, na hora das dificuldades é aquele que tá sempre te apoiando, tentando te incentivar, quando você se acha incapaz, o amigo vai lá e diz moço tenta, o amigo é amigo de todas as horas. Os amigos são fundamentais pra seguir em frente, lhe ajudar no seu percurso, não só na escola, mas fora da escola, pro resto da vida, quando você sair daqui, se casar, você se formar, vai ter sempre aquela pessoa. Vamos pensar um pouco sobre o tempo integral na escola e convívio com a família e com as pessoas fora da escola.

A capitã pensou que as turbulências tinham cessado, mas eis que em meio as dificuldades, o **Corpo-barco Aparecido** gera o afeto obstáculo sono que é o afeto que muito atrapalha o convívio, porque por exemplo, você estuda em outra cidade e por essa rotina tão puxada, você poderia estar com seus amigos, familiares por mais tempo, mas uma coisa que pesa é o seu corpo e ele necessita de um tempo só pra ele, então o afeto obstáculo sono prejudica esse meu encontro com os outros e assim a pessoa se sente triste em não poder dar o máximo de si por falta de tempo, porque o nosso corpo também requer descanso e tudo isso a gente fica triste porque queria mais, porque você sabe que é capaz de mais e por isso eu fico triste porque ainda não consegui lidar com esse afeto obstáculo.

Todas essas questões sobre o tempo culminaram no confeto **Afetos obstáculos compromisso-preocupações na escola** que são afetos ligados às atribuições e o compromisso com os estudos que acabam se tornando um obstáculo para uma pessoa que gosta de estudar e disponibilizar o tempo para o estudo. Com a diminuição do tempo, os alunos não conseguem conciliar o estudo com uma vida normal, e se tornam pessoas tristes porque achavam que não podiam que iam desistir por conta do corpo cansado.

Eis que os marinheiros ficaram em polvorosa diante da problemática do tempo na escola e trouxeram um afeto que os despotencializam ainda mais pela insegurança que traz, qual seja: o **afeto medo-insegurança-tristeza na escola** que é um obstáculo que atrapalha o afeto na escola, também, porque impede os alunos de prosseguir, de suprir as necessidades, de estudar, de pensar nas coisas que querem,

do que vão fazer e que não são capazes, isso dar medo. Isso traz desestímulo. Este afeto é o início de tudo, o medo da gente não conseguir o que espera devido à falta de tempo do terceiro ano ou de não usar o tempo da melhor maneira porque às vezes a gente chega na escola às sete horas da manhã e quando pensa já é onze horas da noite, hora de voltar pra casa, e eu sempre passei o dia todo na escola. E será se eu to me preparando realmente de verdade para um exame mais na frente pra testar nossos conhecimentos e o nosso futuro? Porque esse ano os professores falam que é o ano das decisões, que você tem que ter mais responsabilidades, um dos anos mais importantes da nossa vida. **E aí, o que acham sobre isto? Como então administrar os afetos numa escola onde tempo traz inúmeros problemas? O que fazer para que o tempo que passam na escola não seja visto como um afeto-obstáculo na aprendizagem, no convívio e no desgaste do corpo? O que pode o corpo?**

Por sua vez, em a relação aos afetos obstáculos que trazem medo, insegurança, ou seja, afetos negativos na escola, o grupo de tripulantes de modo diferente da discussão anterior trouxe outros efeitos deste afetos, desta vez retomando a discussão do convívio na escola, qual seja: o **afeto obstáculo desconfiança** com as pessoas pois traz sentimentos de insegurança, desconfiança, o medo de tá se aproximando, se envolvendo com outras pessoas, buscando novas amizades. O jovem diz: “fiquei meio receoso, eu tive muita desconfiança com tudo devido os afetos pregos que existem tanto na escola como em casa, pois tem pessoas que querem te ver sofrendo, tentam lhe atrapalhar, essas são as pessoas pregos”.

Então, a capitã percebe que na escola não há só afetos amigos já que os **afetos-pregos na escola** é um problema que está entre confiança e desconfiança nas relações com as pessoas porque há pessoas que agem de modo diferente uma da outra na escola. Umhas possuem o **afeto-desconfiança** são afetos ligados às pessoas que se mostram amigas e, ao mesmo tempo, fazem com que você não siga em frente. E outras pessoas agem com afeto confiança que é confiar nas pessoas, só que tem pessoas que a gente confia e que, a gente acha que confia na gente, mas ela está desconfiando. Segundo um jovem “este afeto nos afeta bastante” porque fala de **afeto educação** que é a comunicação entre as pessoas na escola, na família e entre os amigos. E que pode chegar a um **afeto na escola dois barquinhos** perto mostrando a problemática da falta de comunicação na escola, que as vezes estamos pertos de algumas de pessoas e de outras distantes. **A capitã pensou muito sobre isto, e quer saber com mais clareza, como acontecem os afetos-pregos na escola que geram pessoas-prego? Podem dar exemplos?**

Os tripulantes para superar o **afeto obstáculo desconfiança** dizem que é necessário se relacionar com as pessoas, porque quando você começa a conhecer você vai perdendo essa barreira de que todo mundo é de um jeito vai conhecendo, se aproximando deixando a desconfiança de lado.

A capitã muito empolgada com os trajetos dos barquinhos resolveu parar em lugares de afetos na escola. Para sua surpresa, para os tripulantes os Lugares da escola afeto são os corredores, a escada, os outros corredores, a cantina, o banco e os meus afetos só estavam nesses lugares e se tivesse que deixar o barquinho do afeto na escola, ele ficava na escada. Como imaginar uma coisa desta? Esta viagem tem realmente muito que contar, ela é surpreendente mesmo, pensa a capitã. **O que encontramos de especial nestes lugares? O que pode o corpo fazer nestes lugares que o torna tão especial?**

Outro lugar do afeto na escola foi o laboratório de informática, porque segundo os jovens “é onde a gente passa um bom tempo do dia e a gente tem momentos bons como os jogos a gente se diverte”. A capitã achou muito engraçado e pensou que tinha fechado as ideias sobre este lugar, entretanto, de modo oposto, os jovens disseram que este lugar é triste porque “no laboratório de informática é tristeza quando o professor chega, ensina programação e tudo o que a gente aprendeu não

serve pra matéria dele”. A capitã percebeu que não há unanimidade no pensar este lugar e ficou a pensar: **Como melhorar o uso do laboratório de informática?**

Os tripulantes empolgados disseram que outro lugar de afeto positivo é a sala de aula porque tem companheirismo, amizade, amor dos amigos e daqueles que estão ao teu redor e de todas as pessoas que nos rodeiam no ambiente da escola. Entretanto, não é assim que todos veem este espaço. Um jovem disse que este lugar é onde tem maior turbulência e para falar sobre este problema, criou o conceito **afeto turbulência sala de aula** que é o afeto que balança mais quando entra na sala de aula pois é o lugar aonde a gente vai se deparar com os afetos ruins, decepção, tensão por que tem que aprender nem que você não queira tem que ser avaliado, então mesmo com sono e preocupado com a família tem que ter o compromisso, responsabilidade com aquilo que a gente se disponibilizou para fazer, e as pessoas cobram: você não é técnico? Então como é que não sabe? No meio de tudo isso a vontade é de chorar. Então a maior turbulência é estar ali, o professor e você lutando com seu próprio corpo para aprender com sua mente, então foi muito difícil estabilizar o barco. Portanto, “a sala de aula turbulência é o lugar da escola aonde mais te afeta porque você está com o professor naquele meio”. E isto afeta mais na escola porque os professores são divididos, neste caso são dois convívios diferentes. No ensino médio tem mais gente, mais amigos, mais professores, mais dificuldades, além de ter mais matérias, e no técnico é legal. A capitã quer entender melhor: **Em que o ensino técnico é legal? A turbulência na sala de aula é no Ensino Médio? Como a turbulência em sala de aula pode ser positiva ao corpo do aluno na luta com professor?**

Mas isto de dizer que o ensino técnico é legal é confuso na cabeça dos tripulantes, pois dizem que “o ensino técnico pode ser legal e não legal ao mesmo tempo. É legal quando a pessoa faz o que gosta e não é legal quando não gosta porque você tá fazendo sem querer, obrigado por sua família, e isso te atrapalha e a outras pessoas, porque deveria tá fazendo uma coisa que gosta, com toda dedicação isso afeta negativamente porque tá perdendo tempo da sua vida com uma coisa que você não vai usar pra nada na sua vida.”

Os tripulantes se sentiram à vontade com a capitã e falaram ainda mais das diferenças entre os ensinos no afeto responsabilidade: “O curso médio e o técnico são coisas diferentes, mas você tem que ser responsável tanto num curso quanto no outro e isso me deu vontade de chorar. No ensino médio o **afeto responsabilidade** afeta também porque é o ano decisivo, e se o ano acabar e não fez nada não vai fazer mais porquê tem um único exame que vai avaliar não só o ensino médio, mas tua vida inteira, desde teu maternal ate numa sequencia de aprendizado, porque é um ponto X que vai te avaliar e é uma responsabilidade muito grande Com relação ao técnico em informática, enfermagem ou agropecuária mesmo que não exerçam ,tem que saber algo, porque quando a gente sair daqui com um diploma de técnico é outra responsabilidade. Com todas essas responsabilidades a gente vai descarregando nos corredores, na escada.

Interessante, que para os jovens a sala de aula de aula também pode ser diferente e sobre isto eles criam o conceito de aulas práticas momento de diversão que são aulas práticas do técnico que tiram o estresse do ensino médio e são elas que afetam porque são divertidas e as aulas teóricas do técnico são chatas como as do Ensino Médio. Os tripulantes pensam sobre isto, dizendo que se afetam muito com o afeto responsabilidade que é, para eles, o ensino técnico de enfermagem, pois “a responsabilidade de saber que quando terminar vai exercer uma profissão e ser responsável por ela, assim a gente brinca, mas sabe que é necessário as aulas teóricas, porque vamos estar com vidas nas nossas mãos o que você faz não tem como consertar, então a responsabilidade com a profissão no ensino técnico afeta muito a gente.”

Ainda sobre a questão acima, os jovens também não pensam de única forma a relação entre as aulas teóricas e práticas. Eles dizem que “a prática é aliada a teoria

porque no ensino técnico a prática comprova o que você tá aprendendo, mostra o que você aprendeu na teoria, tá servindo para alguma coisa, porque se você for exercer sua profissão você já tá sabendo, porque na sua prática você adquire confiança de certa forma. Entretanto, em outra ideia dizem “as aulas teóricas para o técnico são chatas, já bastam as teorias do ensino médio”. **Por que as aulas teóricas são consideradas chatas? O que vocês sugerem para que estas aulas sejam interessantes e motivadoras?**

Não à toa que toda essa discussão levou os jovens de enfermagem a problemática peculiar ao curso, qual seja: “as aulas práticas no curso de enfermagem não existirem e irem direto para os estágios que acontecem nas férias e que isso acarreta porque tiram tempo que a gente tinha pra estudar pro vestibular nas férias vamos ter que está nos estágios, então meu deus no final do ano vai ser o quê? Eu vou passar ou não? Então é um ano de suspense, é um ano de insegurança.” Por sua vez, falam de modo diferente porque fala é da ansiedade que as práticas no técnico em enfermagem gera e quando chega a hora de ir para o hospital a gente [ficava] com medo do novo de como será lá dentro.

Diante destas provocações, outro marujo conta para capitã que criou o corpo-barco pensamento profundo porque viajou para muito longe e a distancia o fez perceber as necessidades, as preocupações, a ter orientação de como se deve andar de agora em diante, pensar no que realmente afeta, procurar saídas e enxergar que é capaz de seguir apesar das atribulações. A capitã diante de tanta sabedoria, indagou: **Que outras atitudes podemos ter diante dos problemas que os afetam na escola?**

3.5 Resultado da contra análise.

Após o processo de análises pelo grupo pesquisador, o pesquisador facilitador retorna para os copesquisadores fazerem a contra análise. Este momento é fundamental para que o pesquisador oficial retifique, reexamine e torne mais precisa sua reflexões (PETIT, 2002, p.47) Minha expectativa era grande. Desejava saber como o grupo se posicionaria diante de minhas análises. É nesta etapa que avaliamos e refletimos acerca dos confetos produzidos, fazemos perguntas de esclarecimento acerca de alguns elementos que sejam necessários podendo até aparecer novos conceitos-confetos.

Neste momento também:

[...] Nesta fase pode ser interessante ele/a trazer seus estudos, geralmente muito extensos, de forma mais sintética e comunicativa. [...] podem surgir desencontros, divergências. Não há obrigação nenhuma dos/as copesquisadores/as aceitarem as conclusões dos/as facilitadores/as, nem vice-versa. (GAUTHIER e PETIT, 2001, p.23).

Para realizar este momento tive dificuldade de reunir todas as pessoas. O principal motivo do número reduzido de jovens na contra análise foi a greve que aconteceu nas Universidades Federais e que perdurou por aproximadamente 120

dias. Neste intervalo de tempo, temendo pelo prejuízo, muitos alunos resolveram pedir transferência e deixaram o CABJ.

Apesar das dificuldades, o grupo foi bastante receptivo e atencioso ao participar de todas as atividades propostas. Estavam curiosos e ansiosos para saber o que iria acontecer, pois tinham boas lembranças do momento das oficinas de produção realizadas anteriormente.

Iniciamos com um breve relaxamento para que os copesquisadores se sentissem mais calmos e concentrados.

A socialização deste material foi muito importante para a pesquisa, pois me oportunizou fazer complementações, retificações e explicações dos pontos não consensuais dos achados nas análises. A seguir faço uma narrativa detalhada de como aconteceu o processo.

Sentados sobre os colchonetes, começo a leitura oral do texto “O Trajeto dos Afetos na Escola”. O texto iniciava descrevendo todo o ritual da técnica, onde cada copesquisador relatou sobre sua transformação em corpos-barco e seu encontro com afetos na escola, dificuldades, aliados e obstáculos frente a viagem imaginária ao mundo dos afetos na escola.

Durante a leitura, eles iam percebendo suas falas e olhavam uns para os outros com olhares desconfiados e, sorrindo, alguns diziam: “Fui eu quem falou isso!”. E outros: “Esta fala é minha, não acredito, foi isso mesmo que eu falei?”. E, daquele momento em diante começaram a tagarelar muito! O que me deixou mais aliviada, pois, por alguns instantes, pensei que suas impressões teimariam em ficar guardadas no íntimo de cada um.

Mas a primeira parada do texto demora a chegar. Leio, leio e nada de comentários. Até que em meio o olhares atônitos surge a discussão sobre o trecho que fala do corpo diferente, a saber:

Há ainda aquele tripulante que não sabe muito definir o que é o **corpo afeto na escola**, por que o corpo que ele cria o **corpo-barco Escadir** é diferente, ao mesmo tempo quando está triste mostra-se alegre, às vezes está alegre e quer ficar quieta. É um corpo que não tem um único pensamento, um sentimento fixo, muda constantemente. Diante disso, a capitã quer saber: **O que pode um corpo diferente na escola? Que problemas eles mobilizam?**

Sobre isto, eles comentaram:

- aqui nos não temos essa história de corpo diferente não, nossa amizade é com todo mundo, independente de cor ou problemas, eu

mesmo, sou uma pessoa que adoro sorrir, e não tenho problema com ninguém não.

- todos nós precisamos dos outros, é preciso que a gente tome cuidado com essa estória de exclusão, em algum momento da nossa vida, nós vamos sim precisar de alguém. Não concordo muito com essa história de maltratar pessoas, porque todos nós temos problemas, então mesmo tendo aqueles dias que a gente quer ficar só, nós não temos o direito de excluir pessoas.

Continuamos a leitura e a atenção voltou-se os aliados dos jovens frente as dificuldades presentes no confeto afetos na escola amigo que culminou com o confeto **corpo barco aparecido**, presente nos enunciados a seguir:

Portanto, os aliados dos jovens frente as dificuldades são os **afetos na escola amigos** que são os amigos da escola porque eu não convivo com a minha família, meu convívio hoje é com a escola, minha família durante o ano inteiro são meus amigos, só convivo com meus pais nas férias, e agradeço muito a todos amigos porque a gente precisa muito das pessoas pra nos fortalecer, nos ajudar a seguir em frente. Assim, todo mundo precisa dos **afetos na escola amigos** principalmente na escola porque que a gente acaba perdendo o convívio familiar, e os amigos acabam se tornando uma base pra gente poder conversar, pensar, expor nossos sentimentos para alguém quando a gente tá com raiva, tá alegre, acaba recorrendo aos nossos amigos.

Sobre isto, outro tripulante pensa e traz o conceito de **Corpo barco Aparecido** para problematizar o convívio centrado apenas dentro da escola o que torna difícil a visita aos amigos e aos familiares fora da escola porque você estudando pela manhã, a tarde e a noite sente dificuldades de visitá-los, acaba perdendo o papo bom com seus amigos, daí aparecido. Falem um pouco mais sobre este conceito. **O que é um Corpo barco Aparecido? O que significa Aparecido?**

Os jovens pensaram e responderam as indagações acima:

Fui eu quem criou essa história de Aparecido, é tipo assim, passo muitos dias sem ver alguém, aí quando encontro a pessoa ela diz meu Deus olha aí o aparecido. Então o corpo barco aparecido é isso, é aquele que some por um tempo, mas depois resolve aparecer.

A leitura do texto prossegue e paramos no trecho seguinte, eis que os marinheiros ficaram em polvorosa diante da problemática do tempo na escola e trouxeram um afeto que os despotencializam ainda mais pela insegurança que traz, qual seja: o **afeto medo-insegurança-tristeza na escola** que é um obstáculo que atrapalha o afeto na escola, também, porque impede os alunos de prosseguir, de

suprir as necessidades, de estudar, de pensar nas coisas que querem, do que vão fazer e que não são capazes, isso dar medo. Isso traz desestímulo. Este afeto é o início de tudo, o medo da gente não conseguir o que espera devido à falta de tempo do terceiro ano ou de não usar o tempo da melhor maneira porque às vezes a gente chega na escola às sete horas da manhã e quando pensa já é onze horas da noite, hora de voltar pra casa, e eu sempre passei o dia todo na escola. E será se eu to me preparando realmente de verdade para um exame mais na frente pra testar nossos conhecimentos e o nosso futuro? Porque esse ano os professores falam que é o ano das decisões, que você tem que ter mais responsabilidades, um dos anos mais importantes da nossa vida. **E aí, o que acham sobre isto? Como então administrar os afetos numa escola onde tempo traz inúmeros problemas? O que fazer para que o tempo que passam na escola não seja visto como um afeto-obstáculo na aprendizagem, no convívio e no desgaste do corpo? O que pode o corpo?**

Sobre esse aspecto sabiamente comentaram,

- Eu tô aqui fazendo os dois cursos, como já disse acho bom porque vou ter dois diplomas. Então é assim, faço as duas coisas ao mesmo tempo porque eu quero um algo a mais para mim, e é o curso técnico que me proporciona isso, vejo isso como algo positivo.
- Sacrificamos nosso corpo por uma coisa proveitosa que a gente gosta, quer e vê que é bom, aí quando o corpo cansa a gente deve tirar um momento, uma tarde pra relaxar, deitar, pensar no que é bom, no que realmente o corpo pede, e agente corre atrás disso pra ver se a gente tem algo melhor na vida, como Emerson disse, sair daqui com um curso profissionalizante vai ser muito bom, porque é o curso que a gente faz, com o corpo e por um motivo maior.
- Tem momentos que acaba sendo ruim porque no nosso caso, o técnico em enfermagem, nós não temos só os dois períodos, mas três, então a gente não tem tempo pra nada, mas o que vejo de bom nisso é que vamos sair com um diploma a mais, e outra coisa, é que como sou acostumada com essa rotina pesada de correria, não vou sofrer um abalo tão grande quando eu tiver na correria de um curso superior, então é isso, o tempo daqui ensina a gente a se virar.
- Hoje, eu vejo como não tô mais aqui, que eu sinto falta dessa correria, porque eu entendi que é nessa falta de tempo que a gente aproveita o máximo possível, conciliando os dois cursos e tendo outras tarefas pra fazer, fazer o curso médio e técnico juntos é um aprendizado.

Mais uma parada, agora para comentar, a capitã percebe que na escola não há só afetos amigos já que os afetos-pregos na escola é um problema que está entre confiança e desconfiança nas relações com as pessoas porque há pessoas que agem de modo diferente uma da outra na escola. Umas possuem o **afeto-desconfiança** são afetos ligados às pessoas que se mostram amigas e, ao mesmo

tempo, fazem com que você não siga em frente. E outras pessoas agem com **afeto confiança** que é confiar nas pessoas, só que tem pessoas que a gente confia e que, a gente acha que confia na gente, mas ela está desconfiando. Segundo um jovem “este afeto nos afeta bastante” porque fala de **afeto educação** que é a comunicação entre as pessoas na escola, na família e entre os amigos. E que pode chegar a um **afeto na escola dois barquinhos perto** mostrando a problemática da falta de comunicação na escola, que as vezes estamos pertos de algumas de pessoas e de outras distantes. **A capitã pensou muito sobre isto, e quer saber com mais clareza, como acontecem os afetos-pregos na escola que geram pessoas-prego? Podem dar exemplos?**

E sobre o confeto **afetos pregos** falaram;

- Assim, podemos falar aqui no caso de “bullying”, podemos dizer que pessoas pregos praticam isso, temos até o Emerson que gosta disso (sorrisos).
- Esses pregos vivem de pregar coisas ruins nos outros.

Diante dessa afirmação pergunto: Como pregar coisas ruins? Então eles respondem;

- Ah, sei lá pregando mesmo.
- A falta de comunicação, a pessoa mal humorada, que se isola, a gente acaba dizendo que essa pessoa é prego, aí se ela não deixa esse mau humor, essa falta de comunicação, esse isolamento, então essa pessoa tende a se isolar, não vai se liberando e acaba ficando prego mesmo.
- São pessoas enjoadas, sem carinho.
- Pregos também são os excluídos, as covardias que os amigos fazem com a gente.
- Pregos nos afetam negativamente porque atrapalham nossa vida
- Atrapalham porque lembram desconfiança
- Você tá num ambiente que você acha que tem educação só que as pessoas não têm com você, isso atrapalha, isso também acho prego.

Os jovens alunos se mexem, corpos parecem cansar da leitura, mesmo assim continuamos, e paramos quando o texto comenta a capitã muito empolgada com os trajetos dos barquinhos, resolveu parar em lugares de afetos na escola. Para sua surpresa, para os tripulantes os **Lugares da escola afeto** são os corredores, a escada, os outros corredores, a cantina, o banco e os meus afetos só estavam nesses lugares e se tivesse que deixar o barquinho do afeto na escola, ele ficava na escada. Como imaginar uma coisa desta? Esta viagem tem realmente muito que contar, ela é surpreendente mesmo, pensa a capitã. **O que encontramos de**

especial nestes lugares? O que pode o corpo fazer nestes lugares que o torna tão especial?

A respeito copesquisadores comentam,

- Podemos dizer que todos os afetos a gente viveu só nesses lugares.
- E o que pode o corpo fazer nesses lugares tão especiais, a gente pode dizer primeiro que é um lugar de descanso, descanso do corpo, descanso da mente, o descanso de tudo.

Prosseguimos a leitura do texto e mais uma vez paramos no seguinte trecho, outro lugar do afeto na escola foi o laboratório de informática, porque segundo os jovens “é onde a gente passa um bom tempo do dia e a gente tem momentos bons como os jogos a gente se diverte”. A capitã achou muito engraçado e pensou que tinha fechado as ideias sobre este lugar, entretanto, de modo oposto, os jovens disseram que este lugar é triste porque “no laboratório de informática é tristeza quando o professor chega, ensina programação e tudo o que a gente aprendeu não serve pra matéria dele”. A capitã percebeu que não há unanimidade no pensar este lugar e ficou a pensar: **Como melhorar o uso do laboratório de informática?**

Assim os jovens alunos acrescentaram,

- A solução seria mudar de professor, ou então, pensando melhor, muitas vezes a gente vê que o problema é na matéria, não é do professor, então isso é complicado.
- É muito interessante falar sobre isso, porque quando a gente tava sozinho no laboratório, a gente sorria, brincava, se divertia, e de repente quando o prof. Chegava, aquele espaço que era só alegria se transformava nu lugar tenso, a pressão do professor, quando ele chegava com os comandos, aquele afeto que tinha, aquele bom clima acabava, e também era algo muito complexo porque as vezes numa tarde só a gente tinha os dois momentos, de alegria e de tristeza.
- Uma coisa que eu observei bem e que achava interessante era a diferença entre o meu curso, informática e os das meninas de enfermagem, eu via assim, tipo ,em dia de prova, elas choravam, a professora vinha e acalentava, acalmava elas, sei lá, percebia que lá tinha muito afeto, preocupação, coisa que no de informática não tinha, os professores não tinham essa preocupação em te acalmar, não tinham esse afeto.
- No nosso curso, enfermagem, uma coisa que tivemos que aprender foi conviver e trabalhar com equipe, porque trabalhando em equipe a gente tem que confiar no outro, tem que conviver com os outros, conhecer mais as pessoas e assim a gente vai criando laços fortes de amizade, vínculos, e isso ficou em todo mundo, esse aprendizado.
- De todas as dificuldades que a gente tem durante o dia, durante o tempo todo é que a gente precisa de apoio, mas acontece que tem professor que faz é desestimular a gente, porque tem professor que entra na sala e diz, rapaz eu não gosto de dar aula nessa turma,

acho melhor ir pro subsequente, não acredito nessa estória de médio e técnico junto não.e aí , o que é que a gente faz?

- Tem professor que cria barreiras entre a gente e eles, tem professor que a gente tem receio de perguntar, e tudo isso gera um ambiente frio.

- Tem professor que nem aquela tradicional pergunta “todo mundo entendeu?”, a gente consegue responder, porque se não tem intimidade a gente responde que sim, mesmo sem ter entendido nada.

Copesquisadores começam a conversar. O que fazer? Chamo a atenção e retomo a atividade. E então paramos no trecho, os tripulantes empolgados disseram que outro lugar de afeto positivo é a sala de aula porque tem companheirismo, amizade, amor dos amigos e daqueles que estão ao teu redor e de todas as pessoas que nos rodeiam no ambiente da escola. Entretanto, não é assim que todos vêem este espaço. Um jovem disse que este lugar é onde tem maior turbulência e para falar sobre este problema, criou o conceito **afeto turbulência sala de aula** que é o afeto que balança mais quando entra na sala de aula pois é o lugar aonde a gente vai se deparar com os afetos ruins, decepção, tensão por que tem que aprender nem que você não queira tem que ser avaliado, então mesmo com sono e preocupado com a família tem que ter o compromisso, responsabilidade com aquilo que a gente se disponibilizou para fazer, e as pessoas cobram: você não é técnico? Então como é que não sabe? No meio de tudo isso a vontade é de chorar. Então a maior turbulência é estar ali, o professor e você lutando com seu próprio corpo pra aprender com sua mente, então foi muito difícil estabilizar o barco.,

Sobre o confeto **afeto turbulência sala de aula**, os jovens comentam,

- Nessa parte quando falam você não é técnico? Isso me dá um ódio tão grande, tipo assim, meu pai me entrega um computador com um defeito pra eu consertar, aí eu falo, não sei o que é aí ele, meu pai diz, mas tu não é técnico como é que não sabe? Poxa, mas será porque eu tô estudando pra ser técnico eu sou obrigado a saber de tudo? .

- Gente, porque tem alguma coisa que nós ainda não vimos, tem assunto que a gente não viu, mas as pessoas dizem, não é técnico, não é técnico? Já questionam a sua capacidade.

- Quanto a esta questão de turbulência na sala, fui eu quem falou, tipo quando você não está num dia bom, tá cansado, aí você entra na sala querendo brincar, sorrir, aí a gente sabe que o tempo que a gente tem é aquele ali, e é ali que eu tenho que aprender. Então a gente acaba se deparando com muita cobrança, porque quando a gente chega no final da tarde cansado, sabemos que o aproveitamento foi pouco, e em casa todo mundo cobra, dizendo que o tempo de você aprender é o tempo na sala de aula ,então você já sai com aquilo ,que tem de aprender aqui e agora, naquele momento, então acaba que a gente fica com medo, fica tenso, aí quando a

gente não aproveita nada , ficamos triste, acho que esse é o maior momento de turbulência.

- Esse ano, é o ano mais tenso, o ensino médio é puxado, é o momento tensão, pré-enem, pré- vestibular, aí tipo vai apertando, ficando mais difícil, mais tenso, aí falta o afeto dos professores, falta aquela aproximação, sei lá, lembro que esse ano eu chorei rios na sala de aula, por conta dessa cobrança que é grande demais, chorei bastante mesmo , porque pra nós a cobrança é muita, não só dos professores, dizendo que você tem que estudar, mas a nossa própria cobrança em achar que somos super heróis e vamos ter que fazer tudo, e saber que nós somos frágeis e temos as nossas limitações.

- Na escola a gente passa por muitos momentos difíceis né, mas todo mundo vê como eu sou, eu só ando sorrindo, mas teve um dia que eu fiquei com muita raiva, fiquei com ódio de um professor que me botou pra fora da sala sem eu tá fazendo nada, a outra pessoa é que tava conversando e ele mandou eu sair, eu disse que não ia e ele disse saia, aí eu saí com tanto ódio que quase quebrei a porta, pense numa coisa ruim, e me marcou muito, e ate hoje eu ao consigo esquecer.

- E assim pra nós do técnico em informática nós temos professores enjoados, professores pregos, mas também professores amigos, como (Agildo, Klendson, Mauricio, Thiago).

- Esses professores que nós achamos enjoados na sala, devo muito a eles, tudo o que aprendi do técnico devo a eles sim.

Em outro momento do texto paramos para comentar sobre os **cursos técnicos da escola, o CABJ,**

-E isto afeta mais na escola porque os professores são divididos, neste caso são dois convívios diferentes. No ensino médio tem mais gente, mais amigos, mais professores, mais dificuldades, além de ter mais matérias, e no técnico é legal. **Em que o ensino técnico é legal?**

-Mas isto de dizer que o ensino técnico é legal é confuso na cabeça dos tripulantes, pois dizem que “o ensino técnico pode ser legal e não legal ao mesmo tempo. É legal quando a pessoa faz o que gosta e não é legal quando não gosta porque você tá fazendo sem querer, obrigado por sua família, e isso te atrapalha e a outras pessoas, porque deveria tá fazendo uma coisa que gosta, com toda dedicação isso afeta negativamente porque tá perdendo tempo da sua vida com uma coisa que você não vai usar pra nada na sua vida.”

E eles explanaram,

- No ensino médio temos um bocado de matéria, e eu acho que são poucas as pessoas que gostam desse tanto de matéria do ensino médio, ou seja, é um longo período e de certa maneira muito chato, aí quando você chega no técnico, de certa forma você faz uma escolha com a área que você quer, com a área que você tem mais afinidade e durante o curso tem matérias com os professores mais gente boa.

- Porque no ensino médio a gente sempre teve história, português, matemática, desde que a gente se conhece por gente, aí de repente nos deparamos com algo novo, diferente, nossa, aí você se motiva mais para aprender, porque você vai tá vendo uma coisa que você

nunca viu na sua vida, aí tem motivação para aprender e quer exercitar, por isso acho o técnico mais legal.

- É legal porque como eu já disse é uma coisa a mais, e quanto mais você sabe, melhor pra você, pra vida.

- E quanto a fazer o que não gosta, o técnico, por exemplo, na sala temos um exemplo disso, que é a Jaqueline, moço, ela odiava esse técnico, não queria fazer o curso por nada, aí ela ficava importunando os professores, enchendo o saco, tirando a paciência mesmo, mas o engraçado é que todo dia ela tava ali na sala, nem que fosse só pra perturbar mesmo. A gente tinha um professor que aff Maria, tem toda a paciência do mundo, mas ela conseguiu despertar a ira dele... kkk. Mas, assim, quando também teve a primeira oportunidade, ela foi a primeira sair da escola, todo mundo ficou abismado por ela ter sido a primeira a abandonar o barco.

Quando no texto aborda sobre **aulas teóricas e práticas** no texto Os jovens também não pensam de única forma a relação entre as aulas teóricas e práticas. Eles dizem que “a prática é aliada a teoria porque no ensino técnico a prática comprova o que você tá aprendendo, mostra o que você aprendeu na teoria, tá servindo para alguma coisa, porque se você for exercer sua profissão você já tá sabendo, porque na sua prática você adquire confiança de certa forma. Entretanto, em outra ideia dizem “as aulas teóricas para o técnico são chatas, já bastam as teorias do ensino médio”. **Porque as aulas teóricas são considerada chatas? O que vocês sugerem para que estas aulas sejam interessantes e motivadoras?**

E sobre esse aspecto copesquisadores colocaram,

- A teoria é necessária, precisamos de conteúdo, só que aula teórica demais não precisa, teoria, teoria, aff Maria, no meu ver o aluno aprende muito mais na prática, porque você tá aprendendo fazendo, tipo aí entra a questão responsabilidade que eu acho que vale muito para o técnico de enfermagem, porque eu acho que aí a responsabilidade é maior, porque se trata de vidas certo, então você tem que saber o que é que tá fazendo. Já no técnico em informática, precisa de responsabilidade? Sim, claro, mas não é tanto como quando se mexe com vidas, porque aqui se mexe com máquinas, se quebrar alguma coisa, peça, você repõe, com a vida não dá.

- Na enfermagem não tem como você ir aplicar um soro e errar.

- Penso que todo profissional da saúde deve ter uma responsabilidade a mais.

- Deve ter um psicológico bem forte, porque tratar com vidas é muito sério.

- Por exemplo, quando vimos os cuidados essenciais e quando estamos estagiando no hospital, ao preparar uma medicação para administrar no paciente, a professora sempre tem a preocupação de perguntar todos os passos, todas as etapas para que não haja nenhum erro, por isso elas sempre tem esse cuidado. Então chegar num ponto desse sem que você não tenha a teoria, não dá pra ir pra frente, então você tem que ter teoria sim.

- As aulas teóricas do técnico não são tão chatas quanto as do ensino médio, porque a teoria do técnico você sabe que um dia vai

usar, agora moço, tem umas coisas do ensino médio, por exemplo de matemática mesmo, que você sabe que nunca vai usar na vida.

- Têm umas fórmulas de matemática que meu Deus, pra quê?
- Às vezes o professor enche o quadro com tanta conta pra no final dizer: olhem bem aí no livro que tem a fórmula final, e aí? Meu Deus.
- Se eu vou usar da fórmula pra frente pra que mesmo esse monte de cálculo? Mas o professor é tão bom que desestimula a gente antes mesmo de chegar na fórmula.

Ainda discutindo sobre as aulas o grupo coloca sobre a importância das **aulas teóricas no curso técnico de enfermagem** quando o texto aborda, não é à toa que toda essa discussão levou os jovens de enfermagem uma problemática peculiar ao curso qual seja: “as aulas práticas no curso de enfermagem não existirem e irem direto para os estágios que acontecem nas férias e que isso acarreta porque tiram tempo que a gente tinha pra estudar pro vestibular nas férias vamos ter que está nos estágios, então meu deus no final do ano vai ser o quê? Eu vou passar ou não? Então é um ano de suspense, é um ano de insegurança.” Por sua vez, falam de modo diferente porque fala é da ansiedade que as práticas no técnico em enfermagem gera e quando chega a hora de ir para o hospital a gente [ficava] com medo do novo de como será lá dentro.

Sobre esse aspecto os jovens copesquisadores colocaram,

- As aulas teóricas são necessárias, e muito.
- Acontece assim, temos a teoria, praticamos e aí vamos para os estágios. E essa é a hora em que você tem que se colocar no lugar do outro. Na primeira vez que eu fui administrar eu chorei rios pra poder pegar o braço da Tatiane, e ela me deu. Foi o momento em que me coloquei no lugar do outro, porque você tem que confiar naquela pessoa, por isso acho que as aulas práticas, além de mostrar o que você aprendeu na teoria, o que você sabe, você tem que se colocar no lugar do outro, daquele que tá precisando de você.
- Aí você deve ter na cabeça que o cuidado deve tá acima de tudo, tá acima de você sair bem na vista dos outros, não sou o que mais sabe, mas o que mais tem cuidado, e isso é o mais importante.
- E a responsabilidade, porque quando você chega no hospital, que você tá com aquele monte de paciente pra cuidar, eu pensei que a gente ia ter dificuldade em cuidar daqueles pacientes, que eles não iam aceitar a gente por ser estagiária, mas fomos bem recebidos por eles, porque os doentes depositam muita confiança na gente, porque eles dizem que a gente pergunta como eles estão, e os outros nem perguntam nada, porque é assim, tem gente que acha que porque está de branco, de jaleco é muito importante, daí os pacientes confiam completamente na gente, porque a gente tem cuidado, conversa com eles.
- Já ouvi muito, vocês são estagiários né? ah, então vão cuidar bem da gente.
- Eles dizem que a gente trata o paciente, os doentes muito melhor, diferente.

- Penso que o profissional da saúde deveria passar um período de apenas seis meses, um ano no lugar de trabalho, porque acho que o serviço acaba que cai na rotina, aí eles ficam frios, não tem mais aquele cuidado que deveriam ter, não perguntam mais como as pessoas estão, o que sentem, e nós estamos sendo avaliados para fazer isso, e a gente faz por que gosta de cuidar bem.
- A gente sabe que eles querem uma atenção a mais, porque muitas vezes os médicos não olha nem pra cara do paciente, porque o paciente pode estar com dor, com febre, mas por detrás daquilo tem um problema psicológico que uma simples conversa poderia resolver de um jeito muito mais fácil, do que você só chegar e passar um monte de medicamento.
- Já ouvi dizer que os pacientes são melhores tratados pelos estagiários, pois muitos dos que estão no hospital são frios, não tem carinho pelo pacientes, só fazem pelo trabalho e pronto.
- Já fui vítima dessa frieza quando fui levar um aluno aqui no hospital e o medico nem olhou pra cara do paciente, perguntou o que sentia e passou o remédio, e pronto.
- Nesse caso, há um conflito, pois para os doentes nós somos mais humanizados do que os funcionários do hospital.
- Sofremos preconceitos não pelos pacientes do hospital, mas pelos funcionários. Quantas vezes não ouvimos: “aqui deveria ter uma placa proibindo estagiários”, pode?
- Esta questão de trabalhar só por um tempo é sério, porque depois de um certo tempo o trabalho não é mais no desleixo.
- Por isso eu quero me formar e ser diferente, não quero ser igual aos profissionais que estão aí, porque no nosso técnico todo mundo tem esse cuidado de fazer diferente.

Para finalizar, a nossa leitura do texto termina problematizando o seguinte, diante destas provocações, outro marujo conta para capitã que criou o **corpo-barco pensamento profundo** porque viajou para muito longe e a distancia o fez perceber as necessidades, as preocupações, a ter orientação de como se deve andar de agora em diante, pensar no que realmente afeta, procurar saídas e enxergar que é capaz de seguir apesar das atribuições. A capitã diante de tanta sabedoria, indagou: **Que outras atitudes podemos ter diante das atribuições que nos afetam na escola?**

Então os copesquisadores explicaram que outras atitudes podem ter diante das atribuições na escola,

- Estar de bem com a vida, acreditar em si e saber que é capaz, se você tem um objetivo não desistir por nada, nem que demore o tempo que for, não desista nunca.
- Ser feliz, ir em busca de seu sonho sempre.
- Penso assim, se você tá aqui, você já é um vencedor, porque pra você entrar no CABJ você teve que fazer um teste e passar, então prossiga e não desista, porque você vai conseguir.
- Tem que ter segurança, confiança, autoestima, confiança em si.

Encerramos essa parte da contra análise com um lanche e ficamos felizes com a conclusão de mais uma etapa da pesquisa.

4. AS ESCULTURAS DOS AFETOS NA ESCOLA

4.1 Terceira Oficina: Produção dos Dados

Para a realização desta terceira oficina sociopoética, sinto que estou mais segura e confiante, ao contrário do que aconteceu anteriormente. O medo, antes muito forte, foi revestido por um sentimento de força e confiança. O desejo de produzir, pesquisar se faz mais presente no meu corpo, e o que parecia um sonho, agora vejo como uma realidade tangível. A hora agora é de viver momentos mágicos, mas, que, no entanto, são reais e factíveis.

Nossa terceira oficina aconteceu no mesmo dia da anterior, no período da tarde, logo após o almoço e a pausa para que corpos pudessem se restabelecer e preparar-se para novos movimentos potencializadores.

Permanecemos no mesmo espaço, a sala de multimídia, e às duas horas retomamos nosso encontro. Com corpos ainda entorpecidos pelo sono pós-almoço propus fazermos um aquecimento e um alongamento corporal. Pedi que ficassem de pé e ao som de uma música dançante começamos a andar pelos espaços da sala livremente, com movimentos soltos embalados pelo som da música. Aos poucos, foram surgindo bolas coloridas e caminhando, dançando elas também se integravam ao fluxo do movimento e do grupo. Logo depois fizemos a brincadeira do vampiro, vendamos os jovens e orientamos dizendo que ao tocar na pessoa eles deveriam apertar seu pescoço e a pessoa vampirizada daria um grito de dor e ao ser tocado novamente o grito já seria de prazer. Confesso que foram momentos de descontração, muita gritaria, mas também muito prazer. Todos se contagiaram pelo êxtase da situação e eu fui envolvida por um sentimento de alívio, visto que as tensões do momento estavam impregnadas no meu ser, afinal, esse era um momento importante na minha vida, estava desenvolvendo uma pesquisa importante para minha formação pessoal e profissional.



Fig. 40: Brincadeiras



Fig. 41: Brincadeiras

Prosseguimos, e iniciamos a segunda parte das nossas atividades com um relaxamento. Este momento teve o objetivo de proporcionar a livre circulação das energias e a flexibilização do pensamento, a fim de favorecer a emergência de dados não conscientes. Neste estado de relaxamento os copesquisadores deixam fluir imagens em resposta às perguntas do/a facilitador/a. (GUATHIER, 2009).

Com os olhos vendados, orientamos que seguissem os seguintes passos: realizar movimentos com o corpo, esfregando-o de um lado e de outro no chão imaginando que o chão está cheio de tintas coloridas. Assim você vai acomodando seu corpo no chão; Você se retorce, pintando seu corpo com as tintas; Depois você rola no chão; Em seguida você coloca seu corpo em X e expande para cima e para baixo; Por fim, você vai dobrando seu corpo, juntando suas pernas ao corpo, de modo que você vai se encolhendo ficando em posição fetal.

Após esse breve relaxamento, pedi ao grupo que fizesse um pequeno círculo com três pessoas, onde ainda de olhos vendados pudessem realizar o balé das mãos. Ao som da música - Um dia um sonho -, de autoria de Nonato Luiz, com um toque bem suave, pedi que cada um tocasse a mão do companheiro vagorosamente sentindo seus dedos, a pele, sua textura. Os toques sensíveis e individuais revelavam uma multiplicidade de sentimentos entre os copesquisadores. Em seguida, em frente a cada grupo foi colocado um monte de argila para que pudessem começar a produção das esculturas. Antes, pedi ao grupo que observassem e respondessem aos seguintes comandos: peguem e sintam a argila; façam uma bola; coloquem em pedaços e depois em fragmentos; juntem tudo e procedam a criação da escultura do afeto na escola.



Fig. 42: Balé das mãos



Fig. 43: Balé das mãos

No toque da argila, alguns estranharam a atividade, começaram a sorrir, e sentiram certo nojo. Foi preciso a intercessão da Polly dizendo que a terra é algo puro, isenta de contaminação e impurezas que a gente possa imaginar. A partir daí, então tudo melhorou e a atividade fluiu.

É válido dizer que na sociopoética o estranhamento é capaz de produzir dados não aparentes e diferentes dos encontrados em pesquisas convencionais: “o efeito de estranhamento torna-se ainda mais necessário quando impera a ilusão grupal, isto é, a tendência a manter uma visão idealizada de harmonia no grupo e de criação de um sentimento de onipotência, que mascara as contradições e cega às análises”. (Petit e Gauthier, 2005).

No momento seguinte, retiramos as vendas dos olhos do grupo e pedimos que olhassem as produções. Um certo ar de espanto foi notável na expressão de cada um. Depois, pedimos que fosse dado um nome para escultura, algo que lembrasse ao que tivesse a ver com o afeto na escola.

Nomeadas as produções de cada grupo, trocamos as posições e os grupos falaram das esculturas dos outros. Numa tempestade de ideias, e sem pensar muito copesquisadores falaram sobre as peças produzidas e a relação com o tema gerador. Em sequência, após os grupos falarem da escultura do outro, pedimos que cada grupo voltasse ao lugar de origem e falasse da sua própria escultura.

A seguir os relatos orais:

COPESQUISADORES/IMAGEM ESCULTURA	DA RELATO ORAL DAS PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA E DO GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA
<p data-bbox="336 398 799 427" style="text-align: center;">“ESCULTURA SOLIDARIEDADE”</p> <div data-bbox="252 465 836 954" style="text-align: center;">  </div> <p data-bbox="225 994 863 1055">COPESQUISADORES: Bianca, Laurinda e Gabriela.</p>	<p data-bbox="890 398 1442 459" style="text-align: center;">PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA</p> <p data-bbox="890 501 1442 1099">A gente assemelhou a uma panela, a solidariedade, então como a gente vivencia o dia todo, a gente vive a solidariedade um com o outro, aprende a compartilhar, a ajudar, dividir e amar. Quando fala em solidariedade, a gente pensa logo em dividir. Em dividir com o outro, dar um pouco de si para o outro, dividir algo que às vezes a pessoa ta precisando e é algo que você tem e sabe que se doar não vai faltar pra você. Então é questão de solidariedade mesmo. Nem todo mundo é solidário, mas não tem essa pessoa que mesmo chegando na escola não consiga ser solidário. Então o ambiente escolar nos proporciona muita coisa e uma delas é aprender a conviver com determinados tipos de sentimentos.</p> <p data-bbox="890 1137 1358 1167" style="text-align: center;">GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA</p> <p data-bbox="890 1207 1442 2072">Ao pegar na argila, eu voltei aos velhos tempos, brinquei um pouco, porque há muito tempo não brincava disso, brincar pra modelar, fazer boneco, sei lá, eu voltei ao passado. A gente fez a escultura da panela, aí a gente lembrou, assim, de compartilhar um com o outro. A gente foi afundando, abrindo a argila. E aqui todo mundo pensou diferente, eu queria fazer um boneco. Eu também. E acabou que eu peguei um pedaço e vi que as duas tavam fazendo uma coisa só, aí a gente juntou de novo e ai pegamos, modelamos e saiu a panela. Senti a mesma coisa da Andressa quando disse pra quebrar a argila, era jogar fora os sentimentos ruins, as raivas, tudo o que a gente passa por aqui, o estresse. Principalmente o estresse, ta todo mundo muito estressado durante o dia, aí quando eu despedacei a argila... Dá vontade de destruir! Ao despedaçar, pra mim foi assim, como se fosse as brigas, me separar dos amigos, e na hora de juntar foi como se fizesse as pazes novamente e ficasse tudo normal. Solidariedade tem a ver com a fetos com</p>

	<p>certeza, porque assim, tem algumas pessoas que não sejam tão amigas, tão próximas, mas tem uma hora que um vai ter que ajudar ao outro, vai precisar, vai ser fases que a gente vai passar numa sala de aula, porque a gente convive com algumas pessoas, tipo, numa sala ter 34 alunos, claro que você não vai ficar convivendo todo dia com todo mundo, falando com todo mundo, aí as vezes vai ter uma hora que algumas partes tem que se juntar, pra ajudar o outro, aí isso afeta, é solidariedade, em querer ajudar o outro, um precisar do outro, o outro pedir ajuda ou então alguém vê outra pessoa tá precisando e se disponibiliza pra ajudar. Então o afeto e a solidariedade é compartilhar, doar. No toque das mãos primeiro eu senti a Bianca, aí prestei atenção e conheci a Gabby, aí a gente começou. No despedaçar, pensei no estresse, na falta de tempo, que as vezes a gente quer fazer algo que não pode, aí a gente só pensou em coisas ruins, aí quando foi pra juntar, foi o momento de relaxar, de brincar, de pensar em ser criança de novo, esquecer responsabilidades, esquecer escola, aquele momento em que a gente precisa ficar órfão de tudo, parar de pensar.</p>
<p style="text-align: center;">“ESCULTURA DO AMOR”</p>  <p>COPESQUISADORES: Walquiria, Tatiane e Andressa.</p>	<p>RELATO DE PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA</p> <p>Essa escultura tem relação muito grande com afeto, porque eles fizeram um coração que trata de amor, que é fundamental para o afeto. Uma coisa muito linda que lhe ajuda na sua vida porque não só amor assim entre um homem e uma mulher, mas amor de amigo, amor de irmão, é esse amor que é o que lhe afeta, que lhe fez seguir em frente e lhe fez feliz. E que dá confiança, que sem amor a gente não tem a confiança pra formar uma escultura como essa com os olhos vendados. Só o amor mesmo.</p> <p>GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA</p> <p>Quando comecei a pegar na argila ache estranho. Oba, vamos brincar de argila!</p>

Aí de repente mandou quebrar. Quando comecei a quebrar foi como se estivesse jogando fora todos os meus sentimentos ruins que já vivenciei e vivi aqui na escola, e quando comecei a destruir me senti mais leve. Aí depois mandou unir, aí pensei: agora vou unir só as coisas boas, destruir as ruins que eu quebrei eu vou deixar pra lá, só vou unir sentimentos bons. E aí comecei a formar e juntei. Juntamos, aí começamos a agir em grupo, todas nós sem saber com quem a gente tava, começamos a unir a argila, aí deixamos tudo pronto, aí a gente tinha que fazer um objeto, aí eu pensei no coração, então vou começar a fazer o coração aí elas também pensaram da mesma forma, aí a gente, eu, tentava fazer o coração assim, aí a Walkiria vinha e fazia assim, aí a Tati me ajudava assim. O interessante é que saiu assim, perfeito, mas não foi porque a gente combinou, mas porque realmente cada uma pensou no coração, e o interessante é que a Andressa fazia assim do lado dela, eu fazia pro meu e a Tati pro dela e assim ia sair um coração pra três lugares. E aí quando eu vi que tava tendo duas pontas, vai terminar que não vai sair nada, aí eu peguei a mão da Walkiria e passei, mostrando pra ela que eu tava querendo fazer um coração, aí peguei a mão da Tati e fiz a mesma coisa, aí eu acho que elas perceberam que nós estávamos tentando fazer a mesma coisa, só que tava tendo duas pontas. Aí a gente foi e começou a fazer, e a partir do momento que a gente passou a fazer o coração a gente foi só ajeitando. E assim, como a gente convive há muito tempo juntas, passa o dia praticamente juntas, a amizade que a gente já tem uma com a outra se resume nisso, no AMOR, que é o nome da nossa escultura. O interessante é que a gente pensou, ambas pensamos a mesma coisa e isso é muito, se você pensar só um lado, isso é difícil acontecer, porque por a nossa amizade ser há muito tempo e é uma amizade verdadeira, tudo a gente compartilha, a gente pensou num coração e todo mundo queria fazer pra um lado, e aí teve um momento que eu comecei a fazer pro lado da Andressa, e a Walkiria continuou fazendo do lado

dela, aí a Andressa sem ainda saber quem era pegou nossas mãos e aí foi mostrando o formato, tipo assim, pra dar um alerta, que a gente ia por aqui. E isso é questão de amizade companheirismo, porque se a pessoa não se preocupasse com você ela não ia se importar em fazer isso contigo, então essa foi a parte que eu achei mais importante, de Andressa pegar nossas mãos e fazer isso aí e eu me senti muito especial. Porque a gente tá vendo que é um amigo, como se fosse assim, a gente tá percebendo que ele não tá fazendo a coisa certa, a gente tem que ir lá, levar e mostrar o caminho certo. Por isso que o nome da nossa escultura é o "AMOR", não só o amor de homem pra mulher, mas o amor entre amizade mesmo, de você cuidar, de se preocupar. Então a gente percebeu assim, que eu também fiquei igual a Tati, admirada por nós três termos pensado a mesma coisa e por a gente ter solidariedade depois, e a Andressa ter ido mostrar que a gente fez um coração e é o que acontece no nosso dia-a-dia que a gente tá vivendo. E aí uma cai, a outra vai e levanta, uma tá precisando a outra vai e ajuda, uma tá caminhando de um jeito errado a outra vai e mostra o jeito certo, então é esse o amor aqui que a gente construiu bem no momento escolar, fora de casa, e que a gente vivencia todos os dias. Descobri o que não sabia e o tanto de afinidade que tenho com elas. E a gente teve essa oportunidade de sentir o que a outra sente por você o que você sente por ela, que a outra pensa como você e que a gente convive tudo, mas cada uma tem sua vida e a gente nunca teve essa oportunidade de juntar tudo e fazer uma coisa como essa e depois tirar a venda e olhar: nossa foi a gente quem fez, sem saber quem era! Foi muito bom. É uma obra, porque a gente conseguiu sem saber quem era. No começo senti dificuldade. A princípio sim, mas depois que a gente começou a agir deu tudo certo. Quando pediram pra quebra, de certa forma foi a oportunidade de materializar as coisas ruins que a gente sentia por dentro, que as vezes você fica com aperto no coração e não tem como você expressar e aqui você foi espontâneo, você foi trazendo aquilo que

you were imagining, you were feeling, it was a way of materializing that. I felt good! When I said break, it was separating things, it's like you were always having that feeling and you were taking away only the good, and at the time of uniting, you only had the bad, that's what I felt. It was like you were expelled everything that was inside me, that was hurting me, and it made me feel great. What to do with the bad feelings? Where do they stay? People are controlling them, letting them go for a good time, people are controlling, you avoid every day feeling angry, you avoid with so much frequency, maybe the anxiety, the worries, every day when you get up you say: today I will be less worried, tomorrow I will be less worried! Then you get up and you won't have so much worry, because you left it aside, then it will come the day when you lose it completely. And in our life every day it is filling with good feelings, so the measure is that the good feelings enter and the bad ones leave, you don't have time to feel good and think of anything bad, you don't have space for that bad feeling and occupy the place of the good feelings. It is like that, people have lived because people were going through a very complicated moment, people unite to the maximum, so the measure is that you unite everything that is bad, people forget, only what remains are good things and to forget those bad feelings, only with the moments of friendship, when people remember the things that people share, that your friend trusts in you and you trust in him, you forget completely what is out there, the things that are out there, you don't have time to remember because you have good things and you don't have space for bad things. I think that everything summarizes in FRIENDSHIP, independent of being a bad feeling or good, because when people are with a bad feeling, if people start talking to friends, people finish leaving the bad feelings aside and only the good feelings remain.

“ESCULTURA UNION”

COPESQUISADORES: Emerson, Alan e Brenda.

GRUPO QUE NÃO FEZ A ESCULTURA

Acho que é um nome estranho, isso representa a união, elas precisam ser mais unidas, formar uma coisa em conjunto. É como se fosse a escola e a gente tivesse dentro, tipo assim. A gente precisa se aproximar mais, formar a união das pessoas, tipo, não só formar círculos de amizade que realmente eu preciso, mas de outras pessoas também de outras salas, que vieram de fora né, porque o Colégio Agrícola tem muita gente de outros lugares, aí é bom a gente se conhecer, se unir mais, unir o que tá ao redor, que mora em cidades vizinhas e isso une as pessoas. Tem o lance da comunicação pra aproximar, pra afinidade, conhecer o mundo melhor.

GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA

Essa oficina foi muito legal porque nós dividimos em grupos de três pessoas e você teve que fazer uma coisa junto, com as pessoas, e isso mostra que você sozinho pode até fazer, só não seria tão legal e tão fácil como fazer com seus amigos. Isso mostra que a união entre as pessoas é necessária, você precisa de outras pessoas pra seguir em frente, pra fazer as coisas que você necessita, e a união é uma coisa muito linda. A união de amigos. A união tem alguma coisa a ver com afeto? Tem, porque a união você está entre pessoas, você vive numa sociedade e a sociedade é um conjunto de pessoas e a união afeta você positivamente, porque você está ao lado de pessoas que você gosta, de amigos, então é muito bom. Quando você falou para quebrar tudo, a imagem que veio na cabeça foi você brigando com uma pessoa, uma desavença com o professor as vezes. Ai você reflete e pensa nisso. Eu, particularmente, quando falou quebrar, como tudo tá envolvendo a escola, meu pensamento foi nessa coisa, aí quando você falou em juntar, junta tudo, aí veio aquela coisa toda com os amigos, aí foi essa coisa bem bacana. O interessante foi que quando a gente começou, que não sabia com quem tava, eu só sabia por causa da vez. O Emerson

disse que me conheceu por causa dos meus dedos, não sei porque (risos). Mas, assim, é interessante a gente construir uma coisa que to vendo agora e que é muito belo e foi eu que fiz, e, sei lá, a gente não tinha visto, era pra ter feito tudo. E a gente não podia nem falar, mas mesmo quando você despedaçava, era justamente, eu acho, que quando despedaça é quando você se separa, assim quando você se separa de tudo e tem desunião, briga e quando você junta, acho que é justamente a união, que é, sei lá, quando a gente fez essa escultura a gente viu a confiança no outro, o amor, a solidariedade, acho que as três, elas se juntam, as três esculturas numa só. Foi uma coisa, assim, boa, porque todo mundo já é amigo e nunca teve uma aproximação pra gente fazer um objeto, a escultura une. Vocês sentiram dificuldades? As mãos. De que jeito que uma mão lava a outra, o que um não conseguia imaginar, o outro vinha e completava. Não conseguia estar aperfeiçoando, vinha o outro aperfeiçoar. As mãos, ideias e pensamentos diferentes. Quando um fazia uma coisa vinha o outro querendo, então pra gente poder ver e reunir numa escultura só a gente teve que recuar numas partes, ele teve que fazer outras, até que construímos essa escultura. Isso mostra que na escola, o afeto, cada um tem seu lugar e cada um tem seu papel fundamental na formação de um todo certo. Então se eu não tivesse com eles aqui, não teria saído isso certo, isso mostra o quanto é legal você estar com seus amigos, o tanto que você precisa do outro pra chegar num determinado lugar. Quando comecei pensei que fosse fazer uma árvore, uma torre, e de repente um botou o dedo assim, e afundou, oxente, agora vamos fazer um vulcão. Um vulcão, um jarro, e vou botar aqui a flor. Porque mesmo "UNION"? A gente queria botar "união", mas como é escultura pensamos em mudar. Botar uma coisa assim mais... um nome próprio. E foi assim que ficou: afeto UNION.

Após os relatos dos copesquisadores sobre suas produções, passamos para o momento final, assim, pedimos aos alunos que descrevessem numa palavra o que tinham achado da oficina.

UMA PALAVRA PARA RESUMIR A OFICINA:

Copesquisador	Avaliação
Emerson	Companheirismo
Alan	Prazer
Brenda	União
Andressa	Felicidade
Walkíria	Relacionamento
Tatiane	Paz
Gabby	Relaxar.
Laurinda	Relaxar.
Bianca	Reflexão

E para encerrar a oficina, dançamos uma linda roda de embalo, que foi um momento de pura alegria. Ainda em roda, agradei aos meus alunos por terem participado da pesquisa e terem contribuído para essa importante etapa de minha vida. Foi um momento muito emocionante como atesta o diário:

Quando comecei a falar e agradecer os jovens dizendo que eu estava muito feliz não consegui conter as lágrimas de emoção e felicidade por estar realizando um trabalho tão lindo e gratificante. Foi uma ocasião única no qual eu nunca vou esquecer, pois é muito prazeroso trabalhar com a Sociopoética. (DIÁRIO DE CAMPO, DIA15/06/2012).



Fig. 44: Roda de embalo



Fig. 45: Finalização

E por fim, com mais calma fomos fotografar as esculturas dos jovens para em seguida revelar e levar para próxima oficina.

4.2. Análise dos dados pelos copesquisadores da Técnica das Esculturas dos Afetos na Escola.

Na tarde do dia 20 de junho de 2012, às quatro horas da tarde, voltei a me reunir com os copesquisadores para mais uma oficina, desta vez, o objetivo era o de analisar os dados por eles produzidos. Agora desta vez trago os dados da técnica: Esculturas do Afeto.

A análise do grupo-pesquisador é, sem dúvida, parte de fundamental importância para a pesquisa sociopoética. Nesse tipo de pesquisa, os participantes são considerados vozes ativas no processo, pois, aqui, copesquisadores têm autonomia para ratificar ou acrescentar o que desejarem sobre o tema gerador. Essa análise contempla a forma de perceber e analisar a produção feita por eles mesmos.

Iniciamos a oficina como de costume com um breve relaxamento, para que os corpos pudessem esquecer possíveis tensões e se entregassem àquele momento muito importante para a pesquisa. Demos continuidade aos nossos trabalhos dividindo os copesquisadores em dois grupos de três pessoas, pois naquele encontro dos nove integrantes apenas seis compareceram a essa oficina. Para que analisassem os dados produzidos anteriormente coloquei as imagens dispostas em uma cartolina e imprimi os relatos orais.



Fig. 46: Análise dos dados



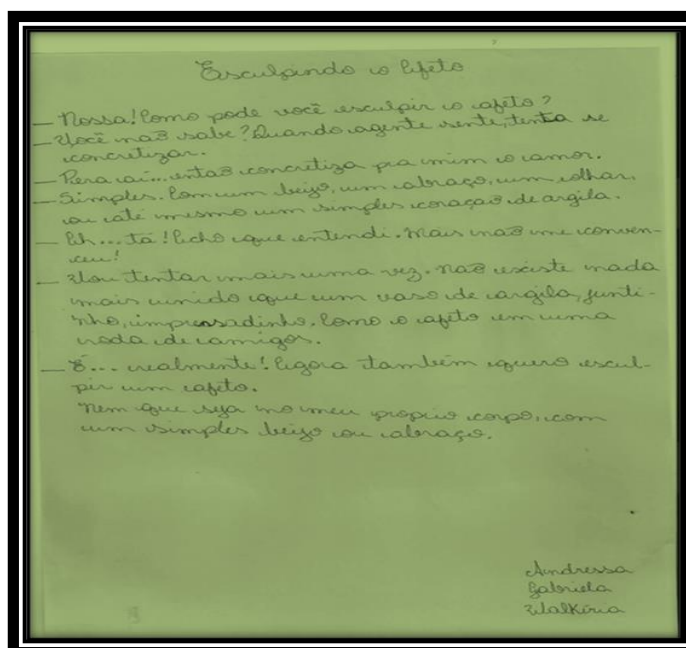
Fig.47: Análise dos dados

Como já vínhamos de uma sequência de atividades, o grupo já se mostrava disperso, portanto, para facilitar e não prejudicar o andamento da oficina optei em colocar um grupo para análise das imagens e o outro grupo com a análise dos relatos. Mesmo assim, expliquei a eles que aquela etapa era tão fundamental quanto às outras e pedi que cada um procurasse sentir-se em sua composição, e como estas ressoavam sobre nossos corpos. Assim, depois de discussão e reflexão do grupo, deu-se a produção dos relatos que se seguem:

Grupo – 01:

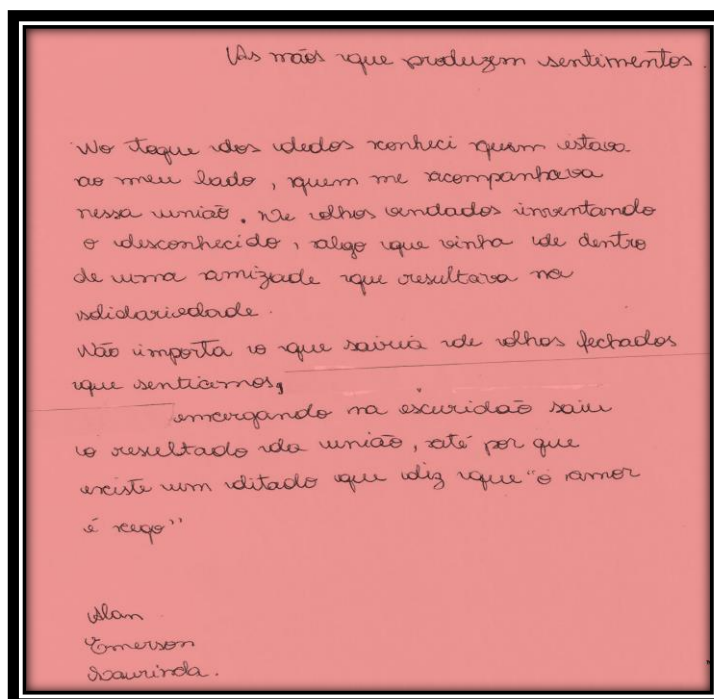
Componentes: Copesquisadores Andressa, Gabby e Walkria.

Análise dos Copesquisadores sobre os relatos orais



Transcrição da análise:**Esculpindo o afeto**

- Nossa! Como pode você esculpir o afeto?
- Você não sabe? Quando a gente sente tenta se concretizar
- Pera aí... Então concretiza para mim o amor.
- Simples. Com um beijo, um abraço, um olhar ou até mesmo um simples coração de argila.
- Ah... Tá! Acho que entendi. Mais não me convenceu!
- Vou tentar mais uma vez. Não existe nada mais unido que um vaso de argila, juntinho, impressadinho. Como o afeto em uma roda de amigos
- É realmente! Agora também quero esculpir um afeto. Nem que seja no meu próprio corpo, com um simples beijo ou abraço.

Grupo – 02:**Componentes:** Copesquisadores Alan, Emerson e Laurinda**Análise dos Copesquisadores sobre as fotografias:****Transcrição da análise:****As mãos que produzem sentimentos**

No toque dos dedos conheci quem estava ao meu lado, quem me acompanhava

nessa união. De olhos vendados inventando o desconhecido, algo que vinha de dentro de uma amizade que resultava na solidariedade. Não importa o que sairia de olhos fechados, que sentíamos, enxergando na escuridão saiu o resultado da união, ate porque existe um ditado que diz que “o amor é cego”.

4.3 Análises dos Dados pela Facilitadora.

4.3.1 Análise Classificatória dos Dados Orais.

Após a análise dos copesquisadores, foi o momento de voltarmos ao grupo e analisarmos seus relatos orais. A análise classificatória é a categorização dos dados produzidos, e consiste em fazer uma leitura das falas e registros e agrupá-los na forma de categorias. Concluído o agrupamento das falas e registros em categorias, destacamos as convergências, divergências, ligações e ambiguidades.

Vale ressaltar que no presente trabalho a transcrição do material produzido nas oficinas está colocado em apêndice, visto que não haverá prejuízo para o entendimento do processo Apêndice B. Entretanto deixamos descritos no corpo do trabalho, os estudos transversais das ideias e a contra análise porque é impreterível para o entendimento do momento filosófico, ou seja, perceber como chegamos às linhas ou as dimensões do pensamento do grupo sobre o tema gerador. A seguir elenco as categorias selecionadas na análise classificatória:

- 1 Conceito de afetos.
- 2 Afetos ou sentimentos presentes no dia a dia dos jovens.
- 3 Sentidos atribuídos a técnica da argila.
- 4 Modo de fazer a escultura.
- 5 Motivo da escolha da escultura.

4.4. Estudos Transversais.

Neste momento analisamos o pensamento do grupo através dos cruzamentos das ideias com o intuito de compreender o que os copesquisadores nos comunicam transversalmente pelas convergências, divergências, oposições e ambiguidades selecionadas na análise classificatória. Desse modo, nosso objetivo nessa etapa da

pesquisa foi ligar as ideias dos jovens alunos realçando as possíveis problemáticas do grupo. Normalmente, no resultado dessa etapa, o pesquisador oficial produz textos literários de suas análises como contos, poesias, cordéis, dentre outros. Este procedimento torna as análises mais sintéticas e comunicativas de modo que, os copesquisadores possam realizar posteriormente a contra análise.

Para essa fase da pesquisa contei com a valorosa contribuição de minha orientadora, Prof^a Shara que olhando para as produções dos copesquisadores, me levou a voar pelos mais profundos e desconhecidos pensamentos, tudo para produzir conhecimentos novos. Em seguida transformamos o que vimos e sentimos no texto abaixo:

ESCULTURAS DO AFETO NA ESCOLA

Alguns jovens reuniram-se para vivenciar e produzir esculturas do afeto na escola. Para tanto, foram colocados em grupos e de olhos vendados. Uma música ao fundo e uma voz que pedia para que tocassem nas mãos uns dos outros. Interessante dizer que isto provocou nos jovens sentidos complementares para o modo de fazer a escultura do afeto,

“A gente foi afundando, abrindo a argila e o que um não conseguia imaginar, o outro vinha e completava, o que um não conseguia estar aperfeiçoando, vinha o outro aperfeiçoar as mãos, pois uma mão lava a outra unindo ideias e pensamentos diferentes”.

Por sua vez, no momento do toque das mãos, sentiram e prestaram atenção a quem estava do lado. Conheceram alguém, começaram a agir em grupo, sem saber com quem estavam e começaram a escultura. Um grupo falou do seu processo de criação e mesmo sem ver e sem falar, disseram que não houve planejamento:

“porque pensei no coração, elas também pensaram da mesma forma, a gente tentava fazer o coração uma vinha e fazia, a outra ajudava e saiu perfeito, mas não porque a gente combinou, mas porque cada uma pensou no coração”.

Entretanto, com ideias opostas, falaram que houve planejamento com as mãos:

“A gente pensou num coração e queria fazer pra um lado, e ai teve um momento que eu comecei a fazer pro lado de uma e a outra continuou fazendo do lado dela, veio outra pessoa sem ainda saber quem era pegou nossas mãos e aí foi mostrando o formato, tipo assim, um alerta,

pois uma fazia do lado dela, eu fazia pro meu e a outra pro dela e assim ia sair um coração pra três lugares e uma pessoa viu que tava tendo duas pontas, e percebeu que ao terminar que não ia sair nada, aí pegou na mão de uma, mostrando pra ela que tava querendo fazer um coração, aí peguei a mão da outra e fiz a mesma coisa, então perceberam que estávamos tentando fazer a mesma coisa, só que tava tendo duas pontas. Aí a gente foi e começou a fazer, e a partir do momento que a gente passou a fazer o coração a gente foi só ajeitando”.

A falta da visão e da fala provocou, ainda, movimentos estranhos. Não sabiam com quem estavam, só sabiam quem era por causa da voz e o outro jovem foi reconhecido por causa dos dedos. E isso é **afeto amizade companheirismo**, por que,

“se a pessoa não se preocupasse com você, ela não ia se importar em fazer o toque das mãos contigo. Então, a parte que eu achei mais importante no modo de fazer a escultura foi o pegar das nossas mãos, eu me senti muito especial”.

Os jovens perceberam a importância de outros sentidos para a realização de um trabalho em grupo com afeto. As mãos, por exemplo, foram usadas para organizar a produção da escultura. O outro usou a voz e os dedos para saber quem estava do seu lado, para conhecer. **Que outros sentidos você utiliza no seu dia-a-dia nos trabalhos escolares? Como isto acontece?**

Outros jovens disseram que viver a produção de suas artes, os fez descobrir o que não sabiam e o tanto de afinidades que eles têm uns com os outros. Sobre isto, disseram:

“A gente teve oportunidade de sentir o que a outra sente por você. E o que você sente por ela, que a outra pensa como você e que a gente convive tudo. Mas cada uma tem sua vida e a gente nunca teve essa oportunidade de juntar tudo e fazer uma coisa como essa e depois tirar a venda e olhar: nossa foi a gente quem fez, uma obra, sem saber quem era quem”.

Ainda em sintonia, disseram que ao juntar a argila:

“Veio aquela coisa toda com os amigos e acho que é justamente a união. Por isso, a oficina foi muito legal porque nos dividimos em grupos de três pessoas e tivemos que fazer uma coisa junto, com as pessoas. Isso mostra que você sozinho pode até fazer, só não seria tão legal. Tão fácil como fazer com amigos. Esta técnica mostra que a união entre as pessoas é necessária, pra seguir em frente, pra fazer as coisas que você necessita”.

Não é à toa que para eles a escultura uniu. Eles comentaram:

“Quando a gente fez a escultura viu a confiança no outro, o amor, a

solidariedade. Acho até que as três esculturas: Amor, Union e Solidariedade se juntam numa só porque todo mundo já é amigo. E antes na escola nunca teve uma aproximação pra gente fazer um objeto, a escultura une”.

Enfim, o juntar a argila fala do **afeto união** porque trouxe aquela coisa toda com os amigos que é justamente a união. No movimento contrário ao juntar das ideias acima, o despedaçar a argila, os jovens trouxeram ideias opostas uma das outras, porque “ao despedaçar foi assim como se fossem as brigas, é quando você se separa, separa de tudo, separa dos amigos e tem desunião”.

Sobre o despedaçar/quebrar a argila, os jovens trouxeram os **afetos problemas**. O que pensar? Sobre isto, disseram:

“Quando você falou para quebrar a argila o meu pensamento foi na escola e a imagem que veio na cabeça foi a de brigas com uma pessoa. Uma desavença com o professor”.

Despedaçar a argila foi um movimento no pensamento que gerou outros **afetos problemas**, a saber:

“No despedaçar da argila pensei no estresse, na falta de tempo. Que às vezes a gente quer fazer algo que não pode. Aí a gente só pensou em coisas ruins, em jogá-las fora, como as raivas, tudo o que a gente passa. Todos os sentimentos ruins que vivenciei e vivi na escola, o estresse. Por isso, quando pediram pra quebrar a argila, foi a oportunidade de materializar as coisas ruins que a gente sentia por dentro, que às vezes fica com aperto no coração e não tem como expressar e aqui foi espontâneo, você foi trazendo aquilo que você ia imaginando, ia sentindo, separando as coisas, é como você tivesse esse sentimento amor e retirasse dele só os ruins”.

Assim, o

“despedaçar a argila foi como se estivesse expulsado tudo aquilo que tava preso dentro de mim, que me machucava, e me fez super bem, quando comecei a destruir me senti mais leve”.

Com a produção da escultura **Afeto Amor** muitas reflexões foram feitas pelos jovens acerca dos afetos que geram sentimento no seu dia-a-dia, em especial, sobre os **afetos ruins**. Para eles,

“esquecer esses afetos ruins no dia-a-dia, só com os momentos de amizade, quando a gente lembra das besteiras que a gente ri das coisas que a gente compartilha, que seu colega confia em você e você nele, você esquece totalmente do que tem lá fora, das coisas que estão lá fora, não tem como lembrar porque você que tem coisas boas e que não tem espaço para as coisas ruins. Enfim, tudo se resume no **afeto amizade**, independente de ser sentimento ruim ou bom, porque quando a gente ta com sentimento ruim, se a gente começa a conversar com os

amigos, a gente termina deixando os sentimentos ruins de lado e ficam só os sentimentos bons”.

Diante disto, é criado o **afeto coração amor de amigo-irmão** que

“é uma coisa muito linda que lhe ajuda na vida não só o amor entre um homem e uma mulher, mas amor de amigo, amor de irmão que é o que lhe afeta, que lhe faz seguir em frente, lhe faz feliz, porque dá confiança até com os olhos vendados”.

Os jovens se empolgam e continuam falando:

“A nossa vida a cada dia está se enchendo de sentimentos bons, então à medida que os bons entram os maus saem, não tem como a pessoa se sentir bem e pensar alguma coisa ruim, não tem espaço pra esse sentimento ruim ocupar o lugar dos sentimentos bons, pois os afetos ruins a gente vai controlando deixando de usar por um bom tempo, vai evitando a cada dia sentir raiva, ansiedade, preocupações. E é assim que a gente tem vivido por causa que a gente tá passando por um momento bem complicado, a gente se une ao máximo, então a medida que se une tudo que há de ruim a gente esquece, só nos resta coisas boas”.

Coisas boas como o **afeto solidariedade** que

“é aquele afeto que a gente pensa logo em dividir com o outro, dar um pouco de si para o outro, algo que às vezes a pessoa tá precisando que você tem e sabe que se doar não vai faltar pra você”.

Mas os jovens trazem outra ideia diferente para a solidariedade que é o **Afeto da panela solidariedade** que

“é aquele afeto que a gente vivencia o dia todo um com o outro, aprende a compartilhar um com o outro, a ajudar, dividir e amar. É querer ajudar o outro, um precisar do outro, o outro pedir ajuda ou então alguém vê outra pessoa tá precisando e se disponibiliza pra ajudar. O afeto e a solidariedade é compartilhar, doar”.

Enfim, o que pensar sobre esses modos diferentes de ser solidário? Doar o que não vai faltar para você ou doar, compartilhar dividindo com o outro? Querem conversar sobre isto?

Por sua vez, os jovens continuaram pensando sobre a solidariedade afeto e sua relação com o convívio na escola, falando do encontro entre pessoas que não são tão amigas mas que numa hora ou outra se faz ser necessário. Sobre isto disserem que a

Solidariedade afeto tem a ver com algumas pessoas que não são tão

amigas, tão próximas, mas uma hora uma vai ter que ajudar a outra numa sala de aula porque todo mundo é solidário, não tem essa pessoa que mesmo chegando na escola não consiga ser solidário.

Por isso reafirmam que a convivência numa sala com 34 alunos,

“as pessoas não vão ficar convivendo todo dia com todo mundo, falando com todo mundo, mas vai ter uma hora que algumas partes tem que se juntar, pra ajudar o outro, aí isso afeta por termos **solidariedade coração** que acontece no nosso dia-a-dia, uma cai, a outra vai e levanta, uma ta precisando a outra vai e ajuda, uma ta caminhando de um jeito errado a outra vai e mostra o jeito certo, então é esse o amor que a gente construiu no momento escolar, e vivencia todos os dias”.

Assim,

“a união afeta você positivamente, porque você está ao lado de pessoas que você gosta, de amigos, então é muito bom e se eu não tivesse com eles aqui, não teria saído isso certo, isso mostra o quanto é legal você estar com seus amigos, o tanto que você precisa do outro pra chegar num determinado lugar”.

Em ideia diferente, o grupo de jovens mostra que não possuem um pensamento único sobre isto ao dizer que

“o **afeto union escola** é o afeto em que a gente está dentro porque a gente precisa se aproximar mais, formar a união das pessoas, não só formar círculos de amizade mas de outras pessoas também de outras salas, de fora porque o Colégio Agrícola tem muita gente de outros lugares, aí é bom a gente se conhecer, se unir mais, ao que ta ao redor, que mora em cidades vizinhas e o afeto Union une as pessoas”.

Observamos que neste confeto **afeto union escola** os alunos da escola trazem uma problemática instigante que é o convívio com as diferenças, ao dizer que é legal estar com os amigos porque precisa mostra o convívio entre iguais e no afeto union escola mostra o quanto é necessário uma formação para unir pessoas de outras salas ou mesmo de outros lugares. **Então, o que pensar sobre esta questão tão atual o convívio entre diferentes?**

Foi assim que os jovens encerram sua conversa sobre a produção das esculturas do afeto na escola.

4.5. Resultado da Contra Análise.

Uma vez concluídas as análises e os estudos transversais, o facilitador ou pesquisador oficial volta a se encontrar com os copesquisadores para submeter às análises ao crivo de sua avaliação, bem como fazer perguntas de esclarecimento. Este momento chamado de contra análise é fundamental para que o pesquisador oficial retifique, reexamine e torne mais precisa suas reflexões. É também a possibilidade de dialogar com os copesquisadores, permitindo ao pesquisador oficial ultrapassar o plano das conveniências preconceituosas, interessadas em desmoralizar ou mesmo moralizar o “outro”.

Sentados em círculo, iniciamos a leitura do texto Escultura dos Afetos na Escola, para que nesse momento os jovens alunos pudessem relatar como foi construir esculturas que representassem para eles os afetos na escola.

Prossigo com a leitura, e nossa primeira parada se dá quando a pesquisadora oficial quis saber o motivo pelo qual,

Os jovens perceberam a importância de outros sentidos para a realização de um trabalho em grupo com afeto. As mãos, por exemplo, foram usadas para organizar a produção da escultura. O outro usou a voz e os dedos para saber quem estava do seu lado, para conhecer. **Que outros sentidos você utiliza no seu dia-a-dia nos trabalhos escolares? Como isto acontece?**

A esse respeito alguém comenta:

- Acho que todos os sentimentos possíveis e que eu tenho, que eu posso ter eu uso aqui na escola, sendo que o que mais tenho é a alegria, eu sou alegre, é importante a pessoa tá alegre, e eu não consigo ser de outra forma.

Quando parece no texto as formas de construir a escultura, como unir a argila,

Veio aquela coisa toda com os amigos e acho que é justamente a união. Por isso, a oficina foi muito legal porque nos dividimos em grupos de três pessoas e tivemos que fazer uma coisa junto, com as pessoas. Isso mostra que você sozinho pode até fazer, só não seria tão legal. Tão fácil como fazer com amigos. Esta técnica mostra que

a união entre as pessoas é necessária, pra seguir em frente, pra fazer as coisas que você necessita.

Diante disse os jovens alunos explanaram,

- Tem momento em que a gente fecha os olhos e deixa seus sentimentos fluir, ou então precisa refletir no que é bom, por isso que às vezes é bom você se de desligar do mundo de alguma forma, parar pra pensar, e eu gosto de parar e pensar, Meu Deus o que foi que eu fiz hoje de bom, então eu acho que as pessoas precisam desse momento pra poder pensar e poder continuar.

Em seguida, quando o texto mencionou o confeto **afeto-união**, o jovens alunos sentiram necessidade de acrescentar, “o juntar a argila fala do **afeto união** porque trouxe aquela coisa toda com os amigos que é justamente a união , e assim disseram,

Com certeza ,porque se não tiver união vai te faltar um monte de coisa, e você não vai chegar a lugar nenhum, tipo com a união você tem confiança com as pessoas e consegue a ajuda dos outros. Assim quando o professor passa um trabalho, todo mundo da turma tem que ter aquela união pra um ajudar aos outros. A união é que faz gerar o carinho, a amizade, faz surgir a confiança, faz forte os sentimentos entre amigo.

Na leitura do texto, surge a discussão sobre o que seriam **afetos-problemas**

Sobre o despedaçar/quebrar a argila, os jovens trouxeram os **afetos problemas**. O que pensar? Sobre isto, disseram: Quando você falou para quebrar a argila o meu pensamento foi na escola e a imagem que veio na cabeça foi a de brigas com uma pessoa. Uma desavença com o professor. Despedaçar a argila foi um movimento no pensamento que gerou outros **afetos problemas**, a saber: No despedaçar da argila pensei no estresse, na falta de tempo. Que às vezes a gente quer fazer algo que não pode. Aí a gente só pensou em coisas ruins, em jogá-las fora, como as raivas, tudo o que a gente passa. Todos os sentimentos ruins que vivenciei e vivi na escola, o estresse. Por isso, quando pediram pra quebrar a argila, foi a oportunidade de materializar as coisas ruins que a gente sentia por dentro, que às vezes fica com aperto no coração e não tem como expressar e aqui foi espontâneo, você foi trazendo aquilo que você ia imaginando, ia sentindo, separando as coisas, é como você tivesse esse sentimento amor e retirasse dele só os ruins.

Para os copesquisadores, a esse respeito enumeraram os **afetos-problemas**,

Brigas
Desconfiança, discussão
Panelinhas
Fofoca
Insegurança.

Em outro momento da leitura do texto houve uma parada para discutir **afetos ruins**,

Esquecer esses afetos ruins no dia-a-dia, só com os momentos de amizade, quando a gente lembra das besteiras que a gente ri das coisas que a gente compartilha, que seu colega confia em você e você nele, você esquece totalmente do que tem lá fora, das coisas que estão lá fora, não tem como lembrar porque você que tem coisas boas e que não tem espaço para as coisas ruins. Enfim, tudo se resume no **afeto amizade**, independente de ser sentimento ruim ou bom, porque quando a gente tá com sentimento ruim, se a gente começa a conversar com os amigos, a gente termina deixando os sentimentos ruins de lado e ficam só os sentimentos bons.

A esse respeito disseram,

Depois de destruir, o importante foi recomeçar tipo, se você fez algo errado você tem uma segunda chance pra consertar, refazer o que foi construído.
Destruir o que não faz bem.

O texto segue ainda falando sobre **os afetos ruins** e a pesquisadora oficial quis saber o que seriam esses afetos para os jovens copesquisadores, onde alguém respondeu,

A tristeza, o cansaço, a solidão, sobrecarga e aqui pra nós , principalmente a sobrecarga.

Quando a leitura para na estrofe,

A nossa vida a cada dia está se enchendo de sentimentos bons, então à medida que os bons entram os maus saem, não tem como a

peessoa se sentir bem e pensar alguma coisa ruim, não tem espaço pra esse sentimento ruim ocupar o lugar dos sentimentos bons, pois os afetos ruins a gente vai controlando deixando de usar por um bom tempo, vai evitando a cada dia sentir raiva, ansiedade, preocupações. E é assim que a gente tem vivido por causa que a gente está passando por um momento bem complicado, a gente se une ao máximo, então a medida que se une tudo que há de ruim a gente esquece, só nos resta coisas boas.

Um jovem copesquisador aborda,

Bom, eu acho que não é nem controlar, porque se você pensa de forma positiva, as coisas boas aparecem e a coisas ruins ficam de lado. Então se você tá bem com os amigos, então a união, o companheirismo, a amizade ficam fortes e a desunião, a desconfiança vão se acabando, porque quanto mais eu convivo, mais as coisas ruins vão sendo deixadas de lado, e as coisas boas que a gente vive no dia a dia ficam mais fortes e mais presentes.

Prosseguimos a leitura, os jovens pareciam estar cansados, mas ainda teríamos algumas discussões importantes a fazer, e a questão da vez seria uma maneira diferente de pensar o **afeto solidariedade**,

Mas os jovens trazem outra ideia diferente para a solidariedade que é o **Afeto da panela solidariedade** que é aquele afeto que a gente vivencia o dia todo um com o outro, aprende a compartilhar um com o outro, a ajudar, dividir e amar. É querer ajudar o outro, um precisar do outro, o outro pedir ajuda ou então alguém vê outra pessoa tá precisando e se disponibiliza pra ajudar. O afeto e a solidariedade é compartilhar, doar”.

Enfim, o que pensar sobre esses modos diferentes de ser solidário? Doar o que não vai faltar para você ou doar, compartilhar dividindo com o outro? Querem conversar sobre isto?

E sobre diferentes essas maneiras de doação colocam,

Doar o que não vai fazer falta, acho que isso se refere aos bens materiais, e doar por doar, assim, por exemplo, um amigo partilhar, doar a segurança, um carinho mesmo que a outra pessoa não tenha. Então, acho que doar é compartilhar sentimentos, mesmo que a gente não tenha.

O texto continua e a leitura nos remete a questão do convívio,

As pessoas não vão ficar convivendo todo dia com todo mundo, falando com todo mundo, mas vai ter uma hora que algumas partes tem que se juntar, pra ajudar o outro, aí isso afeta por termos **solidariedade coração** que acontece no nosso dia-a-dia, uma cai, a outra vai e levanta, uma ta precisando a outra vai e ajuda, uma ta caminhando de um jeito errado a outra vai e mostra o jeito certo, então é esse o amor que a gente construiu no momento escolar, e vivencia todos os dias”.

Assim,

“A união afeta você positivamente, porque você está ao lado de pessoas que você gosta, de amigos, então é muito bom e se eu não tivesse com eles aqui, não teria saído isso certo, isso mostra o quanto é legal você estar com seus amigos, o tanto que você precisa do outro pra chegar num determinado lugar”.

E sobre esse aspecto colocaram,

Convivemos sim, apesar de que descobrimos isso agora, quando muitos dos nossos colegas saíram daqui, e assim, eu descobri tantas coisas esses dias.

Por exemplo, tanto nós que saímos, quanto nossos colegas que ficaram tiveram que se adaptar a essa nova situação, a um novo ambiente. Foi um sentimento de perda muito grande pra todo mundo.

A discussão no texto sobre o convívio além do confeto **afeto- union** ainda trouxe outros aspectos diferentes para discutir,

É legal estar com os amigos porque precisa mostra o convívio entre iguais e no afeto union escola mostra o quanto é necessário uma formação para unir pessoas de outras salas ou mesmo de outros lugares. **Então, o que pensar sobre esta questão tão atual o convívio entre diferentes?**

A respeito os jovens alunos colocaram,

Com a saída de meus amigos, meu grupo de convívio, eu sofri um impacto muito grande, parei e fiquei anestesiada, aí disse Meu Deus o que é que eu vou fazer aqui sem meus amigos? Com quem que eu vou me relacionar. Olhei pra um lado, pro outro da sala e via que todo mundo já tinha seus grupos formados, e eu lá, simplesmente sozinha, abandonada, me vi num beco sem saída, aí de repente me apareceram outras pessoas e que foram solidarias comigo, me

acolheram e que hoje eu to convivendo muito bem com esses novos companheiros, mas mesmo assim é difícil você perder o convívio com os amigos, eu sinto muita falta.

Quanto a essa questão de convívio, posso dar um exemplo, pois antes de chegar aqui eu vim de uma escola onde eu passei onze anos, construí uma família, e quando eu cheguei aqui no cabj eu tinha uma vida ,mas que me levou a muitas outras, me fez construir outras amizades, ate mesmo mais fortes do que as que eu já tinha anteriormente, então isso me fez perceber que Deus tem um propósito pra gente, se Ele te manda pra um lugar, vá sem medo e sem duvida de que você vai se dar bem, porque Ele vai te proporcionar um ambiente certo.

Eu acho assim, que para eles que saíram não foi tão complicado, porque eles saíram em grupo, e eu, por exemplo, fiquei sozinha, só depois que a Tati resolveu voltar que eu me senti mais aliviada, fiquei feliz de novo, mandei mensagem pra meus amigos dizendo que eu tava feliz de novo, que não tava mais sozinha.

A discussão sobre o convívio levou os jovens alunos a relatarem sua saída da escola motivada pela greve, à necessidade do convívio com outros, com pessoas diferentes da outra escola, nessa abordagem muitos falaram da importância do CABJ e como foi sair do seu território, e explanaram.

Eu digo pra vocês, sai daqui da escola foi como perder o chão, chorei dias antes, durante, aí, foi um sofrimento, porque eu tinha que tomar essa decisão, e aí tudo isso me fez perceber que escola não é apenas parede, que vai desde a secretária até a bibliotecária, gente que você acha que nem te conhece, mas que questionou porque eu tinha que sair dali, ah, como eu chorei, como eu sofri, não consegui nem me despedir dos professores, porque eu ia chorar ainda mais. Então, foi um momento difícil porque você percebe que a escola não é um afeto separado, é algo que lhe afeta a vida toda, então ao sair daqui eu percebi que pra ter alguma coisa eu tenho que perder outras, aí uma escola quando a gente chega ou sai é muito mais que paredes, vai desde o professor na sala de aula com todos os seus alunos, o pessoal da secretaria, da biblioteca, o motorista, pessoas que você acha que nem te percebe. Então quanto ao nosso grupo, fez falta pra quem ficou, mas fez falta pra gente também, e o que me entristeceu mais foi saber que o grupo em que a gente chorava, ficava triste, dava força por oito anos teve que se separar, aí é uma coisa que a gente num esquece facilmente. é difícil mesmo.

Não consegui me despedir de ninguém, faltou coragem pra dizer tchau.

Ah, aí eu entrei pra ajudar a Andressa, ela me encontrou...

Finalizamos a leitura do texto carregados de emoção, sintetizados por esse momento de ruptura na vida de alguns jovens alunos, foi muito importante para cada um perceber a importância da escola nas nossas vidas.

5. MOMENTO FILOSÓFICO: A PRODUÇÃO DOS ACHADOS PERMITIDOS PELOS ENCONTROS

É sábio quem desata o nó da sabedoria.

Nyansapow

Ao concluir as análises específicas dos dados, nos capítulos anteriores, este é o momento em que pretendo articular os conceitos surgidos na pesquisa, momento este, permeado de uma reflexão filosófica dos mesmos. É importante deixar claro que não se trata de uma palavra final, muito menos de buscar sintetizar o que foi produzido pelo grupo-pesquisador. Também não se trata de generalizar, nem de homogeneizar, tampouco de apresentar respostas frente ao que foi produzido na pesquisa. Este é apenas o momento de uma voz a mais, o momento que reservamos para nossas percepções nessa construção e, em especial, apresentarmos uma cartografia traçando as principais linhas que compõe este pensamento do grupo sobre afetos na escola, confrontando-a com a de outros pesquisadores.

Nesse sentido, observo que os copesquisadores foram extremamente criativos na medida em que criaram **confetos** (conceito + afeto) ao produzirem ideias heterogêneas, criando conceitos polissêmicos e polifônicos, problematizando de modo rico e inusitado o tema em questão. Os conceitos são heterogêneos, pois são compostos de partes de diferente natureza; polifônicos, devido à simultaneidade de composição, feita com várias vozes, polissêmicos, pois contem múltiplos e heterogêneos sentidos e a-finitos na medida em que não estão fechados e acabados, e foram ampliados, modificados e transformados durante o processo analítico dos dados, inclusive na contra-análise. Assim, entendo que,

Os conceitos criados na Sociopoética são sempre perpassados de afetos, resultado das intensidades que percorrem os corpos e da fusão entre arte e filosofia. São, portanto, um misto de emoção, razão, sensação, intuição, não consciente (não nos arriscamos muito à palavra inconsciente pela conotação psicanalítica). Dessa forma, os confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente, anarquizam referências prévias. (ADAD e PETIT, 2009, p. 05).

E qual a importância de criar conceitos? Tal importância reside na possibilidade de confrontar conceitos já constituídos, nos permitindo fazer surgir novas variações, operar vibrações, multiplicar possibilidades e suscitar novos acontecimentos. Dessa forma, aquilo que estava cristalizado começa a se tornar movimento. E o mais surpreendente é que nesses movimentos não estão em funcionamento apenas objetos, mas envolvem consigo a própria conformação do sujeito, pois pensar e ser são a mesma coisa. O movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 32).

De acordo com Adad e Petit (2009), quando o grupo-pesquisador cria um conceito confeto, sendo ele inédito ou não, este já não depende mais de seu contexto de nascimento, não é mais referido a um corpo, a um ambiente e passa a relacionar-se com outros conceitos.

Em consonância a este pensamento apresento este capítulo, que intitulei de **A produção dos achados permitidos pelos encontros**, porque, para mim, significa o encontro intempestivo entre os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador e as referências teóricas que abordam a questão proposta, neste caso, os Afetos na Escola.

Desse modo, partindo das problemáticas, e do pensamento do grupo-pesquisador apresento as seguintes linhas ou dimensões que surgiram em torno do tema gerador: **Problemas e potencialidades do convívio com os afetos na escola e as Problemáticas sobre os afetos que atravessam os alunos na escola.**

A primeira linha **Problemas e potencialidades do convívio com os afetos na escola** envolvem questões referentes aos encontros, às relações estabelecidas no convívio diário na escola e que os jovens estão expostos. Para esses jovens, os laços que se firmam no espaço da escola são fortes, valorosos e têm a mesma relevância que suas famílias, pois apresenta de maneira intensa como acontece e como se dá a convivência desses jovens com professores, com outros jovens e até mesmo nos lugares da escola. Em alguns momentos os jovens colocam ideias opostas a respeito desse convívio, pois ora colocam que existem as famosas “panelinhas”, grupos particularizados, ora dizem que para eles o isolamento não existe, e o que vale para eles é a união. Assim, percebo que o afeto que une também separa. A esse respeito criam o confeto **afeto vermelho** *que vive isolado na escola tem muita dificuldade, o tempo que nós passamos aqui, cada um tem suas*

amizades e acho que isso impede o afeto. Em contrapartida, se opõe a isso criando um paradoxo ao dizerem que não tem esse isolamento, vejamos:

- Ah, graças a Deus que a gente não tem muito essa de isolamento não. Nós aqui procuramos ser muito unidos, mesmo que a gente não seja unido com todo mundo chega uma hora um que um vai se ajudar ao outro.

- Somos amigos sim, mesmo com muita gente diferente convivendo, nós procuramos ser amigos de todos, claro que uns mais próximos de outro, mas sempre um procurando ajudar o outro.

- Entendo que sozinho não vamos a lugar nenhum, então se isolar para que? Temos que procurar conviver com todo mundo sim.

A respeito dessa questão de isolamento encontramos na letra da música “Ninguém vive só”, do grupo Compasso Livre apoio para reafirmar a ideia de que o isolamento não faz bem, e que precisamos dos outros para ser felizes,

Ninguém é uma ilha, ninguém vive só,
Eu preciso de você e você precisa de mim,
Não adianta negar, não adianta esconder,
Unidos eu e você, nos dois seremos demais.

Quem vive sozinho, só vive pra si,
Não tem como dividir e não aprendeu repartir,
Nessa vida incerta de uma coisa eu sei,
E pra você ser feliz, você precisa de alguém. (Compasso livre, 2009).

Em outro conjunto de ideias os jovens ampliaram a discussão mostrando a importância que os jovens dão aos amigos independente de cor ou credo ao criarem o confeto **corpo barco escadir** que é um corpo barco diferente, uma mistura de sentimentos, justifica a copesquisadora ao comentar *eu sou assim, diferente, se tô triste mostro que tô alegre às vezes tô alegre e quero ficar mais quieta, eu nunca tenho um pensamento, um sentimento fixo.* Os copesquisadores reconhecem a importância desse convívio com as diferenças na contra análise ao pararem um pouco para discutir,

-aqui nos não temos essa história de corpo diferente não, nossa amizade é com todo mundo, independente de cor ou problemas, eu mesmo, sou uma pessoa que adoro sorrir, e não tenho problema com ninguém não.

- todos nós precisamos dos outros, é preciso que a gente tome cuidado com essa estória de exclusão, em algum momento da nossa vida, nós vamos sim precisar de alguém. Não concordo muito com essa historia de maltratar pessoas, porque todos nós temos problemas, então mesmo tendo aqueles dias que a gente quer ficar só, nós não temos o direito de excluir pessoas.

Como esta é uma ideia muito potente para realçar a importância que os jovens dão a seus amigos frente à ausência da família, eles criam o confeto **afetos na escola amigos** para mostrar o papel que desempenham esses amigos em suas vidas, pois para os jovens alunos são os amigos que os impulsionam a seguir em frente, são eles na falta dos membros familiares que os ajudam a resolver seus problemas. Assim, copesquisadores afirmam que *a família o ano inteiro são seus amigos, porque a gente acaba perdendo o convívio familiar os amigos acabam se tornando uma base pra poder conversar.*

E para mostrar como esses amigos representam o alicerce em suas vidas, os copesquisadores criaram ainda os confetos **corpo barco segurança e amizade sustentáculo na escola**, para enfatizar que apesar dos familiares estarem longe, os amigos procuram suprir essa ausência. Segundo os próprios jovens são os amigos parte necessária para o fortalecimento das relações, e para alguns os amigos acabam se tornando família.

Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem ideias, sentimentos. Potencialmente, permite a aprendizagem de viver em grupo, lidar com a diferença, com o conflito. De uma forma mais restrita ou mais ampla, permite o acesso aos códigos culturais dominantes, necessários para se disputar um espaço no mercado de trabalho. (DAYRELL, 2005, p.11)

Como os conceitos são a-finitos, não estão prontos e acabados os jovens copesquisadores ainda trazem elementos para discutir o convívio nos espaços da escola os jovens alunos trazem os confetos **afeto união, afeto aliado amizade companheiro, afeto coração amor de amigo irmão, afeto amizade e afeto panela solidariedade** para falarem da importância do outro em suas vidas, de como a união solidifica os sentimentos e como essa convivência os ajuda a perceber que é na relação com o outro que se aprende a partilhar, dividir, amar. Percebo então que é nessas relações que os jovens escapam dos problemas e parecem enfrentar todos os obstáculos com a ajuda dos aliados que são os amigos, presença sólida e permanente no convívio escolar.

Como a questão do convívio é algo que potencializa esses jovens eles ainda trazem o confeto **corpo barco Aparecido** para problematizar como as relações

centradas no interior da escola acabam prejudicando as relações fora desse espaço. Os jovens alegam que estudando de manhã e a tarde não há tempo para as visitas e encontros entre outros amigos e familiares, demoram tanto tempo a aparecer que são chamados de aparecido.

Mas a convivência entre os jovens alunos não é vista apenas como algo positivo, sobre esse aspecto trazem para discussão o confeto **afetos pregos na escola** *que é um problema que está entre a confiança e a desconfiança nas relações com as pessoas*, que representa as relações de violência simbólica dentro dos espaços da escola, pois para esses jovens os amigos são pessoas em que confiam, mas que também desconfiam, porque segundo eles alguns amigos não depositam a mesma confiança que eles, e isso os afetam muito. E então para esse afeto os copesquisadores criam o **devir prego**, que é uma linha de fuga, algo que escapa a categorização socialmente produzida, algo que atravessa esses jovens os deixando com dúvidas a respeito sobre em quem confiar, pois os amigos em que depositam confiança não correspondem a esse sentimento. Sobre os **afetos pregos** os jovens comentaram na contra análise,

- *Ah, podemos falar aqui no caso do bullying, podemos dizer que essas pessoas praticam isso.*
- *Esses pregos vivem de pregar coisas ruins nos outros*
- *São pessoas enjoadas, sem carinho.*
- *Pregos também são os excluídos, as covardias que os amigos fazem com a gente.*
- *Pregos nos afetam negativamente porque atrapalham nossa vida*
- *Atrapalham porque lembra desconfiança.*

Os jovens copesquisadores ainda realçam a tempestade de ideias que o convívio desencadeia, ficando clara a oposição de suas ideias, pois no confeto **afeto na escola dois barquinhos perto** *que é a falta de comunicação que afeta a escola [porque] às vezes eu me sinto próxima de algumas pessoas e de outras distante, assim, quando eu entrei no Agrícola eu me comunicava bastante com muitas pessoas, mas com o tempo foi perdendo essa comunicação pela distância, por escolher coisas diferentes*, mostram que a falta de comunicação na escola leva muitas vezes ao distanciamento das pessoas que estão perto.

E como a escola, a sala de aula representa o encontro com inúmeras vidas, vejo nessa discussão que os jovens pensam esse lugar como um espaço onde para

eles as relações se firmam, onde vidas se cruzam, olhares brilham a cada encontro, a cada amizade firmada,

Os jovens sentem necessidade de vinculações pessoais, de um sustento emotivo que lhes permita manter uma confiança de vida. Daí seu envolvimento em redes familiares e de amigos, pois a afirmação da identidade requer uma abertura emocional em relação aos demais [...] Os jovens vão construindo os seus guiões de vida através do que vão incorporando- em termos de influencia e aprendizagens- dos que lhe estão mais próximos: familiares e amigos. (PAIS, 2012, p.149)

Como a linha do convívio é discutida sob diferentes aspectos, os jovens mostram como acontece essa relação com os professores nos diferentes cursos da escola, a respeito comentaram:

-E isto afeta mais na escola porque os professores são divididos, neste caso são dois convívios diferentes. No ensino médio tem mais gente, mais amigos, mais professores, mais dificuldades, além de ter mais matérias.

-E assim pra nós do técnico em informática nós temos professores enjoados, professores pregos, mas também professores amigos.

-Esses professores que nós achamos enjoados na sala, devem muito a eles, tudo o que aprendi do técnico devo a eles sim.

-É muito interessante falar sobre isso, porque quando a gente tava sozinho no laboratório, a gente sorria, brincava, se divertia, e de repente quando o prof. Chegava, aquele espaço que era só alegria se transformava nu lugar tenso, a pressão do professor, quando ele chegava com os comandos, aquele afeto que tinha, aquele bom clima acabava, e também era algo muito complexo porque as vezes numa tarde só a gente tinha os dois momentos, de alegria e de tristeza.

-Uma coisa que eu observei bem e que achava interessante era a diferença entre o meu curso, informática e os das meninas de enfermagem, eu via assim, tipo ,em dia de prova, elas choravam, a professora vinha e acalentava, acalmava elas, sei lá, percebia que lá tinha muito afeto, preocupação, coisa que no de informática não tinha, os professores não tinham essa preocupação em te acalmar, não tinham esse afeto.

-De todas as dificuldades que a gente tem durante o dia, durante o tempo todo é que a gente precisa de apoio, mas acontece que tem professor que faz é desestimular a gente, porque tem professor que entra na sala e diz, rapaz eu não gosto de dar aula nessa turma, acho melhor ir pro subsequente, não acredito nessa estória de médio e técnico junto não.e aí , o que é que a gente faz?

-Tem professor que cria barreiras entre a gente e eles têm professor que a gente tem receio de perguntar, e tudo isso gera um ambiente frio.

-Tem professor que nem aquela tradicional pergunta “todo mundo entendeu?”, a gente consegue responder, porque se não tem intimidade a gente responde que sim, mesmo sem ter entendido nada.

Percebo nessas proposições que os jovens trazem importantes discussões acerca da convivência com os professores nos diferentes cursos técnicos da escola, especialmente porque evidenciaram o quanto é potente essa relação dentro do cotidiano da escola. Para alguns, o professor representa a ponte que separa, pois na relação estabelecida com os jovens fica claro à distância e o caráter separatista entre os dois segmentos, contrariando o que diz Casassus (2009) quando coloca que a aprendizagem dos alunos se deve principalmente ao fato de que os alunos aprendem com professores que são importantes para eles e para quem sabem que também são importantes, e “é essa relação que alimenta o contato emocional entre professores e alunos” (CASASSUS, 2009, p.209). No entanto, para outros integrantes do grupo, o relacionamento professor x aluno que acontece no território escolar mostra que nesse encontro existem professores que cuidam de seus alunos, deixando claro que apesar da disciplina e do controle, foco da escola antiemocional, encontramos professores que em meio a um turbilhão de adversidades respeitam o outro, incentivam, cultivam o diálogo, sabem escutar e acima de tudo valorizam o aspecto afetivo da aprendizagem, pois entendem que o afetivo e o intelectual representam dois lados de uma mesma moeda, o desenvolvimento integral do ser humano. A respeito desse cuidado Foucault nos diz que quem cuida de modo adequado de si mesmo, encontra-se em condições de relacionar-se, de conduzir-se adequadamente na relação com os demais (FOUCAULT, 2010), porque o outro nos constitui. E nessas relações que mantemos (relações de poder, de governamentalidade, de saber), somos constituídos pelo olhar que o outro emprega sobre nós. Sendo assim, a relação com o outro é imprescindível para a nossa constituição enquanto sujeito. Ainda a respeito do convívio com professores Rubem Alves nos coloca que

O professor é como uma aranha, pois com aquilo que está dentro de si (conhecimento), solta fios quase invisíveis que são suas palavras e as vai tecendo até formar uma espécie de teia. Tal como uma teia os ensinamentos e as ações do professor ficam amarradas e suspensas

no ar, por isso mesmo devem estar ancoradas em bases sólidas (ALVES, p.10,1995).

Em meio a essa dinâmica de discussões os jovens falaram sobre o convívio com os diferentes lugares da escola, apresentando lugares que os unem, lugares que são pontes, bem como lugares que potencializam e lugares que separam esses corpos. Sobre os lugares que são potentes, eles criaram o confeto **lugares da escola afeto** *que são os corredores, a escada, os outros corredores, a cantina, o banco*, os lugares da escola onde os afetos dos jovens estavam. Na contra análise ampliaram esse conceito ao dizerem:

-Tem lugar da escola que vai ficar marcado pra nós, a escada, por exemplo, é nosso "point", bateu a campã todo mundo corre pra lá.

-A escada vai fazer história no CABJ, é onde colocamos tudo pra fora, onde falamos de professor, de aula chata, enfim, sai tanta coisa, kkkkkk.

-Tem separação na sala, porque cada um de nós tem seu grupinho, agora quando chegamos nos corredores, na escada, aí todo mundo é um grupo só.

-Podemos dizer que todos os afetos a gente viveu só nesses lugares.

-E o que pode o corpo fazer nesses lugares tão especiais, a gente pode dizer primeiro que é um lugar de descanso, descanso do corpo, descanso da mente, o descanso de tudo.

-Outro lugar do afeto na escola foi o laboratório de informática, porque "é onde a gente passa um bom tempo do dia e a gente tem momentos bons como os jogos a gente se diverte."

Percebo que quando há um envolvimento afetivo com esses lugares os alunos se sentem seguros, seus afetos desencadeiam sentimentos positivos, e suas potências de agir são aumentadas. A esse respeito Espinosa nos coloca que "para que nossa potência intelectual possa se desenvolver e tornar-se afetivamente eficaz é necessário que as condições exteriores também sejam favoráveis" (GLEIZER, 2005, p.53). Portanto, os afetos alegres nascem da compatibilidade entre nós e causas exteriores, favorecendo assim o aumento da nossa potência de pensar e agir.

Ainda sobre o convívio com lugares da escola os jovens criaram também o **confeto afeto turbulência sala de aula** *que é o afeto que balança mais quando entra na sala de aula, pois é o lugar aonde a gente vai se deparar com os afetos ruins, decepção, tensão [por que] tem que aprender nem que você não queira, tem*

que ser avaliado, então mesmo esteja com sono, preocupado com a família tem que ter o compromisso então a maior turbulência [é] estar ali, o professor e você lutando com seu próprio corpo pra aprender com sua mente, então foi muito difícil estabilizar o barco. Para os copesquisadores esse confeto representa algo despotencializador,

-Quanto a esta questão de turbulência na sala, fui eu quem falou tipo quando você não está num dia bom, tá cansado, aí você entra na sala querendo brincar, sorrir, aí a gente sabe que o tempo que a gente tem é aquele ali, e é ali que eu tenho que aprender. Então a gente acaba se deparando com muita cobrança, porque quando a gente chega no final da tarde cansado, sabemos que o aproveitamento foi pouco, e em casa todo mundo cobra, dizendo que o tempo de você aprender é o tempo na sala de aula ,então você já sai com aquilo ,que tem de aprender aqui e agora, naquele momento, então acaba que a gente fica com medo, fica tenso, aí quando a gente não aproveita nada , ficamos triste, acho que esse é o maior momento de turbulência.

Ao considerar que nossa vida se desenvolve, sobretudo através de encontros rotineiros com os demais, Espinosa nos coloca que quando nosso corpo se encontra com um corpo cuja relação não lhe convém ou não se compõem com as do corpo encontrado, nosso corpo é afetado pela tristeza e temos a potência de nosso corpo diminuída.

A diminuição de sua potencia ocorre porque parte dela passa a ser investida na anulação daquilo que não convém com suas relações, havendo, assim, uma espécie de esforço para se livrar do que o decompõe ou enche de tristeza. (Merçon, 2009, p.46)

Interessante perceber como lugares da escola representam diferentes sentimentos entre os jovens alunos, assim, ao criarem o confeto **afeto laboratório de informática** despertaram contraditórios sentimentos ao afirmarem que quando estavam sozinhos o laboratório representava momentos de felicidade, se divertiam, mas quando o professor chegava o lugar antes feliz, se transformava num lugar sombrio e triste. Segundo o copesquisador que afirma que lá é o lugar dos afetos porque lá eu também passo os melhores momentos do dia, mas também tem os piores, são momentos marcantes, ou é melhor ou é pior. Ainda acrescentam ao comentarem na contra análise:

-A solução seria mudar de professor, ou então, pensando melhor, muitas vezes a gente vê que o problema é na matéria, não é do professor, então isso é complicado.

-É muito interessante falar sobre isso, porque quando a gente tava sozinho no laboratório, a gente sorria, brincava, se divertia, e de repente quando o prof. Chegava, aquele espaço que era só alegria se transformava no lugar tenso, a pressão do professor, quando ele chegava com os comandos, aquele afeto que tinha, aquele bom clima acabava, e também era algo muito complexo porque as vezes numa tarde só a gente tinha os dois momentos, de alegria e de tristeza.

A segunda linha do pensamento surgiu com bastante nitidez e diz respeito às **Problemáticas sobre os afetos que atravessam os alunos na escola**. A discussão dessa problemática leva em consideração os problemas que os jovens alunos enfrentam com relação ao tempo, ao compromisso, a responsabilidade quanto ao corpo cansado diante de tantas tarefas e parece não aguentar a carga pesada, o medo de não corresponder às expectativas, enfim, problemas que despotencializa o grupo. Diante desses problemas os jovens ficam tristes, preocupados e inseguros com medo de não darem conta frente às responsabilidades impostas a eles.

Nessa perspectiva de instituição que tem o poder de vigiar, disciplinar e dominar criam o confeto **afetos obstáculos compromissos preocupações na escola** que *são os afetos ligados as atribuições e os compromissos com os estudos que acabam se tornando um obstáculo para uma pessoa que gosta de estudar e disponibilizar o tempo para o estudo*. Percebi que a problemática dessa linha enfatiza bastante a questão do tempo integral normatizado e estabelecido pela escola representa algo que assusta o grupo diante das suas potencialidades, segundo eles com a diminuição do tempo não conseguem conciliar o estudo com uma vida normal e acabam se tornando pessoas tristes e seus corpos cansados. A esse respeito Foucault nos diz que "em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações" (FOUCAULT, 1993. p.126), nesse sentido Foucault diz que as disciplinas e normas que regem uma instituição existem para que um "aparelho" funcione de forma eficiente, e o corpo nada mais é do que uma peça de uma máquina multisegmentar (FOUCAULT, 1993, 148).

Como o tempo integral representa algo muito forte entre o pensamento do grupo os jovens copesquisadores também trazem os confetos **afeto medo segurança tristeza na escola** que é um obstáculo que atrapalha o afeto na escola principalmente pelo medo de não prosseguir devido à falta de tempo,

complementado pelo confeto **afetos ruins** para tratar da sobrecarga, a que estão expostos, justificada pelo tempo integral da escola, e ainda ampliam a ideia trazendo o confeto **afetos problemas** que juntamente com a falta de tempo representa algo que prejudica o desenvolvimento pleno e integral desses jovens. Interessante observar que os **afetos problemas** para os copesquisadores também representa algo positivo, mostrando uma outra forma de pensar os problemas em suas vidas, pois segundo eles *também ajudam, porque se a gente viver só de coisa boa, dada na mão a gente não vai conseguir lutar por nada na vida, então tem que ter problema pra gente aprender a lutar.*

Mas para enfrentar todas as atribuições que atravessam a vida escolar desses jovens, o grupo cria o confeto **corpo barco pensamento profundo** *porque viajou pra muito longe e a distância os fez perceber as necessidades, preocupações, a ter orientação de como deve andar de agora em diante, pensar no que realmente afeta, procurar saídas e enxergar que é capaz de seguir apesar das atribuições.*

Desta forma, a pesquisa e os copesquisadores me permitiram perceber e conhecer que os afetos na escola existem, e em meio a algumas dificuldades eles estão presentes nos mais diversos lugares e em diferentes situações. Copesquisadores mostraram-me, inclusive, que os obstáculos no meio do caminho não impedem que os afetos cresçam e existam na escola, pois o afeto está dentro das pessoas, fazendo parte de suas vidas e de seus fazeres.

E neste momento onde procuro me debruçar na produção do grupo encontro nas pegadas de quem busca

Uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATARRI e ROLNIK, 1986, p17).

6. ENTRELAÇANDO ACHADOS: UMA CONCLUSÃO PROVISÓRIA

A gente só chega ao fim quando o fim chega!
Então para que atropelar?
Manoel de Barros

Enfim, chego à última etapa desse processo de pesquisa. Depois de uma longa trajetória percorrida pelo mundo dos afetos na escola anoro meu barco nesse novo mundo descoberto. Com minha pequena “rede” de pesquisadora confesso que não sou mais a mesma. Com muita dificuldade, mas também com muito prazer, me desfiz em inúmeras dobras e desdobras e consegui “pescar” novas ideias, novos conceitos.

Confesso que neste momento, mais importante que chegar ao fim dessa viagem, foi como andei, como trilhei na busca da captura desse trabalho, os movimentos que fiz, e principalmente as mudanças que ficaram impregnadas em mim ocasionadas pelo deslumbre do trajeto.

Viajar por esse mundo guiada pela luz da sociopoética tornou cada movimento do percurso algo indescritível, às vezes mergulhos sufocantes, carregados de muita ansiedade, expectativas e incertezas, mas que com certeza cada retomada funcionava como oxigênio, e os sentimentos negativos que por venturam apareceram, foram desmitificados com a ajuda de especiais tripulantes, os copesquisadores.

Ter como bússola uma professora pesquisadora apaixonada pelo que faz só me encorajou a seguir sem medo por esse caminho tão sinuoso que é o pesquisar. Seus conhecimentos e experiências com a sociopoética me possibilitou descobrir que pesquisar nada mais é que construir conhecimentos.

Nesse sentido, posso dizer que pesquisar com a sociopoética me permitiu o descortinar de um mundo escuro e sombrio. Usar essa abordagem metodológica para desenvolver meu trabalho de pesquisa proporcionou-me experimentar emoções antes desconhecidas. A produção de dados pelo grupo pesquisador tornou a cartografia do mundo dos afetos na escola um mapa labiríntico possível de ser traçado, pois cada fio desenhado um caminho novo foi descoberto.

Agora então, é chegado o momento onde compartilho minhas reflexões, falo de minhas descobertas, e da certeza que quem viaja realiza um aprendizado. Neste momento desfiz as certezas do início da pesquisa e abri-me a novos olhares. Olhares que significaram em minha vida uma forma diferente de enxergar a

realidade e compreendê-la. E isso me possibilitou descobrir outras formas de conhecer.

No início do trabalho da pesquisa acreditava que uma escola com afetos significava uma escola sem problemas ou se os tivessem estariam dentro da sala de aula, num contexto idealizado e referenciado por muitos estudiosos. Acreditava que uma escola com afetos e um aprendizado afetivo me remetia a uma escola perfeita e em total harmonia.

Nesse sentido a pesquisa Sociopoética foi de fundamental importância porque foram as ideias e os conceitos produzidos pelos copesquisadores que me permitiram essa desconstrução. Isso mostra a importância de ouvir as pessoas, antes de julgá-las, ver além das aparências, conhecer e se envolver para depois, então, percebê-las a partir de suas ideias.

O que valida a pesquisa sociopoética é o fato de que estamos no *caminho do meio*, entre os saberes espontâneos que os grupos têm da vida social (saberes que, muitas vezes, a ciência acadêmica ignora) e a crítica destes saberes, proporcionada pelo método do grupo pesquisador. (GAUTHIER, 1999, p. 15).

E para essa aventura contei com os mapas da Sociopoética. E caminhando por suas trilhas a pesquisa e os copesquisadores me permitiram perceber e conhecer que os afetos que existem na escola se apresentam meio às dificuldades, ao mostrar-me inúmeros obstáculos e conflitos que surgem no convívio, nos lugares da escola. Mostraram-me, inclusive que as dificuldades podem ser suplantadas, na medida em que potencializam o grupo a superá-las, ao invés de enfraquecê-los. A pesquisa possibilitou a problematização do tema Afetos na Escola e partindo dessas reflexões o pensamento dos copesquisadores se apresentou em duas linhas ou dimensões.

A primeira linha problematiza **Problemas e potencialidades do convívio com os afetos na escola** e envolve reflexões acerca da importância do convívio em grupo, que tem a ver com família, amigos, professores e até mesmo os lugares da escola. Nessa linha, copesquisadores trouxeram descobertas muito significativas para mim, pois, os confetos produzidos forma múltiplos, polissêmicos e heterogêneos, e desterritorializaram as ideias a respeito dos afetos na escola. A maior surpresa dessa linha foi a respeito dos lugares afeto na escola, que segundo os copesquisadores os afetos para eles estavam centrados na escada da escola, o lugar que potencializava o grupo, que unia e que fazia deles um reduto só. Para

estes jovens, outros lugares, e em especial, a sala de aula representava espaço de tristeza, problemas, e que tudo isso era amenizado pela presença de seus amigos, um grupo forte e coeso que tinha a mesma importância de seus familiares.

A segunda linha trouxe **Problemáticas sobre os afetos que atravessam os alunos na escola** apresentando as tensões que afetam o jovem dentro da sua vivência educativa, seja na sala de aula ou em outros lugares onde experimentam os afetos. Segundo os jovens o tempo integral, a ausência da família, o ingresso no mercado de trabalho, as preocupações com o ENEM, com o futuro incerto, tudo são atribuições que despotencializam esses jovens, que os fazem pessoas sobrecarregadas e com medo de possíveis fracassos na sua vida pessoal.

Quero finalmente dizer que nenhuma teoria nem mito desvelará a verdade ou o sentido escondido da realidade pesquisada. Não somos os portadores da luz frente à escuridão da vida. Experimentamos nossas “verdades” provisórias com as “verdades” de outros, costuramos sentidos heterogêneos, descobrimos novas perguntas, inventamos novos conceitos, que inquietarão, ou não, os leitores e leitoras, lhes dando, ou não, vontade de dialogar criticamente conosco, de transformar a realidade a partir dos nossos resultados ou de pesquisar mais, até *contra nós*. (GAUTHIER, 1999, p.39-40).

Assim concluo minha pesquisa Sociopoética acreditando que:

Todo diálogo é iluminador: desfaz equívocos e coloca em realce aquilo que é mais importante. Se nos subtrairmos ao intercâmbio, como vamos saber o que os outros pensam da situação e de nós? Como vamos nos conhecer melhor? Nós nos vemos sempre melhor quando nos contemplamos a partir da perspectiva do outro, que possui uma leitura diferente e, quem sabe, melhor de nós. (BOFF, 1999, p.114).

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Jovens e Educadores de Rua: Itinerários que se cruzam pelas ruas de Teresina.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. 243f. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará – UFC; 2004.

_____, Shara Jane Holanda Costa. **Sociopoetizando o corpo: conceitos filosóficos produzidos pelas crianças e adolescentes da casa de zabelê.** (relatório final): 2009

ALVES, Rubem. **Ao professor, com o meu carinho.** Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

-----, **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas: Papyrus, 2001.

-----, **O Poeta, O Guerreiro, O Profeta.** Petrópolis: Vozes, 1995.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a segunda infância.** São Paulo: Planeta, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. **CNE/CEB. Parecer 16/99, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.** Institui as Diretrizes curriculares para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília, 1998.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra.** 13ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CASTELO BRANCO, Julinete Vieira. **Entre trilhas e veredas.** 2ª. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2010.

DAYRELL, J.T. **Escola e Diversidade Cultural:** considerações em torno da formação humana [online]. Disponível na internet via WWW URL: http://www.educacaoonline.pro.br/escola_e_diversidade.asp Capturado em 09/02/2013.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia prática.** Trad. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência:** gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4.** Rio de Janeiro: Ed. 34.1997.

_____, **O que é a filosofia.** São Paulo: Ed. 34, 1992.

FONSECA, Celso Sucko. **História do Ensino Industrial no Brasil.** Rio de Janeiro: Escola Técnica, 1961. V.1.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____, **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, L.C. G. **Cem anos de ensino profissional técnico em Campos dos Goytacazes: a Escola de Aprendizizes Artífices**. In: FRIGOTTO, G. (Org.). Educação Profissional e Tecnológica – Memórias, contradições e desafios. Campos dos Goytacazes/RJ. Essentia Editora, 2006.

GLEIZER, Marcos A. **Espinosa e a Afetividade Humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética – encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery, UFRJ, 1999.

GAUTHIER, J; PETIT, S. **Introduzindo a Sociopoética**. Disponível em <<http://www.geocities.ws/liasilveira2001/word/introduzindo.rtf>>. Acesso em 20 de agosto de 2012.

GUATARRI, Felix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÜCK, Heloísa. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Série cadernos de gestão.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado Ético - Afetivo: uma leitura spinozana da educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

PAIS, José Machado. **Sexualidade e Afetos Juvenis**. Lisboa :ICS. Imprensa de ciências Sociais, 2012.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PETIT, Sandra. **Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa**. In: MATOS, Kelma Socorro L. de & VASCONCELOS, José Gerardo. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos).

RANGHETTI, Diva Spezia. **Afetividade**. In: FAZENDA, Ivani C. A.: Dicionário em construção: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Estação Liberdade: São Paulo, 1989.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PARENTONI, Paloma. **O Trajeto do Afeto**. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.facebook.com/groups/otrajetoaofeto/>>. Acesso em 01 de maio de 2012.

SANTOS, I. Dos; GAUTHIER, J; FIGUEIREDO, N. M. A; PETIT, S. H. **Prática de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005.

SILVEIRA, Lia Carneiro. **Do Corpo sentido aos sentidos do corpo: Sociopoetizando a produção de subjetividade**. Programa de pós- Graduação em Enfermagem. 2004 169f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade Federal do Ceará- UFC, Fortaleza: 2004.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TRINDADE, Loretto. A. **Do Corpo da Carência ao Corpo da Potência: Desafios da Docência**. In: GARCIA, L.R. (Org.). O Corpo que Fala Dentro e Fora da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**.Org. Michael Cole. São Paulo, Martins Fontes, 1991. (coleção Psicologia e Pedagogia).

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

APÊNDICE A

TÉCNICA: O TRAJETO DOS AFETOS NA ESCOLA ANÁLISE CLASSIFICATÓRIA DOS RELATOS ORAIS

Procedimentos: selecionei as frases sublinhando-as com cores diferentes, buscando as categorias-chave que atravessam o pensamento do grupo e se repetem para além do próprio tema.

COPESQUISADOR(A)/NOME DO BARCO	RELATO ORAL
<p>Brenda Kelly "Corpo-barco ESPERANÇA"</p>	<p>Foi uma viagem muito boa. Me fez pensar, refletir (1). Meu afeto na escola foi a AMIZADE, porque sem a amizade eu creio que a gente não vai a lugar nenhum [e] tudo o que fiz até hoje, as conquistas, tudo o que conquistei foi por causa das amizades(2). E o que me impedia de prosseguir, continuar foi justamente a [o afeto] INSEGURANÇA, A insegurança de pensar que não sou capaz(3), mas teve algo que me ajudou a prosseguir que foi a [o afeto] FÊ (4), pois acredito que com [o afeto] Fé a gente pode fazer muita coisa, mesmo que aos nossos olhos seja impossível (4) e com [o afeto] fé a gente tem esperança, esperança de um dia ser melhor, de um dia a gente [de] conseguir tudo que almeja(6). Durante o percurso senti muitas coisas, sempre interligados, mas ao mesmo tempo [interligadas e] diferentes: foi muito assim, ao mesmo tempo era amizade e inimizade, era insegurança e segurança, a fé, às vezes [e] medo, muitos sentimentos em conflito (1). Uma coisa que eu percebi é que eu tenho o afeto medo, medo do novo [pois] Às vezes a gente chega aqui feliz, no outro a gente tá bem triste e fica com medo da tristeza (3), porque [afeto medo] causa isso, causa insegurança, porque o medo é o início de tudo, o medo da gente não conseguir o que a gente espera, medo de não usar o tempo da melhor maneira possível, porque às vezes a gente chega [na escola] aqui às sete horas da manhã e quando pensa que não já é onze horas da noite, hora de voltar pra casa, e eu sou particularmente assim, olho para o que eu fiz, eu sempre passei o dia todo na escola.</p>

E será se assim eu to me preparando realmente de verdade [para um] ,assim tenho medo de num exame mais na frente pra testar nossos conhecimentos e o nosso futuro?, porque esse ano tudo o que os professores falam é que este é o ano das decisões, ano que você tem que ter mais responsabilidades, um dos anos mais importantes da nossa vida (3). E essa oficina foi maravilhosa, foi o que a gente tava precisando, eu particularmente tava precisando, pois tava com tanto medo por falta de tempo (3), há uma confusão de sentimentos. E é porque às vezes tento lutar comigo mesmo, com meu próprio corpo, com meu próprio conhecimento que adquiri até hoje que tenho e em relação as matérias principalmente as do técnico [que] é muito puxado [pois], eu falo que tem certas disciplinas que pegam a gente mesmo, não tem como a gente correr (8), e concordo com o Alan quando ele diz que o laboratório de informática é o lugar dos afetos porque lá eu também passo os melhores momentos do dia, mas também tem os piores, são momentos marcantes, ou é melhor ou é pior (7). Não gente, é verdade, quando ela falou que vocês podem deixar fluir, o que me deu vontade mesmo foi de chorar, porque são coisas diferentes [o curso médio do técnico], mas você tem que ver assim, você tem que ser responsável tanto num curso quanto no outro (8). No ensino médio lá na frente tem um exame, um único exame que vai avaliar não só o ensino médio, mas tua vida inteira, desde teu maternal ate numa sequencia de aprendizado, porque lá é um ponto X que vai te avaliar e é uma responsabilidade muito grande (8). Com relação ao técnico em informática , enfermagem ou agropecuária mesmo que não exerçam ,tem que saber algo, porque quando a gente sair daqui com um diploma de técnico é outra responsabilidade (8), e entendo por [afeto]

	<p>responsabilidade [é] aquilo que a gente se disponibilizou para fazer, e as pessoas cobram: isso, você não é [técnico]? Então como é que não sabe? No meio de tudo isso a vontade [é] que tive foi de chorar mesmo (5). E essa oficina nos ajudou a nos encontrar com a gente mesmo, com nossos próprios sentimentos, porque as vezes muita coisa passa despercebida, a gente vai e vem, vai empurrando, às vezes a gente tá triste e nem pensamos nos nossos próprios sentimentos só pra satisfazer outras necessidades e que as vezes nem é tão importante quanto nossos sentimentos que é o que rege a nossa vida (6).</p>
<p>Tatiane Corpo-barco PENSAMENTO PROFUNDO</p>	<p>A viagem foi muito boa [porque], me fez refletir nos pontos que mais me deixei abalar em alguns momentos, e o que me segurava quando eu estava triste, insegura(1), como a Brenda falou, o meu sustentáculo foram as [os afetos]AMIZADES, porque aqui [na escola] conheci amigos de verdade, pessoas que vou levar pro resto da vida (2), então sempre que alguém me dizia que eu não ia conseguir [ou] quando eu chego triste na escola, eu lembro de meus amigos, então foi [o] meu sustentáculo aqui, o meu afeto na escola foram as amizades (4) que vou levar pra sempre. Uma coisa que me atrapalhou bastante foi a [o afeto] TRISTEZA [me atrapalhou], porque às vezes eu tinha vontade de fazer muita coisa, de suprir minhas necessidades, de estudar, mas eu tinha pouco tempo (3) como eu to passando agora, então a pessoa se sente triste em não poder dar o máximo de si por falta de tempo, porque o nosso corpo também requer descanso e tudo isso a gente fica triste porque queria mais, porque você sabe que é capaz de mais e por isso eu ficava triste (4). Uma coisa que [o aliado fé] me motivou a chegar onde estou sem desistir, sem ter buscado outro caminho mais fácil foi a minha FÉ, a minha [pois tenho] fé de que tudo vai</p>

dar certo porque Deus tem um propósito para cada um de nós, pra gente ser feliz (4), então a minha fé me sustentou até aqui junto com minhas amigadas, creio eu que o maior motivo de hoje eu estar aqui sem ter desistido, sem ter buscado outro caminho mais fácil foi a minha fé. E como eu falei, uma das coisas que me atribuiu na escola foram as minhas **[afetos] PREOCUPAÇÕES na escola são as atribuições com meus [os] estudos, porque sempre fui uma pessoa que sempre gostou de estudar e disponibilizei o meu tempo mais para o estudo, e com a diminuição do tempo eu me tornei uma pessoa um pouco triste, eu achava que não podia,** outras eu **[que ia desistir]** desistia **por conta de meu corpo [cansado] (5)** que eu também preciso descansar, então foram esses pontos que me preocupei na escola e os quais me afetaram mas graças a Deus, a amizade e a fé me colocaram de pé agora. O nome de meu **corpo barco** foi **PENSAMENTO PROFUNDO** porque eu **viajei muito longe e pude perceber** quais **as** minhas **necessidades**, pude perceber onde estão centradas as minhas **preocupações e** assim **puder ter uma orientação de como andar agora em diante**, me fez refletir o tempo que a gente passa sem **pensar no que realmente afeta a gente, e isso ajuda** a gente a começar a **procurar saídas e** começar a **enxergar que** você também **é capaz de seguir** por mais que apareçam **atribuições (2)**. **Afeto na escola está [é aquele afeto] centrado nas** minhas **amigadas**, elas têm sido meu **sustentáculo [na escola]** aqui, **porque quando a gente chega com problemas** aqui, **problemas de casa, e preocupações**, numa época atribulada, **são as amigadas que enxergam tuas lágrimas**, então aqui eu encontrei pessoas que **te colocam de pé, que te dão forças para prosseguir (5)**. **Comparando os [cursos] técnicos, [por exemplo],** não querendo minimizar nenhum, mas a questão do **[o] técnico em enfermagem** é que **tem muita teoria, enquanto que o**

técnico em agropecuária e informática tem muita prática mais do que a gente, não fica na sala de aula constantemente (8). Então esse ano está sendo muito sobrecarregado pra gente, [e] a gente fica totalmente perdido e aí quando você se depara em ter que entrar numa sala de aula até dia de sábado, todo sábado até o fim do ano, saber que você tem um teste e tem que passar, todo mundo dizendo que você vai se formar num curso técnico e vai ser responsável por o que fazer, você tem que passar no vestibular, então são responsabilidades em cima de responsabilidades, e saber que você vai ter que entrar numa sala e da hora que você chega até a hora que você sai só olhando slide, eu chego em casa totalmente sobrecarregada e ainda tenho que me deparar com cadernos e livros pra fazer tarefa, pra estudar porque na sala de tanto slide, no final não dá pra perceber mais nada, não consegue conciliar o pensamento, aí você tem que estudar tudo de novo (8), então no nosso curso [de enfermagem] essa questão de ter pouca aula prática e ir direto pros estágios, isso acarreta um pouco a gente, saber que não vamos ter férias como a gente queria, que a gente vai ter que ir para o hospital nas férias, que o tempo que a gente tinha pra estudar pro vestibular nas férias vamos ter que está nos estágios, então meu deus no final do ano vai ser o quê? Eu vou passar ou não? Então é um ano de suspense, é um ano de insegurança (8) e o que a gente tenta fazer ao máximo é minimizar com as amizades, como Walkiria falou, sair, sentar na escada, conversar pra tentar distorcer todos os problemas que vem na cabeça da gente (4), mas que é uma coisa boa é, porque são afetos problemas é uma coisa boa [porque], mas que você sabe que quando passar [os problemas] você vai crescer e isso então é o que a gente tenta entender, é isso, eu vou passar por isso, mas vou crescer no final, então

	<p>o que tento conciliar agora, e o que tenho que conseguir pra mim é força, porque eu sei que quando passar por isso vou tá mais amadurecida do que antes, eu passei por isso, eu venci [5], foram problemas, mas [afetos] problemas também ajudam, porque se a gente viver só de coisa boa, dada na mão a gente não vai conseguir lutar por nada na vida então tem que ter problema pra gente aprender a lutar (4), e esse ano tá sendo um ano de luta e esse 3º ano é ano decisivo, então técnico e médio a gente tá numa coisa que a gente gosta, porque na nossa sala a maioria gosta do técnico (enfermagem), então a gente sabe que é difícil, mas que é uma coisa que a gente gosta e que a gente vai levar pro resto da vida e os problemas que são problemas vão desaparecer um dia, mas o que a gente fica, a gente [e] fica com o conhecimento pra sempre, pra vida toda, o técnico me afeta positivamente (8).</p>
<p>Andressa “Corpo-barco AMIZADE”</p>	<p>Esse ano tá sendo um ano muito complicado, e um dos pilares que eu tenho pra continuar seguindo em frente são as minhas amigas, que tem me ajudado bastante. Realmente, percebi que tava precisando dessa viagem e mexeu bastante comigo porque eu pude lembrar dos momentos que tive com meus verdadeiros amigos(1). O nome do afeto na escola é o AMOR, porque eu pude sentir que durante esses três anos e nessa escola eu conquistei verdadeiras amigas e é o que eu sinto por elas(2). O afeto obstáculo foi o COMPROMISSO, foi assim à medida que eu tinha, que eu tenho [é o] compromisso com os estudos ele acaba se tornando um obstáculo, porque não to conseguindo conciliar o meu tempo estudando e tendo uma vida normal, e isso tá mexendo muito comigo(5). Tô muito triste esse ano porque ainda não consegui ainda lidar com esse [afeto] obstáculo (4). Meu afeto aliado é a DETERMINAÇÃO, porque sou muito determinada e acho assim, eu</p>

quero e se eu quero, eu sou capaz e eu vou conseguir(2). meu último barquinho é a [afeto]DESCONFIANÇA, porque assim, tem muitas pessoas que se mostram ser amigas e que a gente tem que prestar bastante atenção, porque assim , à medida que ela vai se mostrando ser amiga sua, ela pode muito bem tá tentando fazer com que você não siga em frente(5) e assim a [afeto] confiança é uma das coisas principais que a gente deve ter e eu costumo muito confiar nas pessoas, só que assim, tem muitas pessoas que a gente confia, que ao mesmo tempo a gente acha que tá confiando na gente, só que não, elas tão tendo determinada desconfiança e isso me afeta bastante 5). eu procuro fazer de tudo para que as pessoas não tenham motivo de desconfiança com relação a mim, com relação aos meus amigos, porque eu sou muito amiga, adoro ser amiga das pessoas e a amizade é uma das coisas mais importantes, principalmente, na escola, porque quando a gente tá passando por determinadas dificuldades, as pessoas que mais lhe ajudam são os amigos e quando você percebe que aquela pessoa não confia em você, você fica bastante abalada (4). Afeto na escola é o amor, a amizade, o carinho que você conquista das pessoas, respeito (5).

ANDRESSA - acho que quase todo mundo colocou [afeto] AMIZADE no nome de seus barcos, porque esse ano tá todo mundo encontrando nos seus amigos a verdadeira segurança pra poder seguir em frente (2), isso é bom porque a [afeto] amizade é uma coisa boa e que todo mundo tem que de certa forma levar a sério, porque a gente vendo aqui os amigos como família, porque a gente convive mais com os amigos e então tá se tornando parte da nossa família os nossos amigos da escola (5). Essa viagem que fiz foi muito importante e todo mundo tava precisando fazer essa viagem, refletir o que aconteceu, o que tá acontecendo com a gente, entre a

	<p>gente aqui na escola(6), porque a gente tá passando por muita dificuldade e em meio a essa dificuldade a gente tá encontrando muitas coisas boas também (3), quando a gente tá triste, abalada e chega em casa e tem muita coisa pra fazer da escola, aí a gente [e] para com o trabalho da escola e fica pensando no que aconteceu durante o dia e aí termino ficando triste e quando chego na escola todo mundo percebe e fica perguntando o que foi que aconteceu ,porque você tá assim e quando a gente desabafa com os amigos a gente melhora a nossa auto estima (3),então essa viagem foi muito boa. (para a contra-análise Acho que pode ter uma pergunta na contra-análise sobre o que a abala na escola a ponto de ficar triste)</p> <p>.ANDRESSA fala- porque todo dia a gente tá descobrindo, convivendo com sentimentos novos, mudando, hoje você chega aqui na escola triste, amanhã você já ta feliz então a gente tá mudando muito de sentimento, tá nervoso no dia das provas, e quando passa a prova já tá feliz (8). por isso tenho necessidade de amigos, eu não convivo com a minha família, meu convívio hoje é com a escola, minha família durante o ano inteiro são meus amigos, só convivo com meus pais nas férias, e graças a Deus que tenho muitas amizades e agradeço muito a todos eles porque a gente precisa muito das pessoas pra nos fortalecer ,nos ajudar a seguir em frente (4). A prática [no ensino técnico comprova] tá comprovando o que você tá aprendendo, mostra o que você aprendeu na teoria, tá servindo para alguma coisa, porque se você for exercer sua profissão você já tá sabendo, porque na sua prática voce adquire confiança de certa forma (8).</p>
<p>Bianca Corpo-barco AMIZADE</p>	<p>Coloquei esse nome porque pra mim [afeto] amizade é tudo, é confiança, é comunicação [2]. Pra seguir em frente eu preciso de educação, porque a falta de educação não leva</p>

	<p>a nada, pra mim o afeto EDUCAÇÃO é a comunicação, que você consegue a amizade, carinho, tanto na escola quanto em casa, na família, entre amigos, colegas, têm que ter educação (5). E o que impede [o afeto] é a FALTA DE EDUCAÇÃO, porque sem educação você se sente desvalorizado, e pra mim a desvalorização é a falta de educação. Então, se a educação me leva a algum lugar, a falta de educação não me leva a nada, porque dentro da educação tem a comunicação, e [fica] sem comunicação, sem afinidade, não leva a lugar algum (3). O que meu corpo pode diante [da falta de educação] e disso é que eu tenho que perder o medo, confiar em mim e ter a certeza de que sou capaz, que eu posso fazer o que quiser, e ninguém vai me impedir, e que eu posso ter minha própria educação, pois ninguém vive de opiniões colocadas na minha cabeça, me interromper de chegar ao meu objetivo (4), eu acho que é isso. E o que me ajuda muito é a [afeto] CONFIANÇA, eu tenho que confiar em mim, acreditar em mim e que sou capaz, ninguém impedir o meu sonho, também confiança nas amizades (4) né? o que me impede muito, o que me sinto muito afetada é a INVEJA, inveja é o maior obstáculo, é o que me impede de fazer o que eu quero, de mostrar meu pensamento, pra mim a inveja é muito ruim, às vezes você tá ali com um amigo, você pensa que é daquela forma, mas seu amigo é o seu pior inimigo(3). Afeto na escola é dar OPORTUNIDADE para as pessoas, é comunicação.</p>
<p>Laurinda "Corpo barco ESCADIR"</p>	<p>Essa viagem serviu pra mim pensar nos obstáculos que todo mundo aqui do terceiro ano tá passando, a falta de tempo, pensar nas coisas que realmente a gente quer, o que se vai fazer, o desestímulo, o que leva a gente a continuar a viagem (3), deu pra pensar muito sobre isso. O nome do meu corpo barco é ESCADIR porque eu sou diferente, todo mundo escolheu um sentimento, porque veio na</p>

cabeça (2). Eu sou assim, **se tô triste mostro que tô alegre, às vezes tô alegre e quero ficar mais quieta, eu nunca tenho um pensamento, um sentimento fixo sabe, eu sempre mudo assim constantemente (2)**. O **afeto na escola** são os **aliados e amigos**, acho que **todo mundo precisa de amizade, principalmente na escola, já que a gente acaba perdendo um pouco o convívio familiar, e os amigos acabam se tornando uma base pra gente poder conversar, pensar, expor nossos sentimentos para alguém, às vezes quando a gente tá com raiva, quando a gente tá alegre, a gente acaba recorrendo aos nossos amigos (4)**. Meu **afeto na escola** são os **ALIADOS**, e acho que aliados **são todas** as pessoas, **os professores e os amigos**. às vezes **os professores dão muito conselho pra gente**, conversam **e os amigos também** é quem a gente convive diariamente, não só dentro, mas fora da escola e que também nos ajudam bastante, porque **mas possuem uma visão diferente, e os conselhos se formam um pouco diferentes também (4)**, **(PARA A CONTRA-ANÁLISE) O que difere os conselhos dos afetos aliados dos amigos e dos professores?** então acho que é isso. Eu coloquei **dois barquinhos perto** porque **o afeto na escola [dois barquinhos perto] é uma coisa que também afeta a escola [que é a]**, tipo assim falando da **FALTA DE COMUNICAÇÃO**, às vezes eu me sinto muito próxima de algumas pessoas e de outras distante, assim, quando eu entrei no Agrícola eu me comunicava bastante com muitas pessoas, mas com o tempo foi perdendo essa comunicação pela distância, por escolher coisas diferentes, acho que foi por isso que coloquei esses dois barcos juntos, **perto, pois os dois andam juntos (5)**. Aí o **afeto aliado** meus **COLEGAS** que todo mundo tem, às vezes tem **são pessoas que te desestimulam, acabam te botando muito pra baixo (4)**, aí **[afeto aliado colegas] é uma**

questão de você querer continuar, tá envolvido, [pois mesmo] tá precisando de uma pessoa para tá te estimulando que você esquece que você mesmo pode se estimular, que é uma coisa que [pois] a gente tem que [ter] é a própria força de vontade e às vezes a gente fica tão inseguro de si que a gente quer sempre ter aquele amigo próximo, te apoiando e que às vezes a gente tem que ver que nossos próprios amigos também tem problemas e que também precisam de apoio e acaba entrando em conflito, então a gente mesmo se estimular é uma coisa boa (4). No encontro dos corpos o que me afetou foi [afeto] SORRIR, porque as pessoas que sorriem também me encantam, porque eu fazer sorrir e a pessoa me fazer sorrir faz o encontro dos corpos (4). E pra superar essa [o afeto] falta de comunicação que faz a gente se prender a esses sentimentos ruins, porque tá todo mundo numa fase de sentimentos ruins, de cansaço, de falta de tempo, então até nisso aqui tá sendo [seria bom ter momentos como esses aqui] pra aproximar mais a gente, pra gente se comunicar mais, conhecer mais as pessoas [e], então eu acho que [o] meu corpo (4), nessa situação tá me ajudando a se comunicar mais. Afeto na escola primeiro é amizade, acho que tudo pra gente agora tá se envolvendo em torno da amizade, [é] saber escolher bem, preparar as nossas amizades, acho que [pois] agora é o momento mais importante (5).

LAURINDA fala- estamos no meio do semestre, daqui a pouco chega outubro e o ENEM, aí é como eu disse, ano passado eu fiz o Enem bem tranquila, porque não ia afetar muita coisa, aí esse ano é diferente [do ano passado que fiz tranqüila], porque se você pensa será que vou passar, se vou conseguir, será que o que tô aprendendo vou utilizar em alguma coisa, então tá todo mundo com medo esse ano. (8)

<p>Gabby "Corpo-barco CONFIANÇA"</p>	<p>Afeto-UNIÃO na escola porque sem união acho que todo mundo precisa de alguém pra fazer um trabalho, fazer alguma coisa, acho que todo mundo precisa de alguém pra tá junto com ela e superar tudo, os obstáculos (2). A [afeto] DESUNIÃO me afeta, me prejudica muito e na minha sala tem muito isso, o povo não é muito unido, tem muito grupinhos (3). O afeto aliado é a AMIZADE, eu tenho poucos amigos, muitos colegas, mas amigos mesmo são poucos, mas que me consideram e ajudam a superar tudo, acho que é isso, amizade é tudo, e vale até mais que o amor (5). O que atrapalhou bastante foram os [afetos] CRÍTICAS (3), pois com a amizade você consegue superar [afetos críticas] (4) tudo, por isso coloquei o nome de meu corpo barco confiança, porque com confiança você supera as críticas, com confiança você vai saber o que realmente quer (4). Pra superar a [afeto] desunião, acho que fazer [é preciso] novas amizades, porque com união, com confiança acho que da pra construir algo pra acabar com a desunião, porque todo mundo precisa um do outro(4). Afeto na escola é acima de tudo confiar em si mesmo, confiar nos amigos e primeiro acreditar em si mesmo (5).</p>
<p>Emerson "Corpo barco CARINHO"</p>	<p>A viagem foi muito boa, e como vocês podem ver eu fui um dos que mais andei por aqui e fiquei distante [pois] . Acredito que pra você seguir o seu caminho, você às vezes tem que se afastar um pouco, parar, refletir, pensar sobre o que você tá sentindo e muitas vezes você com uma pessoa do seu lado você não consegue entrar no seu interior e sentir o que você tá sentindo realmente (6), você tem algum sentimento, mas não consegue expressar por medo de machucar, magoar alguém de falar o que não devia. Como todos me conhecem, eu sou uma pessoa que gosta muito de ri, só ando rindo,mas eu tenho meus momentos,eu gosto de</p>

parar assim, em casa fico pensando sozinho,o que eu fiz todo dia, na escola, o que aconteceu, eu vejo quais foram os pontos corretos, o que eu fiz de errado, e isso é bom até pra minha vida ,pra mim seguir em frente. Eu chamei meu **corpo barco** de **CARINHO**, **porque sem o carinho das pessoas, sem os amigos, sem sua família não vamos a lugar nenhum (2)**, o carinho é fundamental. Meu **afeto aliado** é **amizade COMPANHEIRISMO**, porque amizade **é uma das coisas mais lindas que se tem, você ter uma pessoa ali que você pode confiar nos momentos de tristeza, nos momentos de alegria, principalmente na tristeza para lhe fortalecer e apoiar (4)**. Meu **afeto obstáculo** foram os **MAUS OLHARES** porque isso **é uma coisa [ruim que me afeta muito]** que me **deixa** muito **pra baixo**, você **[por saber]** quem **não gosta de você, quem** fica falando de você, **fala mal de você (5)**, isso é muito ruim, isso afeta muito. **O que me ajudou foram os amigos**, eu tenho muitos amigos **de verdade** mesmo, muitos colegas e muitas **pessoas que você conhece no dia a dia, que você convive, que nem tem muita intimidade, mas que também você gosta de estar com essas pessoas (4)**. Então **os amigos são fundamentais pra você seguir em frente, lhe ajudar no seu percurso, não só na escola ,mas fora da escola,pro resto da vida, quando você sair daqui, se casar, você se formar, vai ter sempre aquela pessoa (4)**. O que me afeta muito é minha **FAMÍLIA [pois] moro com meu pai, [pois] minha mãe se separou logo que eu nasci,mas mesmo com essa dificuldade em família,minha família me apoia muito e mesmo não ficando muito com ela sempre tão ligando, pergunta como é que tá, então assim o mais importante e que eu amo de verdade é a minha família (4)**.O que eu faço **diante do [afeto]MAU OLHAR** é que **a gente tem que levantar a cabeça,não ligar pra que os outros falam,o que importa é o que realmente você pensa**, o que realmente você **quer pra você,**

não importa o que os outros querem, eu acho que você **tem de olhar pra dentro de você e se o que você tá fazendo for certo** tem que continuar, **se for errado,você reflita,pare, pense e se for o caso não faça mais (4)**. [afeto]Mau olhar é uma coisa que você tem que esquecer,afastar de si, seguir em frente (4). Diante de tudo isso **o que mais me afetou foram meus amigos verdadeiros e minha família pra dar motivação, seguir em frente (4)**. Afeto na escola são meus amigos, seus colegas que tão ali todo dia com você com sua família que cobra de você,faz você seguir,faz você continuar seus estudos e não desistir (5)

EMERSON- **o ensino médio é diferente do técnico, são duas coisas diferentes, porque o médio você vai ter que concluir pra poder entrar no ensino superior** certo, **então** é ali que você **tem que aprender as coisas básicas** pra você fazer um teste **pra entrar numa universidade e seguir o curso que você vai querer**, e **no técnico** é assim uma coisa diferente é uma coisa a mais que você vai ter, é um **acréscimo em seu currículo, porque quando sair daqui já vou ser um técnico em informática**, já vou ser **um profissional**, já posso trabalhar **ter meu emprego (8)**, mas não é só isso que **eu quero pra minha vida**, eu quero **muito mais, isso é apenas o começo, os primeiros degraus que estou subindo em minha vida pra chegar aonde quero no lugar mais alto onde eu conseguir chegar**, então é isso, **o técnico em informática vai me ajudar muito, porque pra tudo se usa informática, e com essa base muito boa** que eu tenho daqui vou conseguir ir **muito mais longe do que se eu tivesse apenas o médio (8)**, e assim aonde **a gente se afeta mais [na escola] é com os professores é divididos [porque são dois convívios diferentes], no ensino médio tem mais gente, mais amigos, mais professores, mais dificuldades, porque além de [ter] mais matérias, e no técnico é legal porque você tá**

	<p>ali fazendo o que você gosta [embora], porque tem pessoas que faz, mas não gosta então isso atrapalha um pouco, porque você tá fazendo sem querer, às vezes obrigado por sua família, acho que isso não é legal, porque tá fazendo o que você não quer tá te atrapalhando, se atrapalhando você mesmo, atrapalhando as outras pessoas, porque você deveria tá fazendo uma coisa que você gosta, com toda a sua dedicação e você tá fazendo uma coisa que você não quer na sua vida. Então isso afeta você negativamente esta fazendo uma coisa que a gente não gosta, porque você tá perdendo tempo da sua vida, tá perdendo tempo com uma coisa que você não vai usar pra nada na sua vida (8), então tá perdendo tempo.</p>
<p>Walkíria "Corpo barco SEGURANÇA"</p>	<p>Minha viagem foi tranqüila (1) e meu corpo barco é a segurança, porque acho que pra mim para terminar a minha viagem precisei de segurança, nos momentos de turbulência, difíceis tive que ter segurança pra me fazer pensar (2), porque onde eu estava eu precisei de muita segurança. Afeto na escola é o AMOR porque a gente passa a maior parte do tempo aqui e a gente convive com um maior numero de pessoas, então o relacionamento de amizades, amor, você com os professores, com os alunos, com os amigos (2), Afeto na escola AMOR é uma coisa que te afeta porque às vezes você chega triste e quando chega na sala de aula você muda ou então você piora de alguma maneira [vai depender], da forma com que você recebe o carinho, o amor (4), então é uma coisa que afeta você e me afeta muito. Na sala de aula tem companheirismo, amizade, amor dos amigos e daqueles que estão ao teu redor e de todas as pessoas que nos rodeiam no ambiente da escola (7). O que atrapalhou um pouco foi o [afeto] DESCONFIANÇA quando estava viajando com as pessoas [pois] senti insegurança, desconfiança, o medo de tá me</p>

aproximando, me envolvendo com outras pessoas, buscando novas amizades, ficou meio receoso, eu tive muita desconfiança com tudo (3), mas as amizades me ajudaram a superar, as verdadeiras amizades que estavam ao meu redor quando mais precisei e que chegava na escola e me fizeram realmente mudar(4), o que tive em casa e entrava pra sala totalmente diferente do que a gente via, então as amizades me ajudaram bastante. O que me afetou nessa viagem foi o MEDO, o medo do novo, tanto o medo de você fazer novas amizades, quanto medo do final, do que pode vir, do que pode não acontecer, do que pode acontecer, medo do inesperado do desconhecido (1). Pra superar meu afeto obstáculo DESCONFIANÇA, acho que devo me relacionar mais com as pessoas, porque quando você começa a conhecer, então eu percebi que esse ano eu precisava de mais relacionamentos com muitas pessoas, porque você vai perdendo essa barreira de que todo mundo é de um jeito, você vai conhecendo, então você vai se aproximando das pessoas, você vai deixando a desconfiança mais de lado (3), então esse ano precisei me relacionar com outras pessoas me abrir mais.

WALKÍRIA- eu não sei vocês, mas quando a Kathia falava pra passar nos lugares da escola que a gente tinha afeto, pelo menos eu, eu não saía dos corredores, da escada, pros outros corredores, pra cantina, pro banco e a gente ficava ali, os meus afetos só estavam ali nesses lugares (7), se tivesse que deixar o barquinho na escola, ele ficava na escada (7). Quando passava por turbulência, [onde mais balança o barco é quando] a gente entrava na sala de aula, porque é na sala de aula que a gente vai se deparar com os afetos ruins, com a decepção, com a tensão de que você tá ali na sala e [por que] tem que aprender nem que você não queira, porque você tem que ser avaliado, então mesmo que você esteja com

sono, por mais que você esteja **preocupado com a família** é ali onde mais balança o barco, que é ali que **tem que ter o compromisso** que a gente mais precisa, **então a maior turbulência [é]** foi você **estar ali, o professor e você lutando com seu próprio corpo pra** você **aprender com sua mente, então foi muito difícil estabilizar o barco (3)**. Acho também que **são duas coisas diferentes [o ensino médio e o técnico]**, e eu **que faço o técnico em enfermagem**, bem como todos os outros técnicos, acho que **o que afeta a gente é o [afeto] responsabilidade eu [que] cada um leva ao saber que quando** você **terminar** você **vai exercer uma profissão e** você **vai ser responsável por aquilo que você exerce (8)**, então isso afeta a gente, **os professores gostam muito de brincar dizendo que a gente tem que amadurecer**, vocês necessitam amadurecer, amadurecer, **ai eu disse, falei pros professores que quando eu terminar o curso eu vou estar podre (8)** kkkkkk...mas **a gente brinca, mas sabe que é necessário, porque vamos estar com vidas nas nossas mãos**, então **o que você faz não tem como consertar, então acaba que a responsabilidade [com a profissão no ensino técnico] afeta muito a gente (8)**, e já **no ensino médio [o afeto responsabilidade] afeta também porque** todo mundo diz que **é o ano decisivo**, é o ano decisivo, então você fica com aquilo, porque se o ano é decisivo, **e se o ano acabar e não fez nada e não vai fazer mais (8)** então vai afetando você **com todas essas responsabilidades** por isso **a gente vai descarregando nos CORREDORES**, a gente vai pra **escada (8)**, por isso que **na sala de aula tem turbulência porque é aonde mais te afeta você naquele meio, você com o professor na sala de aula (8)**. **Com relação às práticas no nosso caso (técnico em enfermagem) era uma ansiedade quando chegava a hora de ir para o hospital, ai a gente [ficava] tava com medo, medo do novo de como será lá dentro (8)**,

	<p>então acho que o mais legal do técnico é foi você está fazendo algo diferente do que todo mundo tá fazendo, tipo abrir um computador, ou então dirigir um trator, ir para o hospital e lidar com o paciente, dar medicamento, então acho que foi a prática do técnico que foi bacana pra gente (4)</p>
<p>Alan "Corpo barco APARECIDO"</p>	<p>APARECIDO? [Corpo barco Aparecido] porque muitas vezes com a falta de tempo, porque você estudando pela manhã e a tarde e a noite, agora você sente dificuldades de visitar seus amigos, familiares, você acaba perdendo o papo bom com seus amigos, daí APARECIDO (2). Afeto na escola são os AMIGOS, porque são coisas muito importantes e que voce precisa (2). O que me impediu de encontrar os afetos na escola foram os PREGOS, o afeto-prego (3). Os pregos da vida, não os pregos literalmente falando, mas pregos são aquelas pessoas que te machucam, que tentam te atrapalhar de seguir teu caminho (5). Meus IRMÃOS me ajudaram a superar esses PREGOS, porque quando você tá dentro de uma religião, tem os irmãos que sempre lhe apoiam,tentam lhe dizer qual o caminho correto (4). O que me afetou nessa viagem foi o SONO, afeto sono, isso me atrapalhou muito, porque muitas vezes,por exemplo, você estuda em outra cidade e por essa rotina que você tem ,tão puxada, você poderia estar com seus amigos,familiares,mais vezes por mais tempo,só que uma coisa que pesa é o seu corpo e ele necessita de um tempo só pra ele,então o afeto sono prejudica esse meu encontro com os outros (3). O amigo é muito importante de todas as formas, na hora das em que to passando por dificuldades, tem vários tipos de dificuldades, ai o amigo verdadeiro é aquele que tá sempre te apoiando,tentando te incentivar,quando você se acha incapaz,o amigo vai lá e diz moço tenta,o amigo é amigo de todas as horas (4).E</p>

	<p>diante do afeto PREGO, durante o dia a dia tanto na escola como em casa tem pessoas que querem te ver sofrendo, tentam lhe atrapalhar, essas são as pessoas pregos (3).</p> <p>Afeto na escola é o AMOR porque é algo que você precisa e é muito bom (5). Pra mim e pro Emerson o lugar do afeto na escola foi o laboratório de informática, porque é onde a gente passa um bom tempo do dia e a gente tem momentos bons como, né Emerson, os jogos a gente se diverte (7). E no laboratório de informática é tristeza quando o João Marcelo chega, porque ele ensina programação e ,mas tudo o que a gente já aprendeu não serve pra matéria dele (7), aí é uma tristeza. Assim, e o que ameniza um pouco é que a gente percebe que de certa forma a culpa não é do João Marcelo, é questão da matéria e de certa forma ele tá tentando ajudar a gente, incentivando da forma dele (4). No técnico os melhores momentos que temos são as aulas práticas, ou momento diversão, o que tira o estresse do ensino médio é a aula prática, então as práticas do técnico é que me afetam. As aulas teóricas para o técnico são chatas, já bastam as teorias do ensino médio (8)</p>
--	---

CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS E CRUZAMENTO DAS IDEIAS

PROCEDIMENTOS DESTE MOMENTO: A partir do agrupamento das ideias nas categorias o cruzamento entre estas ideias, estabelecendo relações de

convergências, divergências, oposições e até de paradoxos/ambiguidades que possam existir entre eles

IDEIAS E SENTIMENTOS SOBRE A VIAGEM

1. Foi uma viagem muito boa. Me fez pensar, refletir.
2. Durante o percurso senti muitas coisas, ao mesmo tempo, interligadas e diferentes: amizade e inimizade, insegurança e segurança, fé e medo, muitos sentimentos em conflito .
3. A viagem foi muito boa porque me fez refletir nos pontos que mais me deixei abalar quando eu estava triste, insegura,
4. Percebi que tava precisando dessa viagem e mexeu bastante comigo porque eu pude lembrar dos momentos que tive com meus verdadeiros amigos.
5. Minha viagem foi tranqüila.
6. O que me afetou nessa viagem foi o MEDO do novo, novas amizades, do que pode vir, do que pode não acontecer, do que pode acontecer, medo do inesperado, do desconhecido.
7. Na hora da viagem eu tive vontade de chorar,

CRUZAMENTO DAS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES:

A idéia 1 é complementar a idéia 3 porque a viagem foi boa, fez pensar, refletir nos pontos que mais me deixei abalar quando eu estava triste, insegura.

IDEIAS DIVERGENTES

A idéia 4 é divergente da idéia 6, porque as pessoas se afetaram com a viagem de modo diferente. Na idéia 4 a viagem afetou bastante a ponto de lembrar dos amigos e a idéia 6 a viagem afetou provocando medo do novo, de novas amizades, do inesperado, do desconhecido.

IDEIAS AMBÍGUAS

A ideia 2 é ambígua porque durante o percurso sentiu muitas coisas, ao mesmo tempo, interligadas e diferentes: amizade e inimizade, insegurança e segurança, fé e medo, muitos sentimentos em conflito .

MOTIVOS DA ESCOLHA DO AFETO NA ESCOLA E/OU DO CORPO BARCO AFETO NA ESCOLA

8.**Afeto na escola amizade** porque sem a amizade a gente não vai a lugar nenhum [e] tudo o que conquistei foi por causa das amizades.

9.O meu sustentáculo foram as [os afetos]**AMIZADES**, porque aqui [na escola] conheci amigos de verdade, pro resto da vida (2),

10.**Corpo barco pensamento profundo** porque viajei muito longe e pude perceber as necessidades preocupações e pude ter uma orientação de como andar agora em diante pensar no que realmente afeta a gente e isso ajuda a procurar saídas e enxergar que é capaz de seguir atribuições (2).

11.**Afeto na escola AMOR**, porque eu pude sentir que durante esses três anos e nessa escola eu conquistei verdadeiras amizades e é o que eu sinto por elas(2).

12.A **afeto aliado DETERMINAÇÃO** porque sou muito determinada e acho assim, eu quero e se eu quero, eu sou capaz e eu vou conseguir(2).

13.[afeto] **AMIZADE** porque esse ano tá todo mundo encontrando nos seus amigos a verdadeira segurança pra poder seguir em frente (2)

14.Coloquei esse nome porque [afeto] **amizade** é tudo, é confiança, é comunicação [2).

15.**corpo barco ESCADIR** porque eu sou diferente se tô triste mostro que tô alegre, às vezes tô alegre e quero ficar mais quieta, eu nunca tenho um pensamento, um sentimento fixo , eu mudo constantemente (2).

16.**Afeto-união na escola** porque todo mundo precisa de alguém pra fazer um trabalho, fazer alguma coisa, pra tá junto e superar os obstáculos (2).

17.**Corpo barco carinho** porque sem o carinho das pessoas, sem os amigos, sem sua família não vamos a lugar nenhum (2),

18.**Corpo barco segurança** porque para terminar a minha viagem precisei de segurança, nos momentos de turbulência, pois nos momentos difíceis tive que ter segurança pra me fazer pensar (2),

19.**Afeto na escola AMOR** porque a gente passa a maior parte do tempo aqui e a gente convive com um maior numero de pessoas, então o relacionamento de amizades, amor, você com os professores, com os alunos, com os amigos (2),

20.[**Corpo barco Aparecido**] porque com a falta de tempo você estudando pela manhã e a tarde e a noite sente dificuldades de visitar seus

amigos, familiares, acaba perdendo o papo bom com seus amigos, daí aparecido (2).

21. **Afeto na escola amigos**, porque são coisas muito importantes e voce precisa.

CRUZAMENTOS DAS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES:

8, 17 e 21 são ideias complementares porque **Corpo barco afeto amizade-carinho na escola** são coisas importantes que precisamos porque sem o carinho das pessoas, sem os amigos e sem a família não vamos a lugar nenhum, de modo que tudo o que conquistamos foi por causa disto.

As ideias **9 e 11** são complementares porque os **afetos AMIZADES-AMOR na escola** são sustentáculos na escola porque é o lugar onde conhecemos amigos de verdade pro resto da vida e por eles sentimos amor.

13, 14 e 18 são ideias complementares porque o motivo da escolha do **Corpo barco afeto amizade- segurança** se deu porque esse ano, nos momentos de turbulência, precisei de segurança, e todo mundo está encontrando nos seus amigos a verdadeira segurança pra poder pensar e seguir em frente. Por isso que ele é tudo, é confiança e comunicação.

IDEIAS DIVERGENTES

19 e 20 São ideias divergentes porque falam da escola integral de modo diferente: na idéia **19 o afeto amor na escola** porque a gente passa a maior parte do tempo aqui e a gente convive com um maior numero de pessoas, então o relacionamento de amizades, amor, você com os professores, com os alunos, com os amigos. E na idéia 20 o **Corpo barco Aparecido** porque com a falta de tempo você estudando pela manhã e a tarde e a noite sente dificuldades de visitar seus amigos, familiares, acaba perdendo o papo bom com seus amigos, daí aparecido.

IDEIAS AMBÍGUAS

A idéia 15 é ambígua porque **corpo barco ESCADIR** é diferente, porque ao mesmo tempo quando está triste mostra que está alegre, às vezes está alegre e quero fica quieta. É um corpo que não tem um pensamento, um sentimento fixo, pois muda constantemente.

IDEIAS DE AFETOS OBSTÁCULOS NA ESCOLA

22. O que me impedia de prosseguir foi [o afeto] INSEGURANÇA de pensar que não sou capaz(3).

23. Eu tenho o afeto medo do novo [pois] Às vezes a gente chega aqui feliz, no outro a gente tá bem triste e fica com medo da tristeza (3).

24.[afeto medo] causa insegurança, porque o medo é o início de tudo, o medo da gente não conseguir o que espera, de não usar o tempo da melhor maneira porque às vezes a gente chega [na escola] às sete horas da manhã e quando pensa já é onze horas da noite, hora de voltar pra casa, e eu sempre passei o dia todo na escola. E será se eu to me preparando realmente de verdade [para um] , exame mais na frente pra testar nossos conhecimentos e o nosso futuro?, porque esse ano os professores falam que é o ano das decisões, que você tem que ter mais responsabilidades, um dos anos mais importantes da nossa vida (3)

25. Essa oficina foi maravilhosa a gente tava precisando, eu particularmente , pois tava com tanto medo por falta de tempo (3),

26. [afeto] TRISTEZA [me atrapalhou], porque eu tinha vontade de fazer de suprir minhas necessidades, de estudar, mas eu tinha pouco tempo (3)

27. A gente tá passando por muita dificuldade e em meio a essa dificuldade a gente tá encontrando muitas coisas boas também.

28. Quando a gente tá triste, abalada e chega em casa e tem muita coisa pra fazer da escola [e] para com o trabalho da escola e fica pensando no que aconteceu durante o dia termino ficando triste e quando chego na escola todo mundo percebe e fica perguntando o que foi que aconteceu ,porque você tá assim e quando a gente desabafa com os amigos a gente melhora a nossa auto estima (3)

29.O que impede [o afeto] é a FALTA DE EDUCAÇÃO, porque sem educação você se sente desvalorizado, não leva a nada, [fica] sem comunicação, sem afinidade, não leva a lugar algum (3)

30. O que me impede muito, o que me sinto muito afetada é a INVEJA é o maior obstáculo, o que me impede de fazer o que eu quero, de mostrar meu pensamento, pra mim a inveja é muito ruim,às vezes você tá ali com um amigo , você pensa que é daquela forma,mas seu amigo é o seu pior

inimigo(3).

31. Pra pensar nos obstáculos que todo mundo do terceiro ano tá passando, a falta de tempo, pensar nas coisas que a gente quer, o que se vai fazer, o desestímulo, o que leva a gente a continuar a viagem (3).

32.[afeto] DESUNIÃO me afeta, me prejudica e na minha sala tem muito isso, o povo não é muito unido, tem muito grupinhos (3).

33.O que atrapalhou foram os [afetos] CRÍTICAS (3)

34.O que atrapalhou foi o [afeto] DESCONFIANÇA com as pessoas [pois] senti insegurança, desconfiança, o medo de tá me aproximando, me envolvendo com outras pessoas, buscando novas amizades, ficou meio receoso, eu tive muita desconfiança com tudo (3),

35.O que me impediu de encontrar os afetos na escola foram os PREGOS, o afeto-prego (3).

36.O que me afetou foi o SONO, afeto sono atrapalhou muito, porque por exemplo, você estuda em outra cidade e por essa rotina que você tem ,tão puxada, você poderia estar com seus amigos,familiares,mais vezes por mais tempo,só que uma coisa que pesa é o seu corpo e ele necessita de um tempo só pra ele,então o afeto sono prejudica esse meu encontro com os outros (3).

37.Afeto PREGO, durante o dia a dia tanto na escola como em casa tem pessoas que querem te ver sofrendo,tentam lhe atrapalhar,essas são as pessoas pregos (3)

38 A pessoa se sente triste em não poder dar o máximo de si por falta de tempo, porque o nosso corpo também requer descanso e tudo isso a gente fica triste porque queria mais, porque você sabe que é capaz de mais e por isso eu ficava triste.

39 Tô muito triste esse ano porque ainda não consegui ainda lidar com esse [afeto] obstáculo.

CRUZAMENTO DAS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias **22, 24, 25, 26 e 31** são complementares porque o **afeto medo-insegurança-tristeza na escola** é um obstáculo que atrapalha o afeto na escola porque impede os alunos de prosseguir, de suprir as necessidades, de estudar, de pensar nas coisas que querem, do que vão fazer e que não são capazes, isso dar medo. Isso traz desestímulo. Este afeto é o início de tudo, o medo da gente não conseguir o que espera devido a falta de tempo do terceiro ano ou de não usar o tempo da melhor maneira porque às vezes a gente chega [na escola] às sete horas da manhã e quando pensa já é onze horas da noite, hora de voltar pra casa, e eu sempre passei o dia todo na escola. E será se eu to me preparando realmente de verdade [para um] , exame mais na frente pra testar nossos conhecimentos e o nosso futuro?, porque esse ano os professores falam que é o ano das decisões, que você tem que ter mais responsabilidades, um dos anos mais importantes da nossa vida.

As ideias **34 , 35 e 37** são complementares porque o que atrapalhou o afeto na escola foi o **afeto obstáculo desconfiança** com as pessoas [pois] senti insegurança, desconfiança, o medo de tá me aproximando, me envolvendo com outras pessoas, buscando novas amizades, fiquei meio receoso, eu tive muita desconfiança com tudo, portanto o que me impediu de encontrar os afetos na escola foram os **afetos pregos** porque tanto na escola como em casa tem pessoas que querem te ver sofrendo, tentam lhe atrapalhar, essas são as pessoas pregos e para superar o **afeto obstáculo desconfiança** devo me relacionar com as pessoas, porque quando você começa a conhecer você vai perdendo essa barreira de que todo mundo é de um jeito vai conhecendo, se aproximando deixando a desconfiança de lado.

As ideias **36, 38 e 39** são complementares porque o afeto sono atrapalhou muito, porque por exemplo, você estuda em outra cidade e por essa rotina tão puxada, você poderia estar com seus amigos, familiares por mais tempo, mas uma coisa que pesa é o seu corpo e ele necessita de um tempo só pra ele, então o **afeto sono** prejudica esse meu encontro com os outros e assim a pessoa se sente triste em não poder dar o máximo de si por falta de tempo, porque o nosso corpo também requer descanso e tudo isso a gente fica triste porque queria mais, porque você sabe que é capaz de mais e por isso eu fico triste porque ainda não consegui lidar com esse [afeto] obstáculo.

IDEIA AMBÍGUA

A idéia **27** porque ao mesmo tempo a gente está passando por muita dificuldade e em meio a essa dificuldade a gente tá encontrando muitas coisas boas.

IDEIAS DIVERGENTES

As ideias **22, 24, 25, 26 e 31** são divergentes da **34** porque nas primeiras ideias o que despotencializa o grupo de jovens na escola é o afeto medo-insegurança-tristeza na escola que traz o medo, a insegurança de não realizar o que desejam devido a falta de tempo e na idéia 34 o afeto desconfiança é medo das novas amizades, o corpo fica desconfiado, receoso, inseguro.

OS ALIADOS DOS AFETOS DA ESCOLA OU O QUE PODE O CORPO COM OS AFETOS NA ESCOLA

41. Algo que me ajudou a prosseguir foi o **afeto FÊ**.

42. Com [o **afeto**] **Fé** a gente pode fazer muita coisa, mesmo que aos nossos olhos seja impossível (4)

43. Sempre que alguém me dizia que eu não ia conseguir [ou] quando eu chego triste na escola, eu lembro de meus amigos, [o] meu sustentáculo o **afeto amizades** (4)

45. [O aliado fé] me motivou a chegar onde estou sem desistir, sem ter buscado outro caminho mais fácil [pois tenho] fé de que tudo vai dar certo porque Deus tem um propósito para cada um de nós, pra gente ser feliz (4)

46. O que a gente tenta fazer ao máximo é minimizar com as amizades sair, sentar na escada, conversar pra tentar distorcer todos os problemas que vem na cabeça da gente (4),

47. **Afetos problemas** também ajudam, porque se a gente viver só de coisa boa, dada na mão a gente não vai conseguir lutar por nada na vida então tem que ter problema pra gente aprender a lutar (4),

48. Eu procuro fazer de tudo para que as pessoas não tenham motivo de desconfiança com relação a mim, porque eu sou muito amiga, adoro ser amiga das pessoas e a amizade é uma das coisas mais importantes, na

escola, porque quando a gente tá passando por determinadas dificuldades, as pessoas que mais lhe ajudam são os amigos e quando você percebe que aquela pessoa não confia em você, você fica bastante abalada (4).

49. Eu não convivo com a minha família, meu convívio hoje é com a escola, minha família durante o ano inteiro são meus amigos, só convivo com meus pais nas férias, e agradeço muito a todos eles porque a gente precisa muito das pessoas pra nos fortalecer ,nos ajudar a seguir em frente (4).

50. O que meu corpo pode diante [da falta de educação] é que eu tenho que perder o medo, confiar em mim e ter a certeza de que sou capaz, que eu posso fazer o que quiser, e ninguém vai me impedir, e que eu posso ter minha própria educação, pois ninguém vive de opiniões colocadas na minha cabeça, me interromper de chegar ao meu objetivo (4)

51. **Afeto na escola aliados amigos** todo mundo precisa de amizade, principalmente na escola que a gente acaba perdendo o convívio familiar, e os amigos acabam se tornando uma base pra gente poder conversar, pensar, expor nossos sentimentos para alguém quando a gente tá com raiva, tá alegre, acaba recorrendo aos nossos amigos (4).

52. No encontro dos corpos o que me afetou foi [**afeto**] **SORRIR**, porque as pessoas que sorriem também me encantam, porque eu fazer sorrir e a pessoa me fazer sorrir faz o encontro dos corpos (4).

53. Pra superar [o afeto] falta de comunicação que faz a gente se prender a esses sentimentos ruins de cansaço, de falta de tempo [seria bom ter momentos como esses aqui] pra aproximar mais a gente, pra gente se comunicar mais, conhecer mais as pessoas [e], [o] meu corpo.

54. A amizade você consegue superar [afetos críticas] (4).

55. Corpo barco confiança supera as críticas, com confiança você vai saber o que realmente quer (4).

56. Pra superar [afeto] desunião [é preciso] novas amizades, união, confiança pra construir algo pra acabar com a desunião, porque todo mundo precisa um do outro(4).

57. Afeto aliado amizade **COMPANHEIRISMO**, é uma das coisas mais

lindas que se tem ter uma pessoa que você pode confiar nos momentos de tristeza, nos momentos de alegria, principalmente na tristeza para lhe fortalecer e apoiar (4).

58. O que me ajudou foram os amigos de verdade pessoas que você conhece no dia a dia, que convive, que nem tem muita intimidade, mas que gosta de estar com essas pessoas (4).

59. Os amigos são fundamentais pra seguir em frente, lhe ajudar no seu percurso, não só na escola ,mas fora da escola,pro resto da vida, quando você sair daqui, se casar, você se formar, vai ter sempre aquela pessoa (4).

60 . O que me afeta é minha FAMÍLIA [pois] moro com meu pai, [pois] minha mãe se separou logo que eu nasci,mas minha família me apóia muito e mesmo não ficando muito com ela sempre tão ligando, pergunta como é que tá, então eu amo de verdade é a minha família (4).

61. diante do [afeto]MAU OLHAR a gente tem que levantar a cabeça,não ligar pra que os outros falam,o que importa é o que realmente você pensa quer pra você, não importa o que os outros querem tem de olhar pra dentro de você e se o que você tá fazendo for certo se for errado,você reflita,pare, pense e se for o caso não faça mais (4).

62. O que mais me afetou foram meus amigos verdadeiros e minha família pra dar motivação, seguir em frente (4).

63. As amizades me ajudaram a superar, as verdadeiras amizades que estavam ao meu redor quando mais precisei e que chegava na escola e me fizeram realmente mudar(4),

64. O mais legal do técnico é está fazendo algo diferente do que todo mundo tá fazendo, tipo abrir um computador, ou então dirigir um trator, ir para o hospital e lidar com o paciente, dar medicamento, então acho que foi a prática do técnico que foi bacana pra gente (4)68.

65. IRMÃOS me ajudaram a superar esses PREGOS, porque quando você tá dentro de uma religião, tem os irmãos que sempre lhe apoiam,tentam lhe dizer qual o caminho correto (4).

66. O amigo é importante de todas as formas, na hora das dificuldades é aquele que tá sempre te apoiando,tentando te incentivar,quando você se

acha incapaz, o amigo vai lá e diz moço tenta, o amigo é amigo de todas as horas (4)

67. O que ameniza um pouco é que a gente percebe que de certa forma a culpa não é do João Marcelo, é questão da matéria e de certa forma ele tá tentando ajudar a gente, incentivando da forma dele (4).

68 Pra superar meu afeto obstáculo DESCONFIANÇA devo me relacionar com as pessoas, porque quando você começa a conhecer você vai perdendo essa barreira de que todo mundo é de um jeito vai conhecendo se aproximando deixando a desconfiança de lado (3)

CRUZAMENTO DAS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias **49** e **51** são complementares porque os **afetos na escola amigos** são os amigos porque eu não convivo com a minha família, meu convívio hoje é com a escola, minha família durante o ano inteiro são meus amigos, só convivo com meus pais nas férias, e agradeço muito a todos amigos porque a gente precisa muito das pessoas pra nos fortalecer, nos ajudar a seguir em frente. Assim, todo mundo precisa dos **afetos na escola amigos** principalmente na escola porque que a gente acaba perdendo o convívio familiar, e os amigos acabam se tornando uma base pra gente poder conversar, pensar, expor nossos sentimentos para alguém quando a gente tá com raiva, tá alegre, acaba recorrendo aos nossos amigos.

As ideias **57, 59 e 66** afeto aliado amizade companheiro é uma das coisas mais lindas que se tem. É ter uma pessoa que você pode confiar nos momentos de tristeza, nos momentos de alegria, principalmente na tristeza para lhe fortalecer e apoiar. O amigo é importante de todas as formas, na hora das dificuldades é aquele que tá sempre te apoiando, tentando te incentivar, quando você se acha incapaz, o amigo vai lá e diz moço tenta, o amigo é amigo de todas as horas. Os amigos são fundamentais pra seguir em frente, lhe ajudar no seu percurso, não só na escola, mas fora da escola, pro resto da vida, quando você sair daqui, se casar, você se formar, vai ter sempre aquela pessoa (4).

As ideias **50 e 61** são complementares porque. O que meu corpo pode

diante da falta de educação e do **afeto mau olhar** é que eu tenho que perder o medo, confiar em mim e ter a certeza de que sou capaz, que eu posso fazer o que quiser, e ninguém vai me impedir de chegar ao meu objetivo, e que eu posso ter minha própria educação, pois ninguém vive de opiniões colocadas na minha cabeça. Assim, diante do **[afeto] MAU OLHAR** e falta de educação a gente tem que levantar a cabeça, não ligar pra que os outros falam, o que importa é o que realmente você pensa e quer pra você, não importa o que os outros querem tem de olhar pra dentro de você e se o que você tá fazendo for certo se for errado, você reflita, pare, pense e se for o caso não faça mais.

IDEIAS OPOSTAS

As ideias **49** e **51** são opostas a **idéia 60** porque nas primeiras ideias o aliado não é a família mas com os amigos, e na **idéia 60** é oposto a isto pois o aliado que o afeta é a família e mesmo não ficando muito com ela sempre eles estão ligando, pergunta como é que tá, então eu amo de verdade é a minha família.

IDEIAS DIVERGENTES

A ideia 48 é divergente da 68 porque na ideia 48 o aliado frente a desconfiança fazer tudo para que as pessoas não desconfiem de voce e na ideia 68 a desconfiança é sua frente aos outros que não conhece o jeito e que para superar isto é se aproximando das pessoas.

CONCEITOS DE AFETOS NA ESCOLA

69. [afeto] responsabilidade [é] aquilo que a gente se disponibilizou para fazer, e as pessoas cobram: você não é [técnico]? Então como é que não sabe? No meio de tudo isso a vontade [é] de chorar mesmo (5).

70. [afetos] PREOCUPAÇÕES na escola são as atribuições com [os] estudos, porque sempre fui uma pessoa que gostou de estudar e disponibilizei o meu tempo para o estudo, e com a diminuição do tempo me tornei uma pessoa triste, achava que não podia [que ia desistir] por conta de meu corpo [cansado] (5)

71. Afeto na escola [é aquele afeto] centrado nas amizades sustentáculo

[na escola] porque quando a gente chega com problemas de casa, e preocupações, são as amizades que enxergam tuas lágrimas, te colocam de pé, te dão forças para prosseguir (5).

72. Afetos problemas é uma coisa boa [porque] quando passar [os problemas] você vai crescer no final tá mais amadurecida do que antes, eu passei por isso, eu venci (5),

73. Afeto obstáculo COMPROMISSO [é o] compromisso com os estudos que acaba se tornando um obstáculo, porque não to conseguindo conciliar o meu tempo estudando e tendo uma vida normal, e isso tá mexendo muito comigo(5).

74. [afeto]DESCONFIANÇA são afetos ligados às pessoas que se mostram amigas e, ao mesmo tempo, faz com que você não siga em frente. (ambígua)

75. [afeto] confiança é confiar nas pessoas, só que tem pessoas que a gente confia e que, a gente acha que confia na gente, mas ela está desconfiando. Este afeto nos afeta bastante. (ambígua) (relacionamento com as pessoas na escola)

76. Afeto na escola é o amor, a amizade, o carinho que você conquista das pessoas, respeito (5).

77. [afeto] amizade é uma coisa boa porque a gente convive mais com os amigos e então tá se tornando parte da nossa família os nossos amigos da escola (5).

78. Afeto EDUCAÇÃO é a comunicação, a amizade, carinho, tanto na escola quanto em casa, na família, entre amigos, colegas, têm que ter educação (5).

79. o afeto na escola [dois barquinhos perto] é a FALTA DE COMUNICAÇÃO que afeta a escola [porque] às vezes eu me sinto próxima de algumas pessoas e de outras distante, assim, quando eu entrei no Agrícola eu me comunicava bastante com muitas pessoas, mas com o tempo foi perdendo essa comunicação pela distância, por escolher coisas diferentes

80. Afeto na escola amizade [é] saber escolher bem, preparar as nossas amizades, [pois] agora é o momento mais importante (5).

81. O afeto aliado AMIZADE é tudo e vale mais que o amor porque

ajudam a superar tudo, mas amigos mesmo são poucos, por isso eu tenho poucos amigos, muitos colegas, mas os que me consideram são poucos.

82. Afeto na escola é confiar em si mesmo, confiar nos amigos e primeiro acreditar em si mesmo (5).

83. Afeto obstáculo MAUS OLHARES é uma coisa [ruim que afeta muito] deixa pra baixo [por saber] quem não gosta de você, quem fala mal de você (5).

84. Afeto na escola são meus amigos, colegas que tão ali todo dia com você com sua família que cobra de você, faz você seguir, faz você continuar seus estudos e não desistir (5)

85. Os pregos da vida são aquelas pessoas que te machucam, que tentam te atrapalhar de seguir teu caminho (5)

86. Afeto na escola é o AMOR porque é algo que você precisa e é muito bom (5)

87. **Barco [Afeto] Pensamento Profundo** é aquele afeto que possibilita viajar longe e perceber as necessidades, as preocupações e ter uma orientação de como andar, de como pensar no que realmente afeta e enxergar que é capaz de seguir e de buscar saídas para as atribulações.

88. **afeto turbulência sala de aula** é o afeto que balança mais quando entra na sala de aula pois é o lugar aonde a gente vai se deparar com os afetos ruins, decepção, tensão [por que] tem que aprender nem que você não queira tem que ser avaliado, então mesmo esteja com sono preocupado com a família tem que ter o compromisso então a maior turbulência [é] estar ali, o professor e você lutando com seu próprio corpo pra aprender com sua mente, então foi muito difícil estabilizar o barco (3).

89. [afeto] Mau olhar é aquele afeto que você tem que esquecer, afastar de si, seguir em frente.

90. O que me ajuda é [afeto] CONFIANÇA, confiar acreditar em mim e que sou capaz, ninguém impedir o meu sonho, também confiança nas amizades (4).

91. Afeto na escola ALIADOS são os professores e os amigos, os professores dão muito conselho pra gente e os amigos também mas

possuem uma visão diferente, e os conselhos se formam um pouco diferentes também (4).

92. **Afeto aliado colegas** são pessoas que te desestimulam, acabam te botando muito pra baixo (4).

93. [**Afeto aliado colegas**] é aquele afeto de querer continuar tá envolvido, [pois mesmo] tá precisando de uma pessoa te estimulando você esquece que você mesmo pode se estimular [pois] a gente tem que [ter] a própria força de vontade e às vezes a gente fica tão inseguro de si que a gente quer sempre ter aquele amigo próximo, te apoiando e às vezes nossos amigos tem problemas e precisam de apoio e acaba entrando em conflito, então a gente mesmo se estimular é uma coisa boa (4).

94. **Afeto na escola amor** é uma coisa que te afeta porque às vezes você chega triste e quando chega na sala de aula você muda ou então você piora de alguma maneira [vai depender], da forma com que você recebe o carinho, o amor.

CRUZAMENTO DAS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias **70** e **73** são complementares porque **Afetos obstáculos compromisso-preocupações na escola** são as atribuições e o compromisso com os estudos que acabam se tornando um obstáculo para uma pessoa que gosta de estudar e disponibilizar o tempo para o estudo. Com a diminuição do tempo, os alunos não conseguem conciliar o estudo com uma vida normal, e se tornam pessoas tristes porque achavam que não podiam, que iam desistir por conta do corpo cansado.

A ideia **71, 77 e 84** são complementares porque **afeto amizade na escola** é uma coisa boa porque é aquele centrado nas **amizades sustentáculo** na escola que são os amigos que estão ali todos os dias com você, são sua família, que cobra e faz você seguir, continuar e não desistir de seus estudos, que te colocam de pé, enxergam tuas lágrimas e te dão forças para prosseguir quando você chega com problemas de casa e com preocupação. Com os amigos da escola a gente convive mais a ponto deles de estarem se tornando parte de nossa família.

As ideias **76 e 86** são complementares porque o **afeto na escola amor** é o amor, o carinho que você precisa e conquista o respeito das pessoas e é

muito bom.

As ideias **82 e 93** são complementares porque o **Afeto aliado colegas na escola** é aquele afeto de querer continuar envolvido, pois mesmo precisando de uma pessoa para te estimular é preciso ter força de vontade, confiar em si mesmo, confiar nos amigos e primeiro acreditar em si mesmo. E as vezes você esquece disso, de que você pode se estimular, pois as vezes a gente fica tão inseguro de si que quer que a gente quer sempre ter aquele amigo próximo, te apoiando e às vezes nossos amigos tem problemas e precisam de apoio e acaba entrando em conflito, então a gente mesmo se estimular é uma coisa boa. (aliado que te despotencializa, portanto ele desconstrói a ideia de **ajuda** – pq aqui a ajuda não ajuda, atrapalha) – ambígua.

As ideias **83, 85 e 89** constituem o **afeto mau olhar pregos da vida** é uma coisa ruim que afeta porque te deixa pra baixo por saber quem não gosta e fala mal de você, são pessoas que te machucam, que tentam te atrapalhar a seguir seu caminho. Este afeto você tem que esquecer, afastar de si e seguir em frente.

As ideias **69 e 88** são complementares **afeto turbulência sala de aula** é o afeto que balança mais quando entra na sala de aula pois é o lugar aonde a gente vai se deparar com os afetos ruins, decepção, tensão por que tem que aprender nem que você não queira tem que ser avaliado, então mesmo esteja com sono e preocupado com a família tem que ter o compromisso, responsabilidade com aquilo que a gente se disponibilizou para fazer, e as pessoas cobram: você não é técnico? Então como é que não sabe? No meio de tudo isso a vontade é de chorar. Então a maior turbulência é estar ali, o professor e você lutando com seu próprio corpo pra aprender com sua mente, então foi muito difícil estabilizar o barco. (sala de aula – micro

IDEIAS DIVERGENTES

A ideia **74** é diferente da **75** porque são duas formas de entender a relação entre confiança e desconfiança nas relações com as pessoas. Na ideia **74 afeto-desconfiança** são afetos ligados às pessoas que se mostram amigas e, ao mesmo tempo, fazem com que você não siga em frente. E na ideia **75** o **[afeto] confiança** é confiar nas pessoas, só que tem pessoas que a gente confia e que, a gente acha que confia na gente, mas ela está desconfiando. Este afeto nos afeta bastante.

A ideia **78** é divergente da **79** porque tratam da comunicação entre as pessoas de modo diferente. Na **78** a comunicação é própria do **afeto educação**, necessária na escola, na família e entre os amigos. E na **79** o **afeto na escola dois barquinhos perto** fala da problemática da falta de comunicação na escola, que as vezes estamos pertos de algumas de pessoas e de outras distantes. Isso pode acontecer pelas escolhas diferentes que fazemos que gera a falta de comunicação.

As ideias **76 e 86** são divergentes da **81** porque entendem a amizade de modo diferente, atitudes de amizade diferente porque nas primeiras ideias a amizade diz respeito a uma atitude que eu devo ter com o outros pois o afeto é o amor, o carinho que você precisa e conquista das pessoas o respeito; e na segunda a amizade é tudo é mais que o amor porque ajudam a superar tudo, embora poucos são amigos. (a atitude é do amigo para comigo porque são poucos o que são super amigos – aquele que me ajuda a supera tudo!

AVALIAÇÃO E OS EFEITOS DA OFICINA

93. Essa oficina nos ajudou a nos encontrar com a gente mesmo, com nossos próprios sentimentos, porque as vezes muita coisa passa despercebida, a gente vai e vem, vai empurrando, às vezes a gente tá triste e nem pensamos nos nossos próprios sentimentos só pra satisfazer outras necessidades e que as vezes nem é tão importante quanto nossos sentimentos que é o que rege a nossa vida (6).

94. Essa viagem que fiz foi muito importante e todo mundo tava precisando fazer essa viagem, refletir o que aconteceu, o que tá acontecendo com a gente, na escola(6).

95. A viagem foi boa, e eu fui um dos que mais andei por aqui e fiquei distante [pois] pra seguir o seu caminho, você às vezes tem que se afastar um pouco, parar, refletir, pensar sobre o que você tá sentindo e com uma pessoa do seu lado você não consegue entrar no seu interior e sentir o que você tá sentindo realmente (6),

CRUZAMENTO DAS IDEIAS

LUGAR DO AFETO NA ESCOLA

96.O laboratório de informática é o lugar dos afetos porque lá eu também passo os melhores momentos do dia, mas também tem os piores, são momentos marcantes, ou é melhor ou é pior (7).

97. Na sala de aula tem companheirismo, amizade, amor dos amigos e daqueles que estão ao teu redor e de todas as pessoas que nos rodeiam no

ambiente da escola (7).

98. Lugares da escola afeto eu não saía dos corredores, da escada, pros outros corredores, pra cantina, pro banco e os meus afetos só estavam nesses lugares (7)

99. Se tivesse que deixar o barquinho na escola, ele ficava na escada (7).

100. O lugar do afeto na escola foi o laboratório de informática, porque é onde a gente passa um bom tempo do dia e a gente tem momentos bons como os jogos a gente se diverte (7).

101. E no laboratório de informática é tristeza quando o João Marcelo chega, ensina programação e tudo o que a gente aprendeu não serve pra matéria dele (7),

CRUZAMENTO DAS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

AS ideias 98 e 99 são complementares porque os **Lugares da escola afeto** são os corredores, a escada, os outros corredores, a cantina, o banco e os meus afetos só estavam nesses lugares e se tivesse que deixar o barquinho do afeto na escola, ele ficava na escada.

IDEIAS DIVERGENTES

As ideias 98 e 99 são divergentes da 97 porque nas primeiras ideias os lugares do afeto na escola são os corredores, a escada, a cantina, o banco, ou seja, lugares fora da sala de aula. E na ideia 97 o lugar do afeto é na sala de aula.

IDEIAS OPOSTAS

As ideias **100** e **101** são opostas porque na ideia **100** o lugar do afeto na escola foi o laboratório de informática é onde a gente passa um bom tempo do dia e a gente tem momentos bons como os jogos a gente se diverte e na ideia **101** é triste porque o que a gente aprendeu não serve.

IDEIA AMBÍGUA

A ideia **96** é ambígua porque o laboratório de informática é o lugar dos afetos onde ao mesmo tempo se passam os melhores momentos do dia e os os piores momentos.

PROBLEMÁTICAS VIVENCIADAS NA ESCOLA

101. Há uma confusão de sentimentos porque às vezes tento lutar comigo mesmo, com meu corpo, com meu conhecimento em relação as matérias principalmente as do técnico [que] é muito puxado [pois]tem certas disciplinas que pegam a gente não tem como correr (8).

102. Me deu vontade de chorar, porque são coisas diferentes [entre o curso médio e o técnico], mas você tem que ser responsável tanto num curso quanto no outro (8).

103. No ensino médio tem um único exame que vai avaliar não só o ensino médio, mas tua vida inteira, desde teu maternal ate numa sequencia de aprendizado, porque é um ponto X que vai te avaliar e é uma responsabilidade muito grande

104.Com relação ao técnico em informática , enfermagem ou agropecuária mesmo que não exerçam ,tem que saber algo, porque quando a gente sair daqui com um diploma de técnico é outra responsabilidade (8)

105.Comparando os [cursos] técnicos, [por exemplo], [o] técnico em enfermagem tem muita teoria, enquanto que o técnico em agropecuária e informática tem muita prática mais do que a gente, não fica na sala de aula constantemente (8).

106.Esse ano está sobrecarregado [e] a gente fica totalmente perdido quando se depara em ter que entrar numa sala de aula até dia de sábado, até o fim do ano, e saber que você vai ter que entrar numa sala e da hora que você chega até a hora que você sai só olhando slide, eu chego em casa totalmente sobrecarregada e ainda tenho que me deparar com cadernos e livros pra fazer tarefa,pra estudar porque na sala de tanto slide, no final não dá pra perceber mais nada, não consegue conciliar o pensamento, aí você tem que estudar tudo de novo (8)

107.Então no nosso curso [de enfermagem] essa questão de ter pouca aula prática e ir direto pros estágios , isso acarreta um pouco a gente,saber que não vamos ter férias como a gente queria, que a gente vai ter que ir para o hospital nas férias, que o tempo que a gente tinha pra estudar pro vestibular nas férias vamos ter que está nos estágios, então meu deus no final do ano vai ser o quê?Eu vou passar ou não?Então é um ano de

suspense, é um ano de insegurança (8)

108. Esse ano tá sendo um ano de luta e esse 3º ano é ano decisivo, então técnico e médio a gente tá numa coisa que a gente gosta, porque na nossa sala a maioria gosta do técnico (enfermagem), que é difícil, mas a gente gosta e vai levar pro resto da vida e os problemas vão desaparecer um dia, [e] fica o conhecimento pra vida toda, o técnico me afeta positivamente (8).

109. Você chega aqui na escola triste, amanhã você já tá feliz então a gente tá mudando muito de sentimento, tá nervoso no dia das provas, e quando passa a prova já tá feliz (8).

110. A prática [no ensino técnico comprova] o que você tá aprendendo, mostra o que você aprendeu na teoria, tá servindo para alguma coisa, porque se você for exercer sua profissão você já tá sabendo, porque na sua prática você adquire confiança de certa forma (8).

111. Estamos no meio do semestre, daqui a pouco chega outubro e o ENEM esse ano é diferente [do ano passado que fiz tranquila], porque pensa será que vou passar, se vou conseguir, o que tô aprendendo vou utilizar em alguma coisa, então tá todo mundo com medo esse ano. (8)

112. O ensino médio é diferente do técnico, são duas coisas diferentes, porque o médio você vai ter que concluir pra poder entrar no ensino superior tem que aprender as coisas básicas pra entrar numa universidade e seguir o curso que você vai querer no técnico é diferente é uma coisa a mais que você vai ter, é um acréscimo em seu currículo, porque quando sair daqui já vou ser um técnico em informática um profissional ter meu emprego (8).

113. Eu quero pra minha vida muito mais, isso é apenas o começo, os primeiros degraus que estou subindo pra chegar no lugar mais alto onde eu conseguir o técnico em informática vai me ajudar vou conseguir ir muito mais longe do que se eu tivesse apenas o médio (8)

114. A gente se afeta mais [na escola] é com os professores é divididos [porque são dois convívios diferentes], no ensino médio tem mais gente, mais amigos, mais professores, mais dificuldades, além de [ter] matérias, e no técnico é legal

115. São duas coisas diferentes [o ensino médio e o técnico] eu que faço o técnico em enfermagem o que afeta é o [afeto] responsabilidade [que] cada um leva ao saber que quando terminar vai exercer uma profissão e ser responsável por aquilo que você exerce (8),

116. Os professores gostam de brincar dizendo que a gente tem que amadurecer aí eu disse, pros professores que quando eu terminar o curso eu vou estar podre (8)

117. A gente brinca, mas sabe que é necessário, porque vamos estar com vidas nas nossas mãos o que você faz não tem como consertar, então a responsabilidade [com a profissão no ensino técnico] afeta muito a gente (8),

118. No ensino médio [o afeto responsabilidade] afeta também porque é o ano decisivo, e se o ano acabar e não fez nada não vai fazer mais (8)

119. Com todas essas responsabilidades a gente vai descarregando nos CORREDORES escada (8),

120. 120. Na **sala de aula turbulência** é o lugar da escola aonde mais te afeta porque você está com o professor naquele meio.

121. Com relação às práticas no técnico em enfermagem era uma ansiedade quando chegava a hora de ir para o hospital a gente [ficava] com medo do novo de como será lá dentro (8),

122. No técnico os melhores momentos que temos são as aulas práticas, ou momento diversão, *o que tira o estresse do ensino médio é a aula prática*, então as práticas do técnico é que me afetam. As aulas teóricas para o técnico são chatas, já bastam as teorias do ensino médio (8)

123. na sala do técnico em agropecuária o que mais eu gostava eram as práticas nossa sala era dividida no ensino médio, no técnico [que] juntava tudo, as duas turmas ensino médio e técnico e ficava com mais de 50 alunos, mas a turma era muito boa, gostava muito das visitas na fazenda, a outra escola... (8)

124 O ensino técnica é legal porque tem pessoas no técnico que faz o que gosta, mas tem pessoas que não e isso atrapalha porque você tá fazendo

sem querer, obrigado por sua família, isso não é legal, porque tá te atrapalhando, atrapalhando as outras pessoas, porque deveria tá fazendo uma coisa que gosta, com toda dedicação isso afeta negativamente porque tá perdendo tempo da sua vida com uma coisa que você não vai usar pra nada na sua vida (8),

CRUZAMENTO DE IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

102, 103 e 104 são complementares “O curso médio e o técnico são coisas diferentes, mas você tem que ser responsável tanto num curso quanto no outro e isso me deu vontade de chorar. No ensino médio o afeto responsabilidade afeta também porque é o ano decisivo, e se o ano acabar e não fez nada não vai fazer mais porquê tem um único exame que vai avaliar não só o ensino médio, mas tua vida inteira, desde teu maternal ate numa sequencia de aprendizado, porque é um ponto X que vai te avaliar e é uma responsabilidade muito grande Com relação ao técnico em informática , enfermagem ou agropecuária mesmo que não exerçam ,tem que saber algo, porque quando a gente sair daqui com um diploma de técnico é outra responsabilidade. Com todas essas responsabilidades a gente vai descarregando nos CORREDORES, na escada.

102, 103 e 104 são ideias diferentes das ideias **115 e 117** porque nas primeiras ideias mostram que apesar dos cursos serem diferentes, os dois (ensino médio e técnico) exigem o afeto responsabilidade. Já nas ideias **115 e 117 afeto responsabilidade** é no ensino técnico de enfermagem, pois a responsabilidade de saber que quando terminar vai exercer uma profissão e ser responsável por ela, assim a gente brinca, mas sabe que é necessário as aulas teóricas, porque vamos estar com vidas nas nossas mãos o que você faz não tem como consertar, então a responsabilidade com a profissão no ensino técnico afeta muito a gente

A gente se afeta mais [na escola] é com os professores é divididos [porque são dois convívios diferentes], no ensino médio tem mais gente, mais amigos, mais professores, mais dificuldades, porque além de [ter] matérias, e no técnico é legal porque você tá fazendo o que você gosta

[embora] tem pessoas que faz, mas não gosta.

IDEIAS DIVERGENTES

As ideias 107 e 121 são diferentes porque na 107 fala das aulas práticas no curso de enfermagem não existirem e irem direto para os estágios que acontecem nas férias e que isso acarreta porque tiram tempo que a gente tinha pra estudar pro vestibular nas férias vamos ter que está nos estágios, então meu deus no final do ano vai ser o quê? Eu vou passar ou não? Então é um ano de suspense, é um ano de insegurança e na ideia 121 é bem diferente porque fala é da ansiedade que as práticas no técnico em enfermagem gera e quando chega a hora de ir para o hospital a gente [ficava] com medo do novo de como será lá dentro.

A ideia **122** mostra que **aulas práticas momento de diversão** são as aulas práticas do técnico que tiram o estresse do ensino médio e são elas que afetam porque são divertidas e as aulas teóricas do técnico são chatas como as do Ensino Médio. As ideias **117** e **115** são diferentes da 122 porque falam que o **afeto responsabilidade** é a responsabilidade de saber que quando terminar vai exercer uma profissão e ser responsável por ela, assim a gente brinca, mas sabe que é necessário as aulas teóricas, porque vamos estar com vidas nas nossas mãos o que você faz não tem como consertar, então a responsabilidade com a profissão no ensino técnico afeta muito a gente

IDEIAS OPOSTAS

As ideias são opostas entre a 110 e a 122 porque na ideia 110 a prática é aliada a teoria porque no ensino técnico a prática comprova o que você tá aprendendo, mostra o que você aprendeu na teoria, tá servindo para alguma coisa, porque se você for exercer sua profissão você já tá sabendo, porque na sua prática você adquire confiança de certa forma. Entretanto, na 122 a ideia é oposta porque as pessoas consideram a teoria algo chato que não deveriam existir pois são as aulas as mais divertidas, os melhores momentos que temos, u momento diversão, *o que tira o estresse do ensino médio é a aula prática*, então as práticas do técnico é que me afetam. As

aulas teóricas para o técnico são chatas, já bastam as teorias do ensino médio.

IDEIA AMBÍGUA

A ideia 124 é ambígua porque o ensino técnico pode ser legal e não legal ao mesmo tempo. É legal quando a pessoa faz o que gosta e não é legal quando não gosta porque você tá fazendo sem querer, obrigado por sua família, e isso te atrapalha e a outras pessoas, porque deveria tá fazendo uma coisa que gosta, com toda dedicação isso afeta negativamente porque tá perdendo tempo da sua vida com uma coisa que você não vai usar pra nada na sua vida (8),

APÊNDICE B

TECNICA:

ANÁLISE CLASSIFICATÓRIA DOS RELATOS ORAIS

Procedimentos: selecionei as frases sublinhando-as com cores diferentes, buscando as categorias-chave que atravessam o pensamento do grupo e se repetem para além do próprio tema.

CO-PESQUISADORES/NOME DA ESCULTURA	RELATO ORAL DAS PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA E DO GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA
<p>CO-PESQUISADORES: Bianca, Laurinda e Gabriela</p> <p>“ESCULTURA SOLIDARIEDADE”</p>	<p>PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA E FALARAM DELA: Walquiria, Tatiane e Andressa</p> <p>A gente assemelhou a uma panela, a solidariedade, então como (é aquele afeto que a) a gente vivencia o dia todo, a gente vive a solidariedade um com o outro, aprende a compartilhar, a ajudar, dividir e amar (1). Quando fala em solidariedade [é aquele afeto que] a gente pensa logo em dividir. Em dividir com o outro, dar um pouco de si para o outro, dividir algo que às vezes a pessoa tá precisando e é algo que você tem e sabe que se doar não vai faltar pra você (1). Então é questão de solidariedade mesmo. Nem todo mundo é solidário, mas não tem essa pessoa que mesmo chegando na escola não consiga ser solidário (2). Então o ambiente escolar nos proporciona muita coisa e uma delas é aprender a conviver com determinados tipos de sentimentos(2).</p> <p>GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA</p> <p>Ao pegar na argila, eu voltei aos velhos tempos, brinquei um pouco, porque há muito tempo não brincava disso, brincar pra (de) modelar, fazer boneco, sei lá, eu voltei ao passado(3). A gente fez a escultura (afeto) da panela, aí a gente lembrou, assim, (é o afeto) de compartilhar um com o outro (1). A gente foi afundando, abrindo a argila. E aqui todo mundo (pensando) pensou diferente(4), eu queria fazer um boneco. Eu também. E acabou que eu peguei um pedaço e vi que as duas tavam fazendo uma coisa só, aí a</p>

gente juntou de novo e aí pegamos, modelamos e saiu a panela(4). Senti a mesma coisa da Andressa quando disse pra quebrar a argila, era jogar fora os sentimentos ruins, as raivas, tudo o que a gente passa por aqui, o estresse(3). Principalmente o estresse, ta todo mundo muito estressado durante o dia, aí quando eu despedacei a argila... Dá vontade de destruir!(3) Ao despedaçar (a argila), pra mim foi assim, como se fosse as brigas, me separar (separassem) dos amigos (3), e na hora de juntar foi como se fizesse as pazes novamente e ficasse tudo normal (3). Solidariedade com afeto tem a ver com certeza, porque assim, tem algumas pessoas que não são tão amigas, tão próximas, mas tem uma hora que um vai ter que ajudar a outra, vai precisar, vai ser fases que a gente vai passar numa sala de aula (2), porque a gente convive com algumas pessoas, tipo, numa sala (com) ter 34 alunos, claro que você (e) não vai ficar convivendo todo dia com todo mundo, falando com todo mundo, aí as vezes vai ter uma hora que algumas partes tem que se juntar, pra ajudar o outro, aí isso afeta(2), solidariedade é, em querer ajudar o outro, um precisar do outro, o outro pedir ajuda ou então alguém vê outra pessoa tá precisando e se disponibiliza pra ajudar(1). Então o afeto e a solidariedade é compartilhar, doar(1). No toque das mãos primeiro eu senti a Bianca, aí prestei atenção e conheci a Gabby, aí a gente começou (a escultura) (4). No despedaçar (da argila), pensei no estresse, na falta de tempo, que as vezes a gente quer(er) fazer algo que não pode, aí a gente só pensou em coisas ruins(3), aí quando foi pra juntar, foi o momento de relaxar, de brincar, de pensar em ser criança de novo, esquecer responsabilidades, esquecer escola, aquele momento em que a gente precisa ficar órfão de tudo, parar de pensar(3).

<p>CO-PESQUISADORES: Walquiria, Tatiane e Andressa “ESCULTURA DO AMOR”</p>	<p>RELATO DE PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA E FALARAM DELA: Emerson e Brenda</p> <p>Essa escultura tem relação muito grande com afeto, porque eles fizeram um coração que trata de amor que é fundamental para o afeto(5). (afeto coração é) Uma coisa muito linda que lhe ajuda na sua vida porque não só amor assim entre um homem e uma mulher, mas amor de amigo, amor de irmão(1). (amor de amigo-irmão) é esse amor que é o que lhe afeta, que lhe faz seguir em frente, lhe faz feliz. E (por)que dá confiança, que sem amor a gente não tem a confiança pra formar uma escultura como essa com os olhos vendados (1). Só o amor mesmo.</p> <p>GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA</p> <p>Quando comecei a pegar na argila achei estranho(3). Depois, pensei: Oba, vamos brincar de argila!(3) Aí de repente mandou quebrar. Quando comecei a quebrar foi como se estivesse jogando fora todos os meus sentimentos ruins que já vivenciei e vivi aqui na escola(3), e quando comecei a destruir me senti mais leve(3). Aí depois mandou unir (a argila), aí pensei: agora vou unir só as coisas boas, destruir as ruins que eu quebrei eu vou deixar pra lá, só vou unir sentimentos bons(3). E aí comecei a formar e juntei. Juntamos, aí começamos a agir em grupo, todas nós sem saber com quem a gente tava(4), começamos a unir a argila, aí deixamos tudo pronto, aí a gente tinha que fazer um objeto(4), aí eu pensei no coração, então vou começar a fazer o coração aí elas também pensaram da mesma forma, aí a gente, eu, tentava fazer o coração assim, aí a Walkiria vinha e fazia assim, aí a Tati me ajudava assim. O interessante é que (e) saiu assim, perfeito, mas não foi porque a gente combinou, mas porque realmente</p>
---	---

cada uma pensou no coração(4), e o interessante é que a Andressa fazia assim do lado dela, eu fazia pro meu e a Tati pro dela e assim ia sair um coração pra três lugares(4). (CORAÇÃO TRES LUGARES. O QUE É ISSO?) E aí quando eu vi que tava tendo duas pontas, vai terminar que não vai sair nada, aí eu peguei a mão da Walkiria e passei, mostrando pra ela que eu tava querendo fazer um coração, aí peguei a mão da Tati e fiz a mesma coisa, aí eu acho que elas perceberam que nós estávamos tentando fazer a mesma coisa, só que tava tendo duas pontas. Aí a gente foi e começou a fazer, e a partir do momento que a gente passou a fazer o coração a gente foi só ajustando(4). E assim, como a gente convive há muito tempo juntas, passa o dia praticamente juntas, a amizade que a gente já tem uma com a outra se resume nisso, no AMOR, que é o nome da nossa escultura(6). O interessante é que a gente pensou, ambas pensamos a mesma coisa, (um coração) e isso é muito, se você pensar por um lado, isso é difícil acontecer, mas por a nossa amizade ser há muito tempo e é uma amizade verdadeira, tudo a gente compartilha(6), a gente pensou num coração e todo mundo queria fazer pra um lado, e aí teve um momento que eu comecei a fazer pro lado da Andressa, e a Walkiria continuou fazendo do lado dela, aí a Andressa sem ainda saber quem era pegou nossas mãos e aí foi mostrando o formato, tipo assim, pra dar um alerta (4) , que a gente ia por aqui. E isso é questão de amizade companheirismo, porque se a pessoa não se preocupasse com você ela não ia se importar em fazer isso contigo, então essa foi a parte que eu achei mais importante (no modo de fazer a escultura foi a), de Andressa pegar nossas mãos e fazer isso aí e eu me senti muito especial (3). Porque a gente tá vendo que é um amigo, como se fosse assim, a gente tá percebendo que ele não tá fazendo a coisa certa, a gente tem que ir lá, levar e mostrar o caminho certo. Por isso que o nome da nossa escultura é o “AMOR”,

não só o amor de homem pra mulher, mas o amor entre amizade mesmo, de você cuidar, de se preocupar(6). Então a gente percebeu assim, que eu também fiquei igual a Tati, admirada por nós três termos pensado a mesma coisa e por a gente termos solidariedade depois, e a Andressa ter ido mostrar que a gente fez um coração e é o que acontece no nosso dia-a-dia que a gente ta vivendo. E aí uma cai, a outra vai e levanta, uma ta precisando a outra vai e ajuda, uma ta caminhando de um jeito errado a outra vai e mostra o jeito certo, então é esse o amor aqui que a gente construiu bem no momento escolar, fora de casa, e que a gente vivencia todos os dias (2). Descobri o que não sabia e o tanto de afinidade que tenho com elas(3). E (com a técnica a) gente teve essa oportunidade de sentir o que a outra sente por você o que você sente por ela, que a outra pensa como você e que a gente convive tudo, mas cada uma tem sua vida e a gente nunca teve essa oportunidade de juntar tudo e fazer uma coisa como essa e depois tirar a venda e olhar: nossa foi a gente quem fez\, sem saber quem era! Foi muito bom. É uma obra, porque a gente conseguiu sem saber quem era(3). No começo senti dificuldade. A princípio sim, mas depois que a gente começou a agir deu tudo certo (4). Quando pediram pra quebrar, de certa forma foi a oportunidade de materializar as coisas ruins que a gente sentia por dentro, que as vezes você fica com aperto no coração e não tem como você expressar e aqui você foi espontâneo, você foi trazendo aquilo que você ia imaginando, ia sentindo(3), foi uma forma de materializar aquilo. Me senti bem! Quando disse quebrar, foi separar as coisas, é como você tivesse sempre esse sentimento e você retirasse dele só os ruins(3), e na hora de unir, unia só os bons, foi isso que eu senti(3). Foi como se estivesse expulsado tudo aquilo que tava preso dentro de mim, que me machucava, e me fez super bem(3). Os afetos ruins a gente vai controlando eles, deixando de usar

	<p>por um bom tempo, a gente vai controlando, você vai evitando a cada dia sentir raiva, você vai evitar com tanta frequência, talvez a ansiedade, as preocupações (2), a cada dia ao você se levantar você diz: hoje vou ficar menos preocupada, amanhã vou ser menos preocupada! Aí você vai levantar e não vai ter tanta preocupação, porque você deixou de lado, aí vai chegar o dia em que você perdeu totalmente (2). E a nossa vida a cada dia ta se enchendo de sentimentos bons, então a medida que os bons entram os maus saem, não tem como, a pessoa se sentir bem e pensar alguma coisa ruim, não tem espaço pra esse sentimento ruim e ocupar o lugar dos sentimentos bons(2). E é assim que a gente tem vivido por causa que a gente ta passando por um momento bem complicado, a gente se une ao máximo, então a medida que se une tudo que há de ruim a gente esquece, só nos resta coisas boas (2) e pra esquecer esses afetos ruins no dia-a-dia, só com os momentos de amizade, quando a gente lembra das besteiras que a gente ri das coisas que a gente compartilha, que seu colega confia em você e você nele, você esquece totalmente do que tem lá fora, das coisas que estão lá fora, não tem como lembrar porque você que tem coisas boas e que não tem espaço pras coisas ruins(2). Acho que tudo se resume na AMIZADE, independente de ser sentimento ruim ou bom, porque quando a gente ta com sentimento ruim, se a gente começa a conversar com os amigos, a gente termina deixando os sentimentos ruins de lado e ficam só os sentimentos bons(2).</p>
<p>CO-PESQUISADORES: Emerson, Alan e Brenda “ESCULTURA UNION”</p>	<p>PESSOAS QUE NÃO FIZERAM A ESCULTURA E FALARAM DELA: Laurinda, Gabriela, Bianca</p> <p>– Acho que (afeto Union) é um nome estrangeiro, isso representa a união, elas (para falar de pessoas que) precisam ser mais unidas, formar uma coisa em conjunto(1). (afeto union) É como se fosse a</p>

escola e a gente tivesse dentro (porque), tipo assim. A gente precisa se aproximar mais, formar a união das pessoas, tipo, não só formar círculos de amizade que realmente eu preciso, mas de outras pessoas também de outras salas, que vieram de fora (2) né, porque o Colégio Agrícola tem muita gente de outros lugares, aí é bom a gente se conhecer, se unir mais, unir ao que ta ao redor, que mora em cidades vizinhas e (o afeto Union) isso une as pessoas(2). (afeto Union) tem o lance da comunicação pra aproximar, pra afinidade, conhecer o mundo melhor(2).

GRUPO QUE FEZ A ESCULTURA

Essa oficina foi muito legal porque nos dividimos em grupos de três pessoas e você teve que fazer uma coisa junto, com as pessoas, e isso mostra que você sozinho pode até fazer, só não seria tão legal e tão fácil como fazer com seus amigos (3). (Esta técnica) Isso mostra que a união entre as pessoas é necessária, você precisa de outras pessoas pra seguir em frente, pra fazer as coisas que você necessita(3), e a união (de amigos) é uma coisa muito linda. A união de amigos. A união tem alguma coisa a ver com afeto porque a união você está entre pessoas, você vive numa sociedade e a sociedade é um conjunto de pessoas(1) e a união afeta você positivamente, porque você está ao lado de pessoas que você gosta, de amigos, então é muito bom(2). Quando você falou para quebrar (a argila) tudo, a imagem que veio na cabeça foi (a de brigas) você brigando com uma pessoa, uma desavença com o professor(3) as vezes. Ai você reflete e pensa nisso. Eu, particularmente, quando falou quebrar, como tudo ta envolvendo a escola, meu pensamento foi nessa coisa, aí na escola(3) quando você falou em juntar, junta tudo, aí veio aquela coisa toda com os amigos(3), aí foi essa coisa bem bacana. O interessante foi que quando a gente começou, que não sabia com quem tava, eu só sabia por causa da voz (e) o

Emerson disse que me conheceu por causa dos meus dedos(3) (Kátia, o conhecimento pelos sentidos – da voz – audição e dos dedos – o tato – no livro Roxo que a gente com o corpo todo, todos os sentidos), não sei porque (risos). Mas, assim, é interessante a gente construir uma coisa que to vendo agora e que é muito belo e foi eu que fiz, e sei lá, a gente não tinha visto, era pra ter feito tudo. E a gente não podia nem falar (4), (INTERESSANTE A GENTE CONSTRUIR UMA COISA QUE TO VENDO AGORA QUE EU FIZ E A GENTE NÃO TINHA VISTO E NEM PODIA FALAR E QUE É MUITO BELO(4) mas mesmo quando você despedaçava, era justamente, eu acho, que quando despedaça é quando você se separa, assim quando você se separa de tudo e tem desunião, briga (3) e quando você junta, acho que é justamente a união(3), que é, sei lá, quando a gente fez essa escultura a gente viu a confiança no outro, o amor, a solidariedade, acho que as três, elas se juntam, as três esculturas numa só(3). Foi uma coisa, assim, boa, porque todo mundo já é amigo e nunca teve uma aproximação pra gente fazer um objeto, a escultura une (3). Vocês sentiram dificuldades? As mãos. De que jeito que uma mão lava a outra, o que um não conseguia imaginar, o outro vinha e completava (4). Não conseguia estar aperfeiçoando, vinha o outro aperfeiçoar as mãos, ideias e pensamentos diferentes(4). Quando um fazia uma coisa vinha o outro querendo, então pra gente poder ver e reunir numa escultura só a gente teve que recuar numas partes, ele teve que fazer outras, até que construímos essa escultura(4). Isso mostra que na escola, o afeto, cada um tem seu lugar e cada um tem seu papel fundamental na formação de um todo certo(2). Então se eu não tivesse com eles aqui, não teria saído isso certo, isso mostra o quanto é legal você estar com seus amigos, o tanto que você precisa do outro pra chegar num determinado lugar(2). Quando comecei pensei que

	<p>fosse fazer uma árvore, uma torre, e de repente um botou o dedo assim, e afundou, oxente, agora vamos fazer um vulcão(3). Um vulcão, um jarro, e vou botar aqui a flor(4). Porque mesmo “UNION”? A gente queria botar “união”, mas como é escultura pensamos em mudar botar uma coisa assim mais... um nome próprio. E foi assim que ficou: afeto UNION (6).</p>
--	---

PROCEDIMENTOS DESTE MOMENTO: A partir do agrupamento das ideias nas categorias o cruzamento entre estas ideias, estabelecendo relações de convergências, divergências, oposições e até de paradoxos/ambiguidades que possam existir entre eles.

<p>CONCEITOS DE AFETOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. panela solidariedade é aquele afeto que a gente vivencia o dia todo um com o outro, aprende a compartilhar, a ajudar, dividir e amar (1). 2. solidariedade é aquele afeto que a gente pensa logo em dividir com o outro, dar um pouco de si para o outro, algo que às vezes a pessoa tá precisando que você tem e sabe que se doar não vai faltar pra você (1). 3. escultura afeto da panela é o afeto de compartilhar um com o outro (1) 4. solidariedade é querer ajudar o outro, um precisar do outro, o outro pedir ajuda ou então alguém vê outra pessoa tá precisando e se disponibiliza pra ajudar(1) 5. o afeto e a solidariedade é compartilhar, doar(1). 6. afeto coração é uma coisa muito linda que lhe ajuda na vida não só o amor entre um homem e uma mulher, mas amor de amigo, amor de irmão(1). 7. amor de amigo-irmão é esse amor que é o que lhe afeta, que lhe faz seguir em frente, lhe faz feliz. porque dá confiança, pra formar uma escultura como essa com os olhos vendados (1). 8. afeto Union é um nome estrangeiro, para falar de pessoas que precisam ser mais unidas, formar uma coisa em conjunto(1). 9. a união de amigos é uma coisa muito linda porque a união você está entre pessoas, você vive numa sociedade e a sociedade é um conjunto de pessoas(1)
<p>CRUZAMENTO DAS IDEIAS</p> <p>IDEIAS COMPLEMENTARES</p> <p>1, 3, 4 e 5 são complementares Afeto da panela solidariedade é aquele afeto que a gente vivencia o dia todo um com o outro, aprende a compartilhar um com o outro, a ajudar, dividir e amar. É querer ajudar o outro, um precisar do outro, o outro pedir ajuda ou então alguém vê outra pessoa tá precisando e se disponibiliza pra ajudar. O afeto e a solidariedade é compartilhar, doar.</p> <p>6 e 7 são complementares afeto coração amor de amigo-irmão é uma coisa muito linda que lhe ajuda na vida não só o amor entre um homem e uma mulher, mas amor de amigo, amor de irmão que é o que lhe afeta, que lhe faz seguir em frente, lhe faz feliz, porque dá confiança até com os olhos vendados.</p> <p>IDEIAS DIVERGENTES</p> <p>1, 3, 4 e 5 são divergentes da 2 porque pensam a solidariedade de modo diferentes pois na 2 a solidariedade acontece desde que não vá faltar a quem compartilha com o outro o pouco de si.</p>

6 e 7 são divergentes da **9** porque os afetos são lindos por motivos diferentes nas primeiras o afeto é próximo e na ideia 9 o afeto é generalizador, a saber: nas ideias **6 e 7** o afeto coração amor de irmão é uma coisa linda por que lhe ajuda na vida, lhe faz seguir em frente e faz feliz, dá confiança de fazer as coisas. E na **9** o afeto união de amigos também é uma coisa muito linda porque a união está entre pessoas que vivem numa sociedade.

AFETOS OU SENTIMENTOS PRESENTES NO DIA A DIA DOS JOVENS

10. todo mundo é solidário, mas não tem essa pessoa que mesmo chegando na escola não consiga ser solidário (2).

11. o ambiente escolar nos proporciona muita coisa e uma delas é aprender a conviver com determinados tipos de sentimentos(2).

12. Solidariedade afeto tem a ver com algumas pessoas que não são tão amigas, tão próximas, mas uma hora um vai ter que ajudar a outra numa sala de aula (2)

13. A gente convive numa sala com 34 alunos, e não vai ficar convivendo todo dia com todo mundo, falando com todo mundo, vai ter uma hora que algumas partes tem que se juntar, pra ajudar o outro, aí isso afeta(2),

14. Fiquei admirada por termos pensado a mesma coisa e por termos solidariedade coração e é o que acontece no nosso dia-a-dia, uma cai, a outra vai e levanta, uma ta precisando a outra vai e ajuda, uma ta caminhando de um jeito errado a outra vai e mostra o jeito certo, então é esse o amor que a gente construiu no momento escolar, e vivencia todos os dias (2).

15. Os afetos ruins a gente vai controlando deixando de usar por um bom tempo, vai evitando a cada dia sentir raiva, ansiedade, preocupações (2),

16. A cada dia ao levantar você diz: hoje vou ficar menos preocupada, amanhã vou ser menos preocupada! Aí você vai levantar e não vai ter tanta preocupação, porque você deixou de lado, aí vai chegar o dia em que você perdeu totalmente a preocupação.

17. A nossa vida a cada dia ta se enchendo de sentimentos bons, então a medida que os bons entram os maus saem, não tem como, a pessoa se sentir bem e pensar alguma coisa ruim, não tem espaço pra esse sentimento ruim ocupar o lugar dos sentimentos bons(2).

18. E é assim que a gente tem vivido por causa que a gente ta passando por um momento bem complicado, a gente se une ao máximo, então a medida que se une tudo que há de ruim a gente esquece, só nos resta coisas boas (2)

19. pra esquecer esses afetos ruins no dia-a-dia, só com os momentos de amizade, quando a gente lembra das besteiras que a gente ri das coisas que a gente compartilha, que seu colega confia em você e você nele, você esquece totalmente do que tem lá fora, das coisas que estão lá fora, não tem como lembrar porque você que tem coisas boas e que não tem espaço para as coisas ruins(2).

20. tudo se resume na AMIZADE, independente de ser sentimento ruim ou bom, porque quando a gente ta com sentimento ruim, se a gente começa a conversar com os amigos, a gente termina deixando os sentimentos ruins de

lado e ficam só os) sentimentos bons(2).

21. afeto union é como se fosse a escola e a gente tivesse dentro porque a gente precisa se aproximar mais, formar a união das pessoas, não só formar círculos de amizade mas de outras pessoas também de outras salas, de fora (2

22. o Colégio Agrícola tem muita gente de outros lugares, aí é bom a gente se conhecer, se unir mais, ao que ta ao redor, que mora em cidades vizinhas e (o afeto Union) une as pessoas(2

23. (afeto Union) tem o lance da comunicação pra aproximar, pra afinidade, conhecer o mundo melhor(2).

24. a união afeta você positivamente, porque você está ao lado de pessoas que você gosta, de amigos, então é muito bom(2).

25. Isso mostra que na escola, o afeto, cada um tem seu lugar e cada um tem seu papel fundamental na formação de um todo certo(2

26. se eu não tivesse com eles aqui, não teria saído isso certo, isso mostra o quanto é legal você estar com seus amigos, o tanto que você precisa do outro pra chegar num determinado lugar(2).

CRUZAMENTO DE IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

10 e 12 são complementares **Solidariedade afeto** tem a ver com algumas pessoas que não são tão amigas, tão próximas, mas uma hora uma vai ter que ajudar a outra numa sala de aula porque todo mundo é solidário, não tem essa pessoa que mesmo chegando na escola não consiga ser solidário

13 e 14 são ideias complementares pois a gente convive numa sala com 34 alunos, e não vai ficar convivendo todo dia com todo mundo, falando com todo mundo, vai ter uma hora que algumas partes tem que se juntar, pra ajudar o outro, aí isso afeta por termos solidariedade coração que acontece no nosso dia-a-dia, uma cai, a outra vai e levanta, uma ta precisando a outra vai e ajuda, uma ta caminhando de um jeito errado a outra vai e mostra o jeito certo, então é esse o amor que a gente construiu no momento escolar, e vivencia todos os dias.

15, 17 e 18 são ideias complementares porque a nossa vida a cada dia ta se enchendo de sentimentos bons, então a medida que os bons entram os maus saem, não tem como, a pessoa se sentir bem e pensar alguma coisa ruim, não tem espaço pra esse sentimento ruim ocupar o lugar dos sentimentos bons, pois os afetos ruins a gente vai controlando deixando de usar por um bom tempo, vai evitando a cada dia sentir raiva, ansiedade, preocupações. E é assim que a gente tem vivido por causa que a gente ta passando por um momento bem complicado, a gente se une ao máximo, então a medida que se une tudo que há de ruim a gente esquece, só nos resta coisas boas.

19 e 20 são complementares porque para esquecer esses afetos ruins no dia-a-dia, só com os momentos de amizade, quando a gente lembra das besteiras que a gente ri das coisas que a gente compartilha, que seu colega confia em

you e you nele, you esquece totalmente do que tem lá fora, das coisas que estão lá fora, não tem como lembrar porque you que tem coisas boas e que não tem espaço para as coisas ruins. Enfim, tudo se resume na AMIZADE, independente de ser sentimento ruim ou bom, porque quando a gente ta com sentimento ruim, se a gente começa a conversar com os amigos, a gente termina deixando os sentimentos ruins de lado e ficam são os) sentimentos bons.

21 e 22 são completares porque o **afeto union escola**  o afeto em que a gente está dentro porque a gente precisa se aproximar mais, formar a união das pessoas, não são formar círculos de amizade mas de outras pessoas também de outras salas, de fora porque o Colégio Agrícola tem muita gente de outros lugares, aí é bom a gente se conhecer, se unir mais, ao que ta ao redor, que mora em cidades vizinhas e o afeto Union une as pessoas.

As ideias **24 e 26** são complementares porque a união afeta you positivamente, porque you está ao lado de pessoas que you gosta, de amigos, então é muito bom e se eu não tivesse com eles aqui, não teria saído isso certo, isso mostra o quanto  legal you estar com seus amigos, o tanto que you precisa do outro pra chegar num determinado lugar.

SENTIDOS ATRIBUÍDOS A TÉCNICA DA ARGILA

CRUZAMENTO DE IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

28, 32, 35, 41 e 42 são complementares porque no despedaçar da argila, pensei no estresse, na falta de tempo, que as vezes a gente quer fazer algo que não pode, aí a gente são pensou em coisas ruins, em jogá-las fora, como as raivas, tudo o que a gente passa, todos os sentimentos ruins que vivenciei e vivi na escola, o estresse. Por isso, quando pediram pra quebrar a argila, foi a oportunidade de materializar as coisas ruins que a gente sentia por dentro, que s vezes fica com aperto no corao e não tem como expressar e aqui foi espontâneo, you foi trazendo aquilo que you ia imaginando, ia sentindo, separando as coisas, é como you tivesse esse sentimento amor e retirasse dele são os ruins.

As ideias **27 e 33** são complementares, pois ao pegar na argila, voltei aos velhos tempos, brinquei um pouco, porque há muito tempo não brincava de modelar, fazer boneco, voltei ao passado e quando foi pra juntar, foi o momento de relaxar, de brincar, de pensar em ser criança de novo, esquecer responsabilidades, esquecer escola, aquele momento em que a gente precisa ficar órfão de tudo, parar de pensar.

As ideias **38 e 50** são complementares porque o interessante desta técnica foi quando a gente começou, que não sabia com quem tava, eu são sabia da voz e o Emerson me conheceu por causa dos meus dedos. E isso  amizade companheirismo, porque se a pessoa não se preocupasse com you ela não

ia se importar em fazer isso contigo, então a parte que eu achei mais importante no modo de fazer a escultura foi a Andressa pegar nossas mãos e fazer isso aí e eu me senti muito especial.

39 e 40 são complementares Com a técnica descobri o que não sabia e o tanto de afinidade que tenho com elas, assim a gente teve oportunidade de sentir o que a outra sente por você e o que você sente por ela, que a outra pensa como você e que a gente convive tudo, mas cada uma tem sua vida e a gente nunca teve essa oportunidade de juntar tudo e fazer uma coisa como essa e depois tirar a venda e olhar: nossa foi a gente quem fez, uma obra, sem saber quem era.

45 e 46 Essa oficina foi muito legal porque nos dividimos em grupos de três pessoas e teve que fazer uma coisa junto, com as pessoas, e isso mostra que você sozinho pode até fazer, só não seria tão legal e tão fácil como fazer com amigos. Esta técnica mostra que a união entre as pessoas é necessária, pra seguir em frente, pra fazer as coisas que você necessita.

A ideia **49** é complementar a **52** porque quando falou em juntar veio aquela coisa toda com os amigos e acho que é justamente a união.

47 e 48 são complementares porque quando você falou para quebrar a argila o meu pensamento foi na escola e a imagem que veio na cabeça foi a de brigas com uma pessoa, uma desavença com o professor.

As ideias **30 e 51** são complementares porque ao despedaçar a argila, foi como se fossem as brigas, é quando você se separa, separa de tudo, separa dos amigos e tem desunião.

36 e 44 são complementares porque foi como se estivesse expulsado tudo aquilo que tava preso dentro de mim, que me machucava, e me fez super bem, quando comecei a destruir me senti mais leve.

53 e 54 são complementares quando a gente fez a escultura a gente viu a confiança no outro, o amor, a solidariedade, acho que as três esculturas elas se juntam numa só porque todo mundo já é amigo e nunca teve uma aproximação pra gente fazer um objeto, a escultura une.

IDEIAS DIVERGENTES

28, 32, 35, 41 e 42 são divergentes da **29** porque nas primeiras ideias no despedaçar da argila, pensei no estresse, na falta de tempo, que as vezes a gente quer fazer algo que não pode, aí a gente só pensou em coisas ruins, em jogá-las fora, como as raivas, tudo o que a gente passa, todos os sentimentos ruins que vivenciei e vivi na escola, o estresse. Por isso, quando pediram pra quebrar a argila, foi a oportunidade de materializar as coisas ruins que a gente sentia por dentro, que às vezes fica com aperto no coração e não tem como expressar e aqui foi espontâneo, você foi trazendo aquilo que você ia imaginando, ia sentindo, separando as coisas, é como você tivesse esse sentimento amor e retirasse dele só os ruins e na ideia **29** ao despedaçar a

argila, deu vontade de destruir!

IDEIAS OPOSTAS

As ideias 30 e 51 são opostas das ideias 49 e 52 são opostas porque nas ideias **30 e 51** porque ao despedaçar a argila foi assim como se fossem as brigas, é quando você se separa, separa de tudo, separa dos amigos e tem desunião e já nas ideias **49 e 52** quando falou em juntar veio aquela coisa toda com os amigos e acho que é justamente a união.

MODO DE FAZER A ESCULTURA

27. A gente foi afundando, abrindo a argila, pensando diferente(4),
28. Eu queria fazer um boneco. E acabou que eu peguei um pedaço e vi que as duas estavam fazendo uma coisa só, aí a gente juntou de novo e aí pegamos, modelamos e saiu a panela(4).
29. No toque das mãos eu senti a Bianca, aí prestei atenção e conheci a Gabby, aí a gente começou a escultura (4).
30. Juntamos, aí começamos a agir em grupo, todas nós sem saber com quem a gente tava(4),
31. pensei no coração, elas também pensaram da mesma forma, aí a gente, tentava fazer o coração a Walkiria vinha e fazia, aí a Tati ajudava (e) saiu perfeito, mas não porque a gente combinou, mas porque cada uma pensou no coração(4),
32. Andressa fazia do lado dela, eu fazia pro meu e a Tati pro dela e assim ia sair um coração pra três lugares(4)
33. quando eu vi que tava tendo duas pontas, vai terminar que não vai sair nada, aí eu peguei a mão da Walkiria e passei, mostrando pra ela que eu tava querendo fazer um coração, aí peguei a mão da Tati e fiz a mesma coisa, aí eu acho que elas perceberam que nós estávamos tentando fazer a mesma coisa, só que tava tendo duas pontas. Aí a gente foi e começou a fazer, e a partir do momento que a gente passou a fazer o coração a gente foi só ajeitando(4).
34. a gente pensou num coração e queria fazer pra um lado, e aí teve um momento que eu comecei a fazer pro lado da Andressa, e a Walkiria continuou fazendo do lado dela, aí a Andressa sem ainda saber quem era pegou nossas mãos e aí foi mostrando o formato, tipo assim, um alerta (4),
35. No começo senti dificuldade. mas depois que a gente começou a agir deu tudo certo (4).
36. Interessante a gente construir uma coisa que to vendo agora que eu fiz e a gente não tinha visto e nem podia falar e que é muito belo(4)
37. As mãos. De que jeito que uma mão lava a outra, o que um não conseguia imaginar, o outro vinha e completava (4).
38. Não conseguia estar aperfeiçoando, vinha o outro aperfeiçoar as mãos, ideias e pensamentos diferentes(4).
39. Quando um fazia uma coisa vinha o outro querendo, então pra gente poder ver e reunir numa escultura só a gente teve que recuar numas partes, ele teve que fazer outras, até que construímos essa escultura(4).
40. Um vulcão, um jarro, e vou botar aqui a flor(4).

CRUZAMENTO DE IDEIAS

56, 66 e 67 são complementares porque a gente foi afundando, abrindo a argila e o que um não conseguia imaginar, o outro vinha e completava, o que um não conseguia estar aperfeiçoando, vinha o outro aperfeiçoar as mãos, pois uma mão lava a outra unindo ideias e pensamentos diferentes.

58 e 59 são complementares porque no toque das mãos eu senti a Bianca, prestei atenção e conheci a Gabby, começamos a agir em grupo, todas nós sem saber com quem a gente estava e aí a gente começou a escultura.

61, 62 e 63 são complementares porque a gente pensou num coração e queria fazer pra um lado, e aí teve um momento que eu comecei a fazer pro lado da Andressa, e a Walkiria continuou fazendo do lado dela, aí a Andressa sem ainda saber quem era pegou nossas mãos e aí foi mostrando o formato, tipo assim, um alerta, pois a Andressa fazia do lado dela, eu fazia pro meu e a Tati pro dela e assim ia sair um coração pra três lugares e Andressa viu que tava tendo duas pontas, e percebeu que ao terminar que não ia sair nada, aí pegou na mão da Walkiria, mostrando pra ela que tava querendo fazer um coração, aí peguei a mão da Tati e fiz a mesma coisa, aí eu acho que elas perceberam que estávamos tentando fazer a mesma coisa, só que tava tendo duas pontas. Aí a gente foi e começou a fazer, e a partir do momento que a gente passou a fazer o coração a gente foi só ajeitando.

IDEIAS OPOSTAS

61, 62 e 63 são opostas a ideia 60 porque nas primeiras ideias disseram que mesmo sem saber quem era que estava junto, encontraram um modo de planejar a produção da escultura e na ideia **60** não houve planejamento porque pensei no coração, elas também pensaram da mesma forma, aí a gente tentava fazer o coração a Walkiria vinha e fazia, aí a Tati ajudava e saiu perfeito, mas não porque a gente combinou, mas porque cada uma

MOTIVO DA ESCOLHA DO NOME DA ESCULTURA

41. como a gente convive há muito tempo juntas, passa o dia praticamente juntas, a amizade que a gente já tem uma com a outra se resume no AMOR, é o nome da nossa escultura(6).

42. pensamos a mesma coisa, (um coração) e isso é difícil acontecer, mas por a nossa amizade ser há muito tempo e é verdadeira, tudo a gente compartilha(6),

43. um amigo, percebendo que ele não tá fazendo a coisa certa, tem que levar e mostrar o caminho certo. Por isso que o nome da nossa escultura é o "AMOR", não só o amor de homem pra mulher, mas o amor entre amizade, de você cuidar, de se preocupar(6).

44. Porque mesmo "UNION"? A gente queria botar "união", mas como é escultura pensamos em mudar botar um nome próprio. E foi assim que ficou: afeto UNION (6).

CRUZAMENTO DE IDEIAS

70 e 71 são complementares porque o afeto coração-amor foi escolhido porque como a gente convive há muito tempo juntas, passa o dia praticamente

juntas, a amizade que a gente já tem uma com a outra se resume no AMOR, é o nome da nossa escultura e como pensamos a mesma coisa, um coração e isso é difícil acontecer, mas por a nossa amizade ser há muito tempo e é verdadeira, tudo a gente compartilha.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO “Prof. Mariano da Silva Neto”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO – ININGA
TELEFONES: (86) 3215-5820/337-1214 – FAX: (86) 3237-1277
64.049-550 – TERESINA – PIAUÍ e.mail: ppged@ufpi.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: SOCIOPOETIZANDO AFETOS NA ESCOLA: CONFETOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE.

Pesquisador responsável: SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD

Instituição/Departamento: COLÉGIO AGRÍCOLA DE BOM JESUS

Telefone para contato (inclusive a cobrar); (89)- 3562-2373

Pesquisadores participantes: Kathia Raquel Piauilino Santos

Telefones para contato: (89)- 3562-2373 / (89)-9985-2168

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa acima citada. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que vamos realizar. Sua colaboração será muito importante para nós.

A pesquisa tem como objetivo analisar as ideias e os conceitos sobre os afetos na escola produzidos pelos alunos dos cursos técnicos do Colégio Agrícola de Bom-Jesus (CABJ), uma escola de ensino técnico profissionalizante vinculada à Universidade Federal do Piauí. A expectativa desta pesquisa será identificar as problemáticas que atravessam os alunos em torno dos afetos na escola bem como apontar o que potencializa os alunos diante das problemáticas em torno dos afetos na escola. Para a realização desta pesquisa usaremos a abordagem metodológica conhecida como Sociopoética. O processo de uma pesquisa Sociopoética divide-se em: oficinas de produção e análise dos dados pelos copesquisadores e posteriormente pelo facilitador (pesquisador oficial). Também será utilizada, também, a

observação nas oficinas. No momento das vivências, o facilitador observará aspectos do vivido e para a descrição do processo utilizar-se-á o diário de campo e a fotografia, pois os dados não-verbais, cujo registro não se poderia restringir ao diário de campo, será documentado visualmente pela fotografia. Os relatos orais serão gravados para que a pesquisadora registre fielmente o que lhe for dito, respeitando a fala e o pensamento de cada participante. Todas as medidas para garantir a segurança das pessoas participantes serão garantidas. E em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. É importante, dessa forma, destacar a importância do desenvolvimento da pesquisa para que busque nas percepções desses alunos, o que eles com suas experiências podem sugerir ou contribuir para tornar as relações em sala de aula de aula mais afetivas.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, RG _____ / CPF/ _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo SOCIPOETIZANDO AFETOS NA ESCOLA: CONFETOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo SOCIPOETIZANDO AFETOS NA ESCOLA: CONFETOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE. Eu discuti com o Dr^a. Shara Jane Costa Adad Holanda sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Local e data

Bom Jesus, 08 de outubro de 2012

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Bom Jesus, 08 de outubro de 2012.

Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella -
Bairro Ininga

Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI

tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: www.ufpi.br/cep